

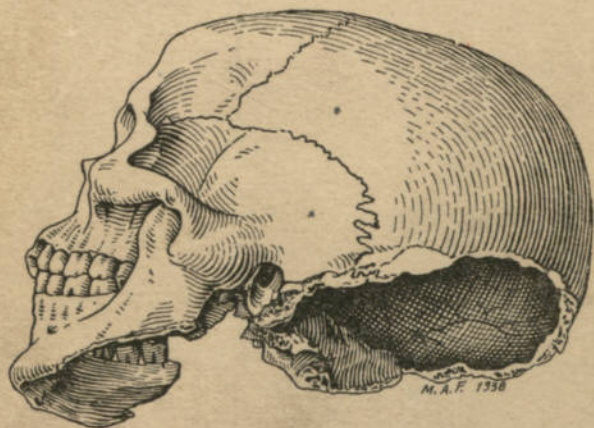
J. A. PIRES DE LIMA

DIRECTOR DO INSTITUTO DE ANATOMIA DA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO

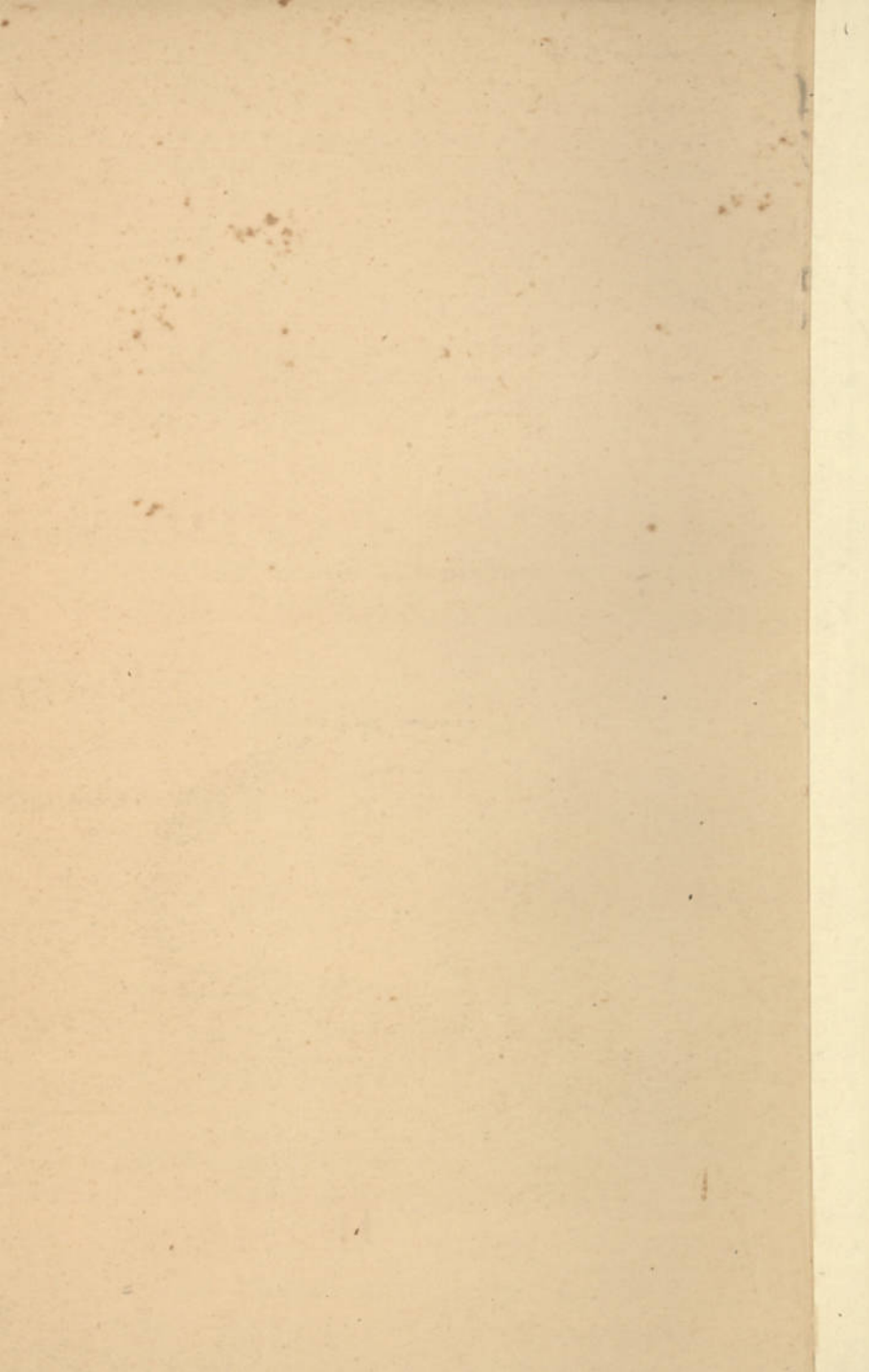
S.P.
23.044

OS POVOS

DO IMPÉRIO PORTUGUÊS



LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - PORTO



*Ex. 10.
22.02.22*

Os povos do Império Português



DO MESMO AUTOR:

As anomalias dos membros nos Portugueses — 1 vol. de 180 pág. com 85 fig. — Pôrto, 1927.

Sora da Aula (coleção de artigos e vulgarização científica) — 1 vol. de 334 pág. — Pôrto, 1929.

Vícios de conformação do sistema uro-genital — 1 vol. de 212 pág. com 115 fig. — Pôrto, 1930.

D. Afonso VI (a sua doença e a anulação do seu matrimónio) — 1 vol. de 74 pág., profusamente ilustrado (de colaboração com A. A. Pires de Lima — Pôrto, 1937.

Ares do Campo (Impressões do Minho) — 1 vol. de 149 pág. — Barcelos, 1937

Memórias — 1 vol. de 136 pág. — Pôrto, 1938.

No prelo:

Tradições populares de Entre-Douro e Minho (de colaboração com F. C. Pires de Lima.

DEP. LEG.

J. A. PIRES DE LIMA

Director do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto
Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa



**Os povos do
Império Português**

(Estudos antropológicos)

R. 134785



1938

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PÔRTO

Composto e Impresso na Tipografia e Encadernação
DOMINGOS DE OLIVEIRA
CAMPO MÁRTIRES DA PÁTRIA, 144 - A - PORTO

Prefácio

Logo que organizei o Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto e que tomei a sua direcção, pensei que era meu dever iniciar nesta cidade a investigação anatómica, na qual devia dar a primazia a estudos de morfologia dos Portugueses, tanto da metrópole como do nosso vasto império ultramarino.

As raças que povoam as nossas colónias estavam quasi inteiramente por estudar, o que me parecia indecoroso para o nosso brio de povo culto.

Desde 1871, numa série de relatórios, proclamava o estudioso médico Dr. Ferreira Ribeiro a necessidade de praticar medidas antropométricas nos indígenas das nossas colónias, a necessidade

de conhecer cientificamente os povos atrasados que, há mais de quatro séculos, estão sob o nosso domínio.

Não tiveram eco os clamores de Ferreira Ribeiro, pois só em 1896 é que o sábio oficial do exército Fonseca Cardoso publicou o primeiro trabalho português sobre antropologia colonial. Foi muito vasta a observação do pioneiro nacional da ciência antropológica nos nossos domínios ultramarinos.

Essa observação estendeu-se à Índia, Angola e Timor, e os dados, tão numerosos como importantes, que Fonseca Cardoso colheu, foram, por sua morte, entregues ao Professor Mendes Correia, que os aproveitou para uma série de valiosas memórias.

Foi do Pôrto, do grupo brilhante da «Portugália», que partiu o incitamento para o estudo da antropologia das nossas colónias.

Com grande ardor o recebeu Mendes Correia, iniciador do ensino oficial de Antropologia no Pôrto, organizador do Instituto de Antropologia da nossa Universidade e fundador da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Por sua vez, os Professores Eusébio Tamagnini e Barros e Cunha, no magnífico Instituto de Antropologia de Coimbra, vão-se ocupando do mesmo assunto, bem como em Lisboa o Professor Henrique de Vilhena, no seu opulento «Arquivo de Anatomia e Antropologia».

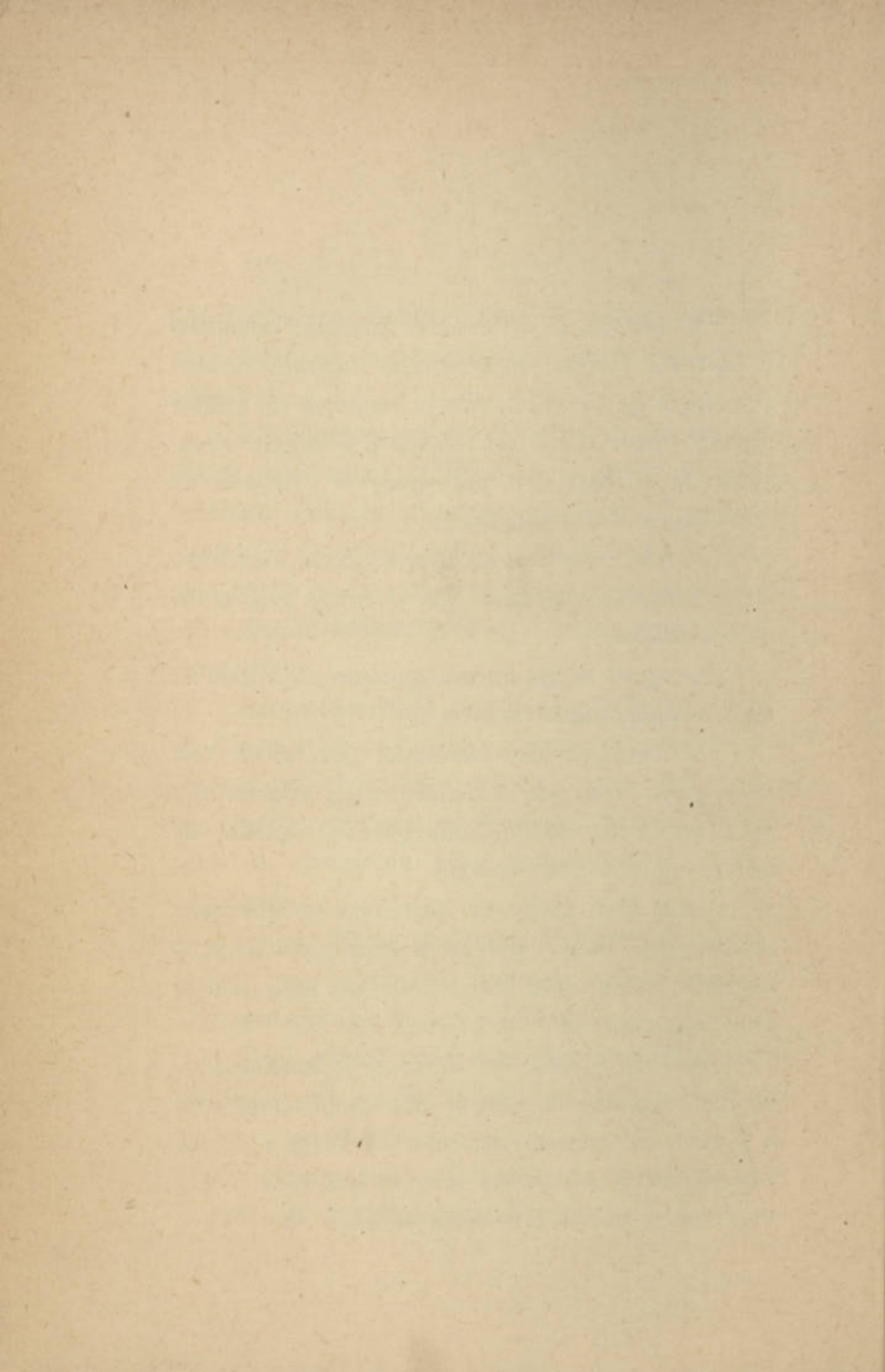
Grandes teem sido os esforços dêstes cientistas, mas é forçoso confessar que a tarefa está quási no seu início.

Por agora desejo apenas mostrar que o assunto me tem apaixonado também.

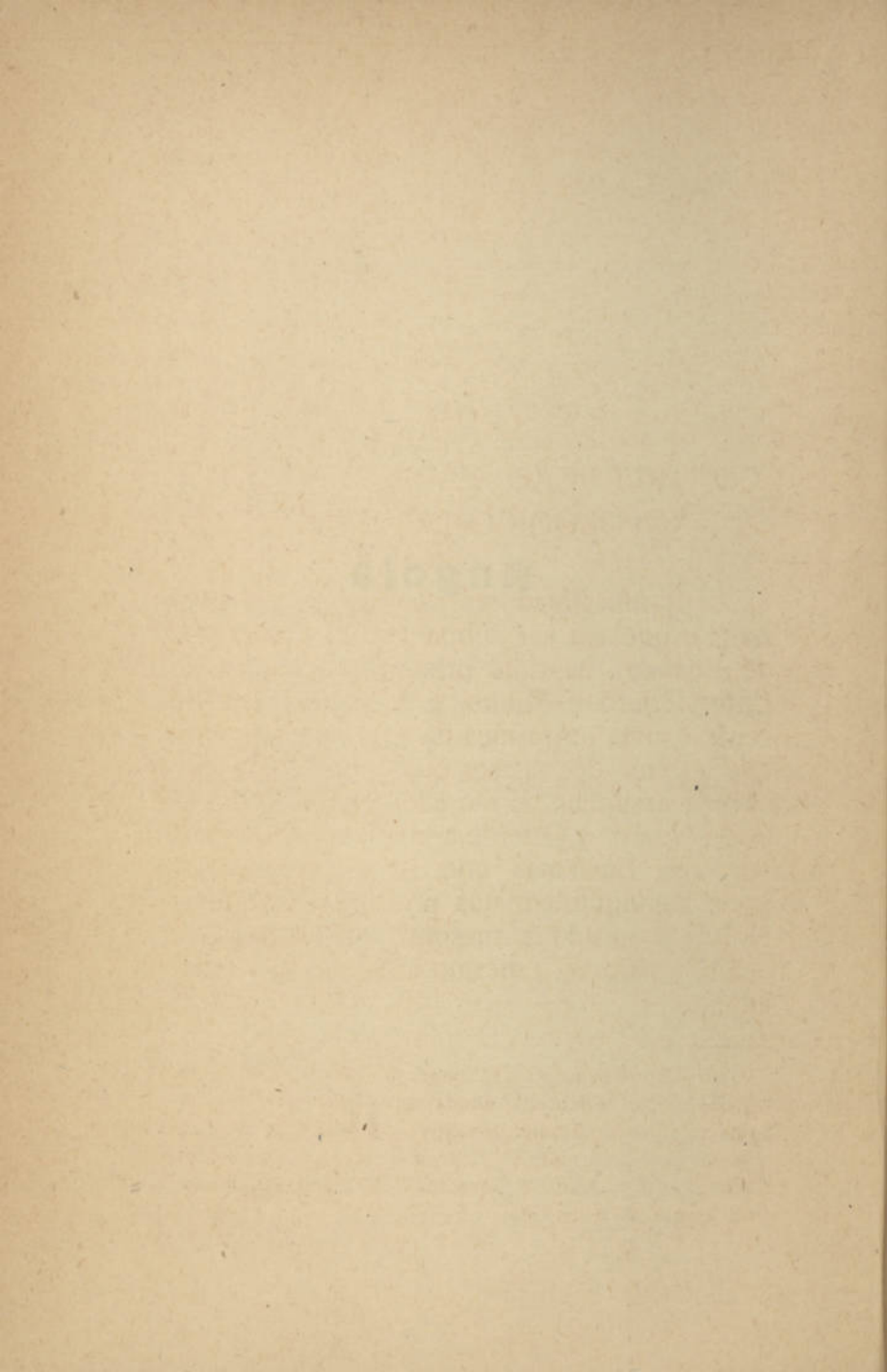
Do Instituto de Anatomia que dirijo tem saído uma série de trabalhos, cuja enumeração pode ver-se na bibliografia que vai apensa ao último capítulo dêste volume.

Neste livro coligi as memórias em que mais directamente posso mostrar a minha colaboração modesta numa obra que repulo do mais alto e puro nacionalismo.

Por muito feliz me daria se a edição dêste volume chamasse a atenção dos competentes para a urgente necessidade de tentar um largo plano de estudos sôbre a história natural dos homens que habitam as nossas províncias de além-mar.



Angola



I

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO ANTROPOLÓGICO DO ANGOLENSE

Três investigadores assinam esta memória (1), que vai ser submetida ao Congresso de Luanda: os dois primeiros oriundos de Entre-Douro-e-Minho, e o terceiro pertencente a uma outra raça de longínquo *habitat*, que o génio dos nossos quinhentistas foi procurar e assimilar. E tão eficazmente foi transportada para o Oriente a cultura da «Ocidental Praia Lusitana» que, se a Antropologia pode distinguir em nós profundas diferenças étnicas, contudo a mesma alma portuguesa em nós palpita, o mesmo ideal patriótico nos anima.

(1) Apresentada ao I Congresso de Medicina Tropical da África Ocidental (Luanda, 1924) por J. A. Pires de Lima, prof. de Anatomia descritiva da Faculdade de Medicina do Porto, Hernâni B. Monteiro, encarregado de curso da mesma Faculdade e Constâncio Mascarenhas, médico pela Escola de Nova Gôa.

Em fins de Março, Froilano de Melo, o sábio indo-português chamado a Angola para trabalhar no projectado Congresso de Medicina de Luanda, instou connosco para que colaborássemos naquela reunião científica. O tempo era escasso, e todos nós nos encontrávamos assoberbados com múltiplos trabalhos. Julgamo-nos contudo obrigados a aceder ao convite e vamos procurar contribuir, ainda que modestamente, para o êxito da empresa de reunir em Luanda um Congresso científico internacional. Em Luanda, terra de pretos e de condenados, capital de uma vasta e misteriosa região onde a voz suave dos nossos missionários e a espada forte dos nossos guerreiros teimam em criar uma das mais ricas nações do Império Português! Que a reunião do Congresso seja a primeira manifestação de uma vida intelectual, capaz de mostrar ao Mundo que o espírito audaciosamente aventureiro dos portugueses e a sua tradicional capacidade colonizadora se mantém integralmente.

Na colecção do Instituto de Anatomia do Pôrto existem 18 crânios de negros indígenas da Província de Angola, e mais quatro mandíbulas soltas. Nove desses crânios (números 157 a 165 da colecção do Instituto) foram oferecidos pelo Dr. Manuel Bragança, que os

trouxe de Mutano (Humbe) em 1917. Pertenciam a indivíduos daquela região vitimados pela fome que se seguiu à última guerra do Sul de Angola. Seis foram trazidos em 1919 pelo Dr. Fernandes Tôres (n.ºs 253 a 258). Pertenciam a sobas da região de Libolo (Cuanza-Sul), que sucumbiram por ocasião da revolta do ano anterior. Com êsses crânios vieram três mandíbulas soltas (n.ºs 73, 74 e 75 da nossa colecção). Os três crânios restantes (n.ºs 220, 259 e 286) eram de Negros angolenses que morreram no Pôrto: O 1.º era da serviçal Aurora A. L., de 35 anos, natural de Benguela, falecida a 28-VII-918, o 2.º pertencia a Francisco F., de 35 anos, jornalista, natural de Luanda, falecido a 8 de Maio de 1919 e o 3.º pertenceu a uma rapariga de 13 anos, serviçal, também nascida em Luanda e falecida em 1921.

Indicaremos sumariamente os caracteres descritivos mais salientes de cada crânio, passando depois à craniometria, e confrontando por fim os resultados das nossas indagações com as dos outros autores que nos precederam no estudo da antropologia de Angola, tão pouco conhecida ainda.

Crânio n.º 197 — Parece do sexo feminino. Tem as fossas caninas escavadas, apófise marginal do malar acentuada e através-

sada por um canal, três buracos na face externa de cada malar, um dente supranumerário entre o 1.º e o 2.º pequenos molares superiores esquerdos. Possui canal supraespinhoso de Gruber em ambas as escamas do temporal e o ptérion é em X. O ínion é muito apagado e o buraco occipital assimétrico. Na sutura lambdoideia vêem-se vários pequenos ossos vórmios.

Crânio n.º 158 — Parece do sexo masculino. Malares muito salientes. Mutilações dentárias étnicas nos quatro incisivos inferiores; estas mutilações foram já estudadas por um de nós (Hernâni Monteiro — ver bibliografia). Sinostose adiantada das suturas. O crânio é fortemente achatado no sentido transversal, as fossas temporais são muito deprimidas, com a largura biestefânica reduzida, e os parietais apresentam três profundos sulcos ântero-posteriores: um médio correspondente à sutura sagital e dois laterais, junto da linha curva temporal. A abóbada palatina é ogival.

Crânio n.º 159 — Parece do sexo feminino. Sem mandíbula. Fossas parietais muito salientes, pequeno ôsso vórmio no lambda e ptérions em X. Persistência de sutura eseno-occipital, o que revela tratar-se

de indivíduo novo. Ausência de buracos condilianos posteriores. Abóbada palatina muito achatada e alvéolos dos incisivos médios muito projectados para diante, quasi horizontais. Vestígios de sutura incisiva. Buraco occipital muito alongado. Apófises mastoideias muito pouco salientes.

Crânio n.º 160 — Parece do sexo masculino. Sem mandíbula. Glabela e arcadas supraciliares muito acentuadas. Apófises mastoideias atarracadas e rugosas. Asas externas das apófises pterigoideias exuberantes.

Crânio n.º 161 — Parece do sexo feminino. Sem mandíbula. Buracos supra-orbitários. *Os planum* do etmóide de ambos os lados muito reduzido (16^{mm}. 13^{mm}). Êste crânio apresenta uns prolongamentos retro-etmoidais dos frontais, anomalia muito rara, segundo *Le Double* (*Variations des os du crâne*. Paris, 1903). Encontram-se nêles também circunstâncias curiosas nas suturas: persiste a sutura eseno-occipital, há vestígios da sutura incisiva, persistem as suturas coronal e lambdoideia e, pelo contrário, já se deu por completo a sinostose da sagital.

Crânio n.º 162 — Parece do sexo masculino. Assimetria dos ossos nasais, mutilações

dentárias étnicas dos incisivos inferiores, dois buracos malares à direita, ossos vórmios no lambda. Na norma basilaris nota-se: persistência da sutura incisiva, profunda fosseta navicular na apófise basilar, asas externas das apófises pterigoideias exuberantes, ausência do buraco condiliano posterior esquerdo e forma alongada e assimétrica do buraco occipital.

Crânio n.º 163 — Parece do sexo masculino. Apófises marginais do malar acentuadas, buracos supra-orbitários, mutilação dentária étnica, fossas caninas profundas. O ptérion é em X à direita, as apófises estiloides são exuberantes, assim como as pterigoideias, e as ranhuras digástricas muito profundas.

Crânio n.º 164 — Parece do sexo masculino. Este crânio é muito pesado (920 gr. com a mandíbula). Mutilações dentárias étnicas. Fossas caninas profundas. Abertura anterior das fossas nasais nitidamente em forma de ás de copas. Malares muito salientes e as fossas temporais profundas, assim como as ranhuras digástricas. Fosseta navicular acentuada. A raiz longitudinal da apófise zigomática direita é atravessada por um canal que penetra na cavidade craniana (bu-

raco supra-glenoideu, muito desenvolvido). Buraco occipital arredondado.

Crânio n.º 165 — Parece do sexo masculino. Assimetria dos ossos nasais. Mutilações dentárias étnicas. Fossas caninas profundas. Buraco incisivo muito desviado para trás. Desdobramento da apófise mastoideia.

Crânio n.º 253 — Sexo masculino. Apófise marginal do malar acentuada e bôrdo inferior da arcada zigomática muito rugoso. Crânio assimétrico. Fossas temporais profundas. Vestígios da sutura incisiva. Saliência exagerada das asas externas e do gancho das asas internas das apófises pterigoideas. Ossos vórmios no astérion e no lambda.

Crânio n.º 254 — Sexo masculino. Canal frontal lateral esquerdo (*Le Double*). Dente supranumerário entre o canino e o primeiro molar direito, incluso no alvéolo. Buraco infra-orbitário direito muito largo. Ossos vórmios ptérico direito e astéricos. Apófises mastoideias atarracadas. Crista têmpero-zigomática esquerda com duas espinhas. Buraco mastoideu esquerdo muito largo e dois buracos mastoideus à direita.

Crânio n.º 255 — Sexo masculino. Buracos supra-orbitários (duplo à esquerda) e canal frontal lateral externo direito. Malares muito salientes. Vestígios de paramastoideia direita. Ossos vórmios astéricos direitos. Fossas temporais profundas, com relêvo exagerado das linhas curvas temporais.

Crânio n.º 256 — Sexo masculino. Malares com apófises marginais salientes, com quatro buracos na face externa à direita e dois à esquerda, e com bordos inferiores muito rugosos. Ossos nasais assimétricos, buraco supra-orbitário à esquerda, e buracos infra-orbitários muito largos. Fossas caninas profundas. O ínion, as linhas curvas occipitais e as linhas curvas temporais muito acentuadas. Apófise mastoideia volumosa, rugosa e com esbôço de desdobramento. Apófise estiloides muito grossa, asa externa e gancho da asa interna das pterigoideias muito desenvolvidas. Numerosos ossos vórmios, um deles muito desenvolvido, na sutura lambdoideia. Buraco occipital ovóide e superfícies articulares dos cêndilos occipitais fortemente inclinados para fora.

Crânio n.º 257 — Sexo masculino. Malares muito salientes, buracos infra-orbitários largos. Fossas temporais e linhas curvas

temporais muito acentuadas. Osso vórmio astérico esquerdo. A apófise mastoideia esquerda é grossa e a direita é desdobrada pela ranhura digástrica. Dois buracos mastoideus de cada lado. Apófises estiloideias muito desenvolvidas. Apófises geni exuberantes.

Crânio n.º 258 — Sexo masculino. Fronte fortemente oblíqua e apófises orbitárias externas muito desenvolvidas. Buraco supra-orbitário esquerdo; buracos infra-orbitários largos. Glabela e arcadas supraciliares muito salientes. Apófises de *Sandifort* e apófises geni acentuadas. Fossas temporais muito profundas. Apófise estiloideia esquerda muito desenvolvida. Inion e linhas curvas occipitais muito salientes e face pósterio-inferior do occipital muito rugosa. Asas externas das pterigoideias desenvolvidas.

Crânio n.º 220 — Sexo feminino. Dois buracos malares à esquerda e largos buracos infra-orbitários. Ptérion em H deitado à direita e osso vórmio ptérico à esquerda. Volumoso osso epactal. Asas das apófises pterigoideias desenvolvidas.

Crânio n.º 259 — Sexo masculino. De todos os crânios angolenses que possui o Instituto de Anatomia, é o único em que existe

persistência da sutura metópica. Malares muito salientes, com dois buracos malares de cada lado, e fossas caninas profundas. Amplo buraco mastoideu à esquerda e dois à direita. Pequenos ossos vórmios no lambda e ausência de buraco condiliano posterior direito.

Crânio n.º 286 — Sexo feminino. Êste crânio não possui calote, motivo porque nêle só se tomaram medidas na mandíbula. Buraco supra-orbitário direito, apófise marginal dos malares e canal frontal lateral externo direito. Apófises geni exuberantes. Buraco oval em forma de fenda estreita à direita e larga à esquerda. Porus crotaphyticøbucinatorius de Hyrtl à direita. Abóbada palatina achatada, prognatismo alveolar, alvéolos incisivos quási horizontais. Persistência da sutura esfeno-occipital. Ossos vórmios astéricos. Fosseta navicular. Ausência de buracos condilianos posteriores.

Em todos os crânios notamos que a abertura nasal é baixa, os ossos nasais quási planos e as maxilas prognatas.

As mandíbulas angolenses são rombas, mal esculpidas, espessas, sobretudo no bôrdo inferior, têm as apófises coronoideias e os côndilos largos na base, e a chanfradura sigmoi-

deia pouco acentuada. Os ramos são baixos e largos, o mento pouco saliente e a linha oblíqua externa pouco nítida.

Nas fotografias publicadas na memória original podem verificar-se os caracteres morfológicos mais salientes dos crânios provenientes do Humbe (Fig. 1 e 2, crânio n.º 162) e do Libolo (fig. 3 e 4, crânio n.º 255).

A referida memória que, em nome dos autores, foi apresentada ao Congresso pelo Rev.º Missionário Cónego Miranda Magalhães, recentemente falecido, publicava cinco quadros com as medidas que tomamos nos nossos crânios angolenses. A técnica empregada foi a indicada por *Frassetto* nas suas *Lezioni di Antropologia*.

Distribuição do índice cefálico em Angola

Povos, raças e localidades	Índice cefálico médio	Observadores e número de crânios (*) e de indivíduos vivos
Bavili, Tchintchotcho	72,5	6 * <i>Hartmann</i> , 1 * <i>Krause</i> , 3 * <i>Schultz</i> , 1 <i>Weisbach</i> .
Bacongo, Cabinda, Landana	73,7	1 * <i>Falkenstein</i> , 4 * <i>Abraham</i> , 2 * <i>Hartmann</i> , 2 <i>Zintgraff</i> .
Echicongo, S. Salvador	72,8	4 <i>Zintgraff</i> , 4 <i>Jaques</i> .
Rio Cuango	74,7	2 * <i>Hartmann</i> .
Luango, Dembos (Zambi-Aluquem)	75,6	3 * <i>Mendes Correia</i> , 5 <i>Padre Magalhães & M. Correia</i> .
Ambundo, Luanda, Dondo	73,2	2 * <i>Rudinger</i> , 1 * <i>Hartmann</i> , 2 <i>Weisbach</i> , 1 <i>Mendes Correia</i> .
Ovimbundo, Bié, Capoco	75,1	2 * <i>Shrubsall</i> , 1 <i>Deniker & Laloy</i> , 4 <i>Mendes Correia</i> .
Andulo, Chisamba, Mochingue	75,1	28 <i>Mendes Correia & Fonseca Cardoso</i> .
Luimbe	75,6	82 <i>Mendes Correia & Fonseca Cardoso</i> .
Tchoqué, Ndumba Tembo, Moxico	77,1	1 <i>Deniker & Laloy</i> , 90 <i>Mendes Correia</i> .
Luena, Nana Cadundo, Caquengue	77	101 <i>Mendes Correia & Fonseca Cardoso</i> .
Lutchazes, Luatamba	75,1	46 <i>Mendes Correia & Fonseca Cardoso</i> .
Ambuela, Mambunda, Cangamba...	74,9	7 <i>Mendes Correia & Fonseca Cardoso</i> .
Casequere	73,4	1 <i>Deniker & Laloy</i> .
Nganguela	75,3	2 <i>Deniker & Laloy</i> .
Assumbi, Novo Redondo	74,2	1 * <i>Flower</i> , 2 * <i>Mendes Correia</i> .
Benguela	72,4	1 * <i>Shrubsall</i> .
Bandombe, Dombe grande	77,5	1 * <i>Flower</i> , 2 <i>Deniker & Laloy</i> .
Mossâmedes	75,2	1 <i>Shrubsall</i> .
Humbe, Mutano	73,6	9 * <i>Pires de Lima</i> , <i>Hernâni Monteiro & Constâncio Mascarenhas</i> .
Libolo, Quanza-Norte	72,3	6 * <i>Pires de Lima</i> , <i>Hernâni Monteiro & Constâncio Mascarenhas</i> .
Luanda	77,6	1 * <i>Pires de Lima</i> , <i>Hernâni Monteiro & Constâncio Mascarenhas</i> .
Benguela	72,8	1 * <i>Pires de Lima</i> , <i>Hernâni Monteiro & Constâncio Mascarenhas</i> .

Em vista do número relativamente pequeno dos crânios que acabamos de estudar, tendo nós obtido, para uniformidade dos estudos portugueses respeitantes a Angola, o mesmo número de medidas antropométricas que o professor *Mendes Correia* obteve no seu trabalho sobre os «Luangos da região dos Dembos», com o acrescentamento da medida do diâmetro bimastoideu, tomada sobre os «três crânios de Mossumbes», não nos julgamos autorizados a tirar conclusões antropológicas especializadas, embora muitos autores o tenham feito com um número de observações por vezes consideravelmente inferior ao por nós apresentado.

As nossas conclusões — e chamamos-lhes assim só para brevidade de expressão — não são mais do que um resumo, uma síntese das medidas tomadas e dos índices determinados, cujas médias nos dão a impressão mais ou menos exacta do aspecto, das características, das linhas gerais, diremos melhor, da facies antropológica dos crânios que foram o objecto do nosso estudo.

Do quadro da média dos índices infere-se, pela média do índice cefálico, que os nove crânios do Humbe e os seis crânios do Libolo são perfeitamente dolicocéfalos, como também o crânio de Benguela, sendo subdolicocéfalo o crânio de Luanda. A média do índice na-

sal mostra-nos que são todos êles platirrínios, à excepção do crânio de Luanda, que apresenta o índice notavelmente elevado, o que nos leva a filiá-lo na ultra-platirrinia. A média do índice orbitário mostra-nos que os crânios do Libolo e o crânio de Benguela são camecônquios, enquanto que os crânios do Humbe são mesocônquios, nitidamente mesocônquio o crânio de Luanda. A média do índice facial denota que todos êles são leptoprósopos, sendo mais elevado o índice dos crânios do Humbe. A média da capacidade craniana dá-nos 1482 c., 3 para os crânios do Humbe, 1421 c., 3 para os do Libolo, 1399 c., 3 para o de Luanda e 1304 c., 3 para o de Benguela; a média da capacidade craniana de todos os crânios no seu conjunto é de 1393 c., 3, o que nos indica que ela é baixa em relação à capacidade craniana normal, avaliada pelo método de *Manouvrier*, e nos leva a concluir que o peso do encéfalo, fácil de determinar, é mais baixo também. Pelo índice vértico-longo, os crânios do Humbe são ortocéfalos, à excepção do número 162, que é platicéfalo; os crânios de Libolo são ptaticéfalos, à excepção do número 265, que é hipsicéfalo; e o crânio de Luanda é platicéfalo, como também o de Benguela. Pelo índice vértico-transverso, os crânios do Humbe, na sua maior parte, são hipsicéfalos; apenas dois são ortocéfalos. Dos

seis crânios do Libolo, quatro são ortocéfalos e dois hipsicéfalos; o crânio de Luanda é platicefalo e o de Benguela hipsicéfalo. Pelo índice do buraco occipital vemos que, dos nove crânios do Humbe, seis são microsémios, um é mesosémio e dois são megasémios; dos seis crânios de Libolo, cinco microsémios e apenas um mesosémio; o crânio de Luanda e o de Benguela são microsémios também.

Pela freqüência dos índices do buraco occipital, vértico-longo e vértico-transverso mais baixos, do índice nasal mais elevado, e da capacidade craniana mais baixa, nota-se que estes crânios apresentam, na classificação geral das raças, as nítidas características das raças inferiores.

Confrontemos agora as nossas observações com as que obtiveram outros antropologistas que estudaram as raças de Angola. Como se vê no Quadro e na Bibliografia, os primeiros que observaram negros ou crânios provenientes da nossa África Ocidental foram *Falkenstein* (1877), *Weisbach* (1878), *Flower* (1879), *Zintgraff* (1886) e *Abraham* (1879-1888). Todos eles estudaram números diminutos de indivíduos. Depois, *Deniker & Laloy* estudaram uma série de Angolenses que foram visitar a exposição de Paris em 1889. Eram ao todo 17, sendo 3 da costa (Mondombes),

5 Ganguelas, 2 Quiocos, 5 da Lunda e 2 de proveniência desconhecida. Em seguida, até ao fim do século XIX, observaram alguns indivíduos de Angola ou seus crânios: *Rudinger, Hartmann, Jacques, Krause, Shruball*. Foram contudo muito poucos os exemplares estudados por êsses autores.

A partir de 1915 é que se intensificaram um pouco mais as investigações antropológicas sôbre Angola. Desde então, o professor *Mendes Correia* publicou quatro memórias, duas meramente pessoais, com o estudo de três crânios de negros Mossumbes, e de quatro crânios de Luangos da Região dos Dembos. Êste último insere ainda as mensurações antropométricas colhidas na mesma região pelo rev. missionário Padre *Miranda Magalhães*. As outras duas memórias do professor *Mendes Correia* constituem a mais importante contribuição até agora trazida para o conhecimento da antropologia angolense. Foram coordenadas por aquele professor, sôbre numerosos dados colhidos *in loco* pelo malogrado antropologista *Fonseca Cardoso*. Na primeira destas últimas memórias ocupa-se o professor *Mendes Correia* de 341 indivíduos (112 Quiocos, 82 Luimbes, 101 Luenas e 46 Lutchazes).

Igualmente importante é a segunda memória, que se ocupa dos Bin'bundo, dos Andulos e dos Ambuelas-Manbundas; dos primeiros tomou *Fonseca Cardoso* medidas em 4, dos segundos em 28 e dos últimos em 7.

Ultimamente apareceram ainda os seguintes trabalhos sôbre a antropologia da nossa África Ocidental: O saudável antropologista *Costa Ferreira* publicou uma nota preliminar sôbre uma rica colecção de crânios de Angola existentes na Sociedade de Geografia de Lisboa; *Schultz* estudou 3 crânios, um de nós (*Hernâni Monteiro*) observou curiosas mutilações dentárias étnicas e *Struck* publicou um notável trabalho de conjunto sôbre a distribuição do índice cefálico na África central. O nosso Quadro (pág. 22) é um resumo do quadro dêsse autor, relativo a Angola, acrescentado das nossas observações pessoais. Pelo que se vê, conhecia *Struck* tudo o que se tinha feito sôbre antropometria angolense. Infelizmente não estava igualmente informado pelo que respeita à antropometria da nossa vasta colónia do Oriente da África. Sôbre Moçambique conhece apenas antigos e estrangeiros documentos relativos a 41 observações, sendo 5 no vivo e as restantes em crânios. A maior parte dos exemplares estudados são Macuas de Moçambique (16 — índice cefálico médio 74,0) e do Boror (13 — índice médio 74,2),

5 Maravis (índice 72,5), 4 Vaiaus (73,9), 2 Inhambanes (72,6) e 1 Sena (72,0). *Quatre-jages* estudou 16 indivíduos, *Shrubal* 5 e vários outros antropologistas limitaram-se a estudar 1, 2 ou 3 apenas.

Pena foi que *Bernhard Struck* (de Dresde) não conhecesse o trabalho do professor *Américo Pires de Lima*, que mediu *in loco* (1916-1917) 170 negros de Moçambique, adultos, do sexo masculino, e das proveniências mais diversas: Mocímboas, M'juas, Macuas da região do Medo, Macuas da região de Moçambique, Quelimanes, Tetes, Inhambanes e Landins.

Examinando o Quadro, vê-se que a nossa contribuição para o estudo dos Negros de Angola, a-pesar-de modesta, é a mais importante pelo que respeita ao número de crânios examinados. Observando êsse quadro em face da carta publicada por *Struck*, vê-se que a distribuição do índice cefálico em Angola, segundo os estudos que até agora tinham sido feitos, era a seguinte: A zona de índice mais baixo ficava ao sul do rio Congo, em volta de S. Salvador (71-73). No litoral, desde o Congo até Benguela e numa faixa que se estende horizontalmente para o interior, um pouco ao Norte do paralelo de Luanda, o índice cefálico seria um pouco mais elevado

(73-75). A mesma média correspondia a uma vasta zona que se estende desde a foz do Cunene até o interior da Província. Em volta de Mossâmedes e em quási todo o interior de Angola, o índice médio seria de (75-77). Em duas pequenas zonas, uma à roda de Benguela e outra muito no interior e quási no mesmo paralelo, a média do índice cefálico seria um pouco superior.

As nossas conclusões discordam um pouco destas, pois que nos dão 72,3 para o Libolo e 73,6 para o Humbe. O crânio de Luanda, por nós estudado, tem o índice cefálico mais elevado que o de tôdas as médias que têm sido encontradas em Angola (77,7), ao passo que a média do índice cefálico dos crânios do Libolo é a menor que naquela nossa colónia tem sido averiguada. (1)

Informou-me o dr. Bernhard Struck em 5-V-25 que, no seu quadro, aproveitado por nós no Quadro VI, aqui publicado também, apenas registou as mensurações de indivíduos masculinos e que, para ser completo, deveríamos registar também as medidas de indivi-

(1) Pela bibliografia publicada no último capítulo deste livro, ver-se-á que, nos últimos anos, se têm feito outros estudos sôbre Angola,

duos do sexo feminino estudados pelos mesmos autores.

Informou-me também Struck que os dois crânios do rio Congo não deverão considerar-se angolenses, pois foram colhidos na margem direita daquele rio, portanto em território pertencente ao Congo belga.

BIBLIOGRAFIA (*)

Falkenstein (1877) Ueber die Anthropologie der Loango-Bewohner, *Zeit f. Ethnol.* Bd. 9.

Weisbach (1878) Körpermessungen verschiedener Menschenrassen. *Zeit. f. Ethnol.*, Bd. 9.

Flower (1879) Catalogue of the specimens illustrating the osteology and dentition of vertebrated animals recent and extinct, contained in the Museum of the Royal College of Surgeons of England-I Man.

Zintgraff (1886) Körpermessungen von Negern am Congo. *Z. f. Ethn.* Bd. 18.

Abraham (1879-88) On a collection of crania and other objects of ethnological interest from the South-West coast of Africa. *Proc. R. Irish Acad.*

* *Deniker & Laloy* (1890) Les races exotiques à l'exposition universelle de 1889. Les nègres de l'Afrique occidentale. *L'Anthropologie I.*

Rüdinger (1892) Die Rassen - Schädel und Skelette in der anatomischen Anstalt in München.

Hartmann (1893) Das anthropologische Material des anatomischen Museums der Kgl. Universität zu Berlin.

(*) Só pude consultar os trabalhos precedidos de *.

Jacques (1897) *Mensurations anthropométriques de trente-neuf nègres du Congo. Bull. Soc. Anthr. Bruxelles, 15.*

Krause (1898) *Das anthropologische Material des I. anatomischen Institutes der Kgl. Universität zu Berlin.*

Shrubsall (1899) *A study of a Bantu Skulls and crania. J. Anthr. Inst. 28.*

* *Mendes Correia* (1915) *Sôbre três casos de negros Mossumbes.*

* *Mendes Correia* (1916) *Antropologia Angolense. Quiocos, Luimbos, Luenas, Lutchazes (Notas antropológicas sôbre observações de Fonseca Cardoso) Arquivo de Anatomia e Antropologia II.*

* *Costa Ferreira* (1917) *Pequena contribuição para a craniografia de Angola Arquivo de Anatomia e Antropologia II.*

* *Mendes Correia* (1918) *Antropologia angolense II. Bi-N'Bundos, Andulos, e Ambuelas-Manbundas (Notas antropológicas sôbre observações de Fonseca Cardoso) Arquivo de Anatomia e Antropologia IV.*

Schultz (1918) *Antropologische Untersuchungen an der Schadelbasis Arch. f. Anthr. 16.*

* *Américo Pires de Lima* (1917-1918) *Contribuição para o estudo antropológico dos indígenas de Moçambique. Anais da Faculdade de Medicina do Pôrto IV.*

POLIODONTIA NUMA NEGRA DE ANGOLA (1)

Em 1922, H. Bastos Monteiro (1) estudou a série de anomalias dentárias existentes na colecção osteológica do Instituto de Anatomia do Pôrto.

O seu exame incidiu sôbre 294 crânios, 11 hemicrânios, 68 maxilares superiores e 87 mandíbulas e, nesse material osteológico, encontrou 20 anomalias dentárias, a saber: um incisivo supranumerário; dentes do siso superiores viciosamente implantados; agenesia de prêmolares; dente implantado na abóbada palatina; ectopia do dente do siso; prêmolares implantados viciosamente; ectopia dos dentes do siso superiores; implantação do canino na abóbada palatina; deslocação do dente do siso; direcção viciosa de um dos incisivos superiores; agenesia de um dos incisivos; dente incisivo supranumerário; dente

(1) Extracto do meu artigo publicado no «Brasil Odontológico», de Agosto de 1936.

implantado no pavimento das fossas nasais, no crânio de um Indiano; dente supranumerário no crânio de um Angolense do Libolo; dente distópico no crânio de um Angolense do Humbe; dente supranumerário no crânio de um indivíduo da mesma região africana; deslocação do dente do siso; agenesia do mesmo dente; poliodontia num maxilar superior; agenesia de um prêmolar noutra maxilar superior.

Citou ainda alguns casos de anomalias dentárias no vivo.

De colaboração com o mesmo autor, publiquei, em 1928 (2), duas observações de anomalias dentárias em indivíduos vivos (incisivo supranumerário e implantação viciosa dum canino).

Depois de 1922 teve grande incremento o museu do Instituto, que recebeu mais de um milhar de novos crânios, onde se encontram numerosas anomalias dentárias, que oportunamente serão estudadas.

Por agora apenas desejo descrever um caso, deveras curioso, de poliodontia numa Negra angolense.

Em Dezembro de 1933 foi autopsiado no Instituto de Medicina Legal do Pôrto o cadáver de Maria Joana S., Negra, de 28 anos, mendiga, natural de Benguela (Angola). Depois de autopsiado, o cadáver deu entrada

neste Instituto de Anatomia, onde foi minuciosamente dissecado, sendo estudadas as suas disposições miológicas e viscerais (3).

Macerado o esqueleto, e montado pelo preparador-conservador Albino Cunha, notou-se que a sua mandíbula apresentava curiosas anomalias dentárias, que passo a descrever: (*V. Figura na revista cit*).

A' esquerda vêem-se os dois incisivos normais, o canino, os dois prêmolares, estando o externo muito cariado, e os três grandes molares, estando o primeiro e o terceiro quási inteiramente destruídos pela cárie.

A' direita vêem-se, no rebôrdo alveolar, de dentro para fora: o incisivo normal externo, o canino, pouco desenvolvidos os dois prêmolares, tendo o externo um comêço de cárie, e os três grandes molares, bem desenvolvidos e sãos.

Na face anterior do corpo da mandíbula, um pouco à direita da sínfise do mento, vê-se uma larga brecha, no fundo da qual se divisa um dente incisivo, disposto horizontalmente no sentido transversal, com a corôa, bem desenvolvida, dirigida para fora, de face anterior voltada para diante e o bôrdo cortante em forma de serrilha, ao contrário dos bordos cortantes dos incisivos normais, que são perfeitamente lisos e rectilíneos.

Aquele dente encravado representará o incisivo médio direito.

A face anterior do corpo da mandíbula é muito abaúlada à direita e a saliência corresponde a uma grande cavidade, que representará o canal dentário, extraordinariamente desenvolvido, que aloja aquele dente incisivo.

Entre o incisivo médio esquerdo e o incisivo lateral direito, num pequeno espaço, implantam-se três dentinhos supranumerários, conóides, muito atrofiados: O primeiro, cilíndrico e disforme, disposto verticalmente, está encostado ao bôrdo interno do incisivo lateral direito, onde se nota um princípio de cárie, e mede, na sua parte livre, cinco milímetros de altura.

O segundo, achatado no sentido transversal, está disposto horizontalmente, no sentido ántero-posterior, e mede seis milímetros de comprimento, na sua parte extra-alvèolar.

O terceiro, também cilindróide, está disposto por baixo do segundo, também horizontalmente, dirigido da direita para a linha média.

A sua parte livre mede igualmente seis milímetros.

Todos êles, além da pequena corôa, com o esmalte brilhante, têm, fora do alvéolo, além do colo, uma parte da raiz forrada de cimento, sem brilho.

As apófises *geni* são pouco salientes nesta mandíbula e as linhas miloideias separam as fossetas sub-linguais e sub-maxilares, bem desenvolvidas.

Prognatismo alveolar acentuado nas duas maxilas, como é de regra na raça negra.

A fórmula dentária dêste exemplar é:

$$I \frac{2-2}{5-2} \quad C \frac{1-1}{1-1} \quad P_m \frac{2-2}{2-2} \quad M \frac{3-3}{3-3}$$

Na literatura da especialidade, por mim consultada, não encontrei nenhum caso semelhante.

Diz Magitot (4), na sua obra clássica, que as variações de número são as mais freqüentes das anomalias dentárias (440 em 2.000), e que as variações numéricas dos dentes são mais vulgares na raça negra.

Segundo a conhecida lei de Géoffroy Saint-Hilaire, as variações numéricas são tanto mais freqüentes quanto mais numerosos são os órgãos normais. E' por isso que essas anomalias são relativamente vulgares nos incisivos e grandes molares e raras nos prêmolares e caninos.

Na maxila superior, são mais comuns as anomalias do que na maxila inferior. Rudolphi descreveu um caso de seis incisivos

superiores e Magitot regista outros casos análogos.

A poliodontia é conhecida desde a mais remota antiguidade.

Atribuem as religiões orientais a Buda a particularidade de possuir quarenta dentes, todos iguais.

O atlas da obra de Magitot regista muitas observações de poliodontia, com os dentes supranumerários conóides, mas nenhum dos casos é igual ao que estou apresentando.

Não é rara a heterotopia de um incisivo inferior por migração simples, como no meu caso.

Várias são as teorias destinadas a explicar a poliodontia, mas, para Magitot, nenhuma é inteiramente satisfatória.

Siffre (5), na sua memória especial sôbre as anomalias da região incisiva, recapitula o que disse Magitot e outros autores e apresenta trinta e três observações pessoais, nenhuma delas idêntica à minha.

Acêrca da etiologia das anomalias dentárias da região incisiva, Siffre conclue, francamente, que estamos ainda em presença de um problema a resolver.

Taviani (6), que tanto se tem dedicado ao estudo dêstes assuntos, a-propósito de um caso de poliodontia por êle observado no crânio dum indígena da Nova Guiné, faz judi-

ciosas considerações à-cêrca das causas dêstes vícios de conformação, sobretudo quanto ao maxilar superior, em relação com o desenvolvimento da região incisiva.

E a-propósito de um caso de heterotopia dos incisivos centrais num crânio de Peruviano antigo, o mesmo autor (7), discutindo as teorias de Magitot e outros autores, conclue que permanece ainda a interrogação à-cêrca do *primum movens* daquela perturbação morfológica.

Por último citarei a bela monografia de Locchi (8), o devotado assistente do Instituto Anatómico da Faculdade de Medicina de São Paulo, da direcção do insigne Prof. Bovero (*); Locchi descreveu, com grande minúcia, no cadáver de um Negro, a maxila superior com nada menos de sete dentes supranumerários; três dentes conóides, entre os incisivos; um dente paramolar vestibular; um distomolar cuspidado, à direita; dois distomolares à esquerda, sobrepostos.

A-propósito da sua curiosa observação, Locchi passa em revista as opiniões de diversos autores, como Saint-Hilaire, Magitot,

(*) Por falecimento do fundador do Instituto de Anatomia de S. Paulo, succedeu-lhe Renato Locchi na cátedra de Anatomia.

Bolk, Taviani e muitos outros, e conclue dizendo que, a respeito da interpretação da poliodontia, não passamos ainda do campo das hipóteses. Necessário se torna aguardar novos dados, quer estudando mais profundamente a morfologia dentária normal, quer procedendo a investigações experimentais.

BIBLIOGRAFIA

- 1) H. BASTOS MONTEIRO—Sôbre anomalias dentárias em indivíduos portugueses (*Annaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*) 1922.
- 2) J. A. PIRES DE LIMA & HERNANI MONTEIRO — Dois casos de anomalias dentárias (*Brasil Odontológico*. Vol. IV, n.º 9, Março 1928).
- 3) LUÍS DE PINA & ARMANDO LEÃO — Dissecção de uma Negra de Angola (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, IV, 4).
- 4) MAGITOT — Traité des anomalies du système dentaire chez l'Homme et les Mammifères, Paris, MDCCCLXXII.
- 5) SIFFRE — Les anomalies de la région incisive. Les dents supplémentaires (*Revue Odontologique et Revue Générale de l'Art dentaire*, réunies, Juin à Septembre 1911).
- 6) TAVIANI — Considerazioni sulle anomalie dentarie del settore incisivo dedotte da un caso di incisivo soprannumerario nell' uomo (*Sciitti Biologici* raccolti da Luigi Castaldi IV, 1929).
- 7) TAVIANI — Eterotopia degli incisivi centrali in un cranio di Peruviano antico (*Idem*).
- 8) LOCCHI — Sobre um caso de polyodontia no homem (*Annaes de Medicina de São Paulo*, IV, 1929).

Moçambique

II

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO ANTROPOLÓGICO DE MOÇAMBIQUE (1)

Diziam em 1882 Quatrefages & Hamy (5) que as vastas regiões que se estendem ao Norte dos países cafres até aos Grandes Lagos eram quasi inteiramente novas para a história natural do Homem e que, até àquela data, só se tinham obtido alguns documentos nas costas orientais *designadas com o nome geral de Moçambique* e em alguns pontos limitados do interior. Os Negros de Lourenço Marques (baía Delagoa), continuavam os mesmos Autores, dum tipo muito inferior, não são anatômicamente conhecidos.

Kirk (5), que fez parte da segunda expedição de Livingstone, recolheu em 1863, nas margens do Chire, que conduz ao Zambeze

(1) J. A. Pires de Lima e Constância Mascarenhas
(*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, IX, 1925).

as águas do Niassa, sete crânios de Negros Manganjas; cinco dêles fôram para o Museu Real dos Cirurgiões de Londres, um pertencia a Davis e o último foi entregue ao Museu da Universidade de Edimburgo. Seis dêesses crânios masculinos adultos tinham o índice de 71,27. Não sabemos se a região onde foram colhidos êesses crânios pertencerá hoje à Nyassaland inglesa, ou se fará parte da nossa província de Moçambique. A' data da expedição de Livingstone, aquele território era português.

Froberville, segundo Quatrefages & Hamy (5), organizou uma colecção de sessenta bustos, moldados e pintados do natural, que representavam indivíduos típicos da maior parte dos povos que viviam entre os Galas e os Cafres, da costa aos Grandes Lagos.

O Quadro XXXV dos "Crania Ethnica" insere as mensurações de 13 crânios masculinos e 4 femininos, sendo 5 de Macuas e os restantes pertencentes a diversa tribos de Moçambique, todos arquivados no Museu de História Natural e na Sociedade de Antropologia de Paris. O índice cefálico médio dos masculinos era 73,11 e o dos femininos 72,31.

Segundo parece, até à Grande Guerra, nunca os Portugueses se preocuparam com o estudo antropológico dos povos da Costa

Oriental da África, que estão sob o seu domínio há quatro séculos. Como se vê no Quadro, anexo a êste trabalho, e na Bibliografia, as primeiras observações antropológicas feitas em Moçambique foram realizadas por Dumoutier, em meado do século passado. Depois, outros estrangeiros se ocuparam do assunto, mas basearam-se sempre em números muito escassos.

Pelo Quadro da distribuição do índice céfálico em Moçambique, que é extraído da obra de Struck (13), com aditamento dos elementos colhidos nos "Crania Ethnica" e das observações portuguesas recentes, vê-se que, antes da Grande Guerra, apenas 64 indígenas da Província de Moçambique tinham sido estudados sob o ponto de vista antropológico (58 crânios e 6 indivíduos vivos), e sempre por autores estrangeiros.

Em 1916-1917 esteve mobilizado na campanha do Niassa, como médico militar, o professor Américo Pires de Lima. Achando-se nessa ocasião concentrados no Norte de Moçambique, como soldados ou carregadores, grande número de Negros pertencentes a diversas raças daquela colónia, teve ocasião de estudar sob o ponto de vista antropológico (12) 169 indígenas de Moçambique, sendo 18 do litoral Norte, 13 M'jauas, 25 Macuas do Niassa, 22 Macuas de Moçambi-

que, 12 Macuas de Quelimane, 16 N'húngués de Tete, 11 Quelimanes, 33 Manicas, 5 Inhambanes e 14 Landins. «Dar-me-ei já por muito feliz, disse Américo Pires de Lima, se conseguir lançar alguma luz sôbre a antropologia de Moçambique, que até hoje tem estado em quasi completa escuridão».

Mais tarde, o Dr. Brito Camacho contratou o malgrado antropologista Costa Ferreira para ir fazer o estudo sistemático da população indígena de Moçambique. Infelizmente, aquele distinto investigador sucumbiu logo à chegada à África, nada podendo fazer.

Como director do Instituto de Anatomia do Pôrto enviei aos Altos Comissários e aos Governadores das nossas colónias uma circular, solicitando para êsse Instituto crânios de indivíduos pertencentes às populações atrasadas que estão sob o nosso domínio. Infelizmente, nem uma só das autoridades a quem me dirigi se dignou, sequer, dar uma resposta àquela circular. Por nosso mal, parece que entendiam os antigos dirigentes das nossas possessões ultramarinas que nelas só devia buscar-se dinheiro e condecorações...

Vendo que nada podia conseguir por via oficial, pedi particularmente aos meus amigos residentes nas colónias que me enviassem elementos de estudo.

Fui um pouco mais feliz nesta diligência. De Moçambique mandaram-me, em Fevereiro de 1924, os Drs. Gouveia Pinto, António Barradas e Sousa Dias, por intermédio do Dr. Kendall Ramos de Magalhães, 14 crânios de indígenas do Sul de Moçambique (junto de Marracuene, perto de Lourenço Marques). Foram catalogados com os n.ºs 327 a 340 da colecção craniológica do Instituto.

São essas cãveiras, de indivíduos certamente de raça landim, que vamos estudar, encarregando-se o primeiro de nós (P. L.) da parte descritiva e o segundo (C. M.) da parte craniométrica.

Crânio n.º 327 (figs. 1 e 2 da memória original) — Sexo masculino. Dòlicocéfalo, ortocéfalo (ind. vért.-longo), (hipsicéfalo (índ. vért.-tra.), fènozígico, lèptoprósopo, platirrínio, hipsicônquio, microsema, mètriocéfalo e prognata. Mento fugidio e prognatismo alveolar muito acentuado. Face anterior do maxilar superior muito escavada. Bôrdo inferior da mandíbula muito espesso e apófises de Sandifort acentuadas. Apófises marginais dos malares bastante desenvolvidas. Sutura sagital desviada para a direita na parte anterior. Fossas temporais muito deprimidas. Na parte superior da face externa das apófises mastoideias nota-se um sulco

profundo, irregular. Linhas curvas temporais muito acentuadas. Junto do bôrdô interno das lâminas horizontais dos palatinos vêm-se umas cristas nitidamente acentuadas.

Crânio n.º 328 — Sexo masculino. Dòlicocéfalo, òrtocéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-tr.), fènozígico, mèsoprósopo, platirrínio, mesocônquio, mèsosema, òligocéfalo e mèsognata.

Os ossos nasais são muito mais largos na sua parte inferior e a sua face anterior é côncava. Bossas supraciliares acentuadas. Buracos infra-orbitários muito largos. Prognatismo alvéolar. Apófise de Sandifort muito acentuada. Linha curva temporal muito nítida. Face externa das apófises mastoideias com sulcos profundos e buracos, sobretudo à esquerda. Osso vórmió astérico à esquerda e enorme osso epactal. Linha curva occipital superior e ínion muito desenvolvidos. Apófises geni superiores e espinhas de Spix exuberantes. Bôrdô inferior da mandíbula muito espêso. Apófise falcata de Calori desenvolvida.

Crânio n.º 329 — Sexo masculino. Sem mandíbula. E' dòlicocéfalo, òrtocéfalo (índ. vért.-longo), òrtocéfalo (índ. vért.-tr.), fèno-

zígico, lèptoprósopo, platirrínio, mèsocônquio, mègasema, mètriocéfalo e prognata.

Vestígios de sutura metópica. Buraco supra-orbitário à esquerda. Ossos nasais muito largos em cima, sobretudo o direito. Espinha nasal ántero-inferior exuberante. Prognatismo alvèolar. Linhas curvas temporais acentuadas. Sulcos e buracos na face externa das mastoideias, que são grossas e rombas. Apófises falcatas. Esbôço de paramastoideia à esquerda. Linhas curvas occipitais muito salientes.

Crânio n.º 330 — Provavelmente do sexo masculino. Sem mandíbula. E' dòlicocéfalo, òrtocéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-tr.), fènozígico, lèptoprósopo, platirrínio, mèsocônquio, microsema, mègalocéfalo e mèsognata.

Prognatismo alveolar. Bossas parietais salientes. Pequenos ossos vórmios no lambda e no ptérion esquerdo. Ptérion direito em X. Apófises falcatas. Buraco láceró posterior direito muito largo.

Crânio n.º 331 — Provavelmente masculino. Sem mandíbula. E' dòlicocéfalo, òrtocéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-tr.), fènozígico, lèptoprósopo, platirrínio, camecônquio, microsema, òligocéfalo e mèsognata.

Prognatismo alveolar. Ossos nasais assimétricos e muito reduzidos de dimensões. Do lado de fora do último alvéolo superior direito está implantado um dentinho supranumerário, cilíndrico, unicuspídeo. Esbôço de suturas endo-mesognáticas. Apófises falcatas. Asas do vomer muito largas. Apófises mastoideias muito reduzidas e com largas ranhuras digástricas. Cêndilos do occipital escavados. Vertex achatado.

Crânio n.º 332 — Sexo masculino. Sem mandíbula. E' dolicocéfalo, camecéfalo (índ. vért.-longo), platicéfalo (índ. vért.-tr.), fênózigico, lêptoprósopo, platirrínio, camecônquio, microsema, mètriocéfalo e prognata.

Crânio alongado e assimétrico. Buraco supraorbitário à direita. Ossos vórmios na sutura lambdoideia e no ptérion esquerdo. Fossa temporal direita muito escavada. Bossas parietais muito desenvolvidas, estando a direita num plano anterior. Apófises mastoideias pequenas e com largas ranhuras digástricas.

Crânio n.º 333 — Sexo masculino. Sem mandíbula. E' dolicocéfalo, òrtocéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-tr.) fênózigico, mèsoprósopo, platirrínio, mèsocônquio, microsema, mètriocéfalo e prognata.

Prognatismo alveolar. Ossos nasais pequenos e nariz côncavo. Apófises mastoideias desenvolvidas, com as ranhuras digástricas e das artérias occipitais muito pronunciadas. Apófises falcatas. Fossas temporais escavadas.

Crânio n.º 334 — Sexo masculino. Sem mandíbula. E' dôlicocéfalo, ortocéfalo, (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-tr.), fenozí-gico, mesoplatirrínio, hipsicônquio, mēgasema, mētriocéfalo e mēsognata.

Ossos nasais muito alongados no sentido vertical, assimétricos e côncavos. A' direita, além da chanfradura supra-orbitária, um buraco. Apófises marginais dos malares. Espinha nasal ântero-inferior exuberante. Larga fossa na face anterior dos maxilares superiores. Relêvos caninos acentuado à direita, deiscente à esquerda. Apófises mastoideias muito pequenas, com sulcos e goteiras na face externa e com largas ranhuras digástricas. Esbôço de paramastoideias. Asas das apófises pterigoideias exuberantes.

Crânio n.º 335 — Sexo masculino. Sem mandíbula. E' dôlicocéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-tr.), fenozí-gico, leptoprósopo, mēsoplatirrínio, camecônquio, microsema, mētriocéfalo e prognata.

Ossos nasais muito disformes e côncavos. Espinha nasal ántero-inferior saliente. Abóbada palatina ogival. Sutura incisiva. Asas das apófises pterigoideias salientes. Apófises marginais dos malares. Osso ptérico esquerdo e pequeno osso vórmio no lambda. Crista temporal do frontal saliente. Mastoideias com sulcos e buracos na face externa e ranhuras digástricas profundas, cavidades glenoideias muito profundas.

Crânio n.º 336 — Provavelmente masculino. Sem mandíbula. E' dolicocéfalo, camecéfalo (índ. vért.-longo), ortocéfalo (índ. vért.-tr.), fênozígico, mèsoprósopo, platirrínio, hipsicônquio, microsema, mètriocéfalo e mèsoprognata.

Ossos nasais largos. Prognatismo alveolar. Espinha nasal ántero-inferior muito exuberante. Fossas temporais muito irregulares. Apófises mastoideias muito reduzidas, sobretudo a direita. Apófises estiloideias muito longas. Tôda a superfície exocraniana irregular, com muitas depressões, mais ou menos simétricas. Ausência do buraco parietal esquerdo. Bossas parietais salientes.

Crânio n.º 337 — Sexo masculino. Sem mandíbula. E dolicocéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-tr.), leptó-

prósopo, mèsoplatirrínio, camecônquio, microsema, mètriocéfalo e prognata. Prognatismo alveolar. Espinha nasal ántero-inferior saliente. Apófises marginais dos malares desenvolvidas, sobretudo a direita. Fossa temporal esquerda profunda. Apófises falcatas. Apófises mastoideias pequenas.

Crânio n.º 338 — Sexo masculino. Sem mandíbula. E' dòlicocéfalo, ortocéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-tr.), fènozígico, lèptoprósopo, platirrínio, camecônquio, microsema, mètriocéfalo, prognata.

Prognatismo alveolar. Linhas curvas temporais exuberantes.

Crânio n.º 339 (fig. 6 da memória original) — Provavelmente do sexo masculino. Sem mandíbula. E' dòlicocéfalo, ortocéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-tr.), fènozígico, mèsoprósopo, platirrínio, camecônquio, mègasema, òligocéfalo e prognata.

Prognatismo alveolar. Ossos nasais muito reduzidos e disformes, sobretudo à esquerda. Apófises marginais dos malares muito salientes. Ranhuras digástricas profundas. Apófises falcatas. Ossos vórmios na sutura lambdoideia (um de cada lado). Fossas temporais profundas (sobretudo a esquerda). Vestígios de sutura incisiva. Buraco parietal só à es-

querda. Na região frontal do lado direito, nota-se um orifício que parece de entrada de uma bala.

No ptérion direito encontra-se uma formação bastante rara: a *apófise frontal da escama do temporal*. Este prolongamento anômalo, que representa um osso vórmio ptérico incompletamente isolado, tem 12 milímetros de comprimento, 8^{mm} de largura mínima, junto do temporal e 15^{mm} de largura máxima, junto do frontal. A ponta da grande asa do esfenóide sobrepõe-se ao frontal e ao parietal. As suturas do ptérion são tôdas escamosas, talhadas ao viés. Do bôrdo anterior da escama do temporal segue, na mesma direcção, uma crista que divide a apófise frontal da escama do temporal em duas partes de área quasi equivalente.

Quatrefages & Hamy (5) citam e representam grãficamente (Pl. LXII, fig. 1) um ptérion semelhante, observado num crânio proveniente de Nepaul (Sul do Himalaia).

Serrano (1), falando das variedades do ptérion, cita um outro exemplar idêntico, no crânio n.º 103 da antiga colecção da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. «Da parte ántero-superior do contôrno da escama, diz Serrano,

(1) Serrano, *Tratado de Osteologia humana*, I. Lisboa, 1895.

vai um prolongamento de um centímetro de largo que, por sôbre a ponta da grande asa esfenoidal, segue ao encontro do osso frontal, separando por conseguinte o esfenóide do parietal». Segundo o grande anatómico português, o *processus frontalis* deve considerar-se mero efeito da existência prévia de ossos vórmios, de cuja individuação só persistiram vestígios.

Le Double (1) ocupa-se largamente das variações do ptérion e discute a significação morfológica da apófise frontal do temporal, segundo a interpretam diversos autores.

Crânio n.º 340 — Muito incompleto, com ausência dos ossos da face. E' dolicocéfalo, ortocéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-tr.), fènozígico, mègasema, oligocéfalo.

(1) Le Double, *Traité des variations des os du crâne de l'homme* Paris, 1903.

Distribuição do índice cefálico em Moçambique

Povos, raças e localidades	Índice cefálico médio	Observadores e números de crânios (*) e de indivíduos vivos
Inhambane	72,6	1* <i>Dumoutier</i> , 1 <i>Dumoutier</i>
Sena	72,0	1* <i>Hartmann</i>
Maravi	72,5	5* <i>Welcker</i>
Baroro, Morumbala Norte...	74,2	12* <i>Quatrefages</i> , 1* <i>Hartmann</i>
Macua, Moçambique	74,0	1* <i>Dusseau</i> , 2 <i>Dumoutier</i> 2* <i>Zuckerlandl</i> , 1* <i>Passavant</i> 1* <i>Rüdingen</i> , 3* <i>Hartmann</i> 5* <i>Shrubsall</i> , 1* <i>Dresden</i> 6* <i>Kirk</i>
Maganjas das margens do Chire	71,27	
Macuas e outras tribos diversas }	73,11 M. 72,31 F.	{ 17* <i>Quatrefages & Hamy</i>
Wayo, marg. oriental do Niassa	73,9	1* <i>Ecker</i> , 3 <i>Fülleborn</i>
Litoral Norte da Província	77,61	18 <i>Américo Pires de Lima</i>
M'jauas	74,74	13 » <i>Pires de Lima</i>
Macuas do Niassa	74,72	25 » <i>Pires de Lima</i>
Macuas de Moçambique	74,54	22 » <i>Pires de Lima</i>
Macuas de Quelimane	74,87	12 » <i>Pires de Lima</i>
N'húngués de Tete	72,96	16 » <i>Pires de Lima</i>
Quelimanés	74,41	11 » <i>Pires de Lima</i>
Manicas	74,45	33 » <i>Pires de Lima</i>
Inhambanes.	73,93	5 » <i>Pires de Lima</i>
Landins	72,60	14 » <i>Pires de Lima</i>
Marracuene (Landins?)	70,8	14* <i>J. A. Pires de Lima & Cons-tância Mascarenhas</i>

A memória original insere seis fotografias de crânios e catorze quadros com as mensurações.

CONCLUSÃO

O quadro das mensurações dos crânios dêste estudo atrai as nossas atenções para o seu aspecto cefálico e nasal, que se apresenta sob o carácter quasi uniforme de dôlicocéfalo-platirrínio, e, sob êste ponto de vista, as nossas conclusões estão de manifesto acôrdo com as do Prof. Américo Pires de Lima (12).

O índice cefálico, cuja média é representada pela cifra 70,8, apresenta-se nos quasi uniforme, com pequenas oscilações. É o mais baixo que se tem encontrado em Moçambique (Quadro da pág. anterior). O índice nasal, cuja média corresponde à cifra 58,4, é o que se nos apresenta, pelo contrário, com grandes oscilações, sendo os números extremos distanciados por 14 unidades. Há a notar, porém, que certos crânios mais fortemente platirrínios revelam prognatismo menos acentuado, de modo a quasi poder estabelecer-se entre êles a relação inversa da platirrinia com o prognatismo; e outros há em que esta relação é por assim dizer directa. Poderá isto repre-

sentar diferenças étnicas? De modo nenhum, pelas razões que adiante veremos na análise mais circunstanciada; inclinámo-nos a aceitar sòmente a hipótese da mestiçagem.

O índice orbitário revela uma acentuada tendência para a cameconquia, com oscilação muito forte, tendo os números extremos distanciados por 17 unidades. O crânio n.º 332, que é o mais fortemente camecônquio, é ao mesmo tempo o mais prognata da nossa série, e possui também o índice nasal bastante elevado. Dos crânios hipsicônquios, dois há que representam tipos diferentes: o crânio n.º 334, que tem o índice orbitário mais elevado da série, apresenta o índice nasal mais baixo do que todos os outros crânios e o ângulo de Rivet mais elevado do que os restantes; e o crânio n.º 336, com o mesmo índice orbitário anterior, tem o ângulo de Rivet mais baixo e o índice nasal mais elevado. Ora isto demonstra com clareza que se não trata de tipos étnicos diversos, mas sòmente de variações individuais, pois o carácter essencial da raça revela-se pelo seu aspecto dòlicò-platirrínio.

O índice facial dá-nos a média 54,2, levemente leptoprósopo, prova de que se trata de uma série apròximadamente médio-facial, de acòrdo com as conclusões do Prof. A. Pires de Lima.

O facto de êste observador ter encontrado tipos longifaciais representa, quando muito, influências estranhas, fáceis de se infiltrarem em povos que habitam a costa, como êle próprio judiciosamente observa.

Parece-nos que os nossos crânios são todos do sexo masculino, de indivíduos Landins, como já dissemos. O índice cefálico médio que achamos (70,8) aproxima-se do índice médio que A. Pires de Lima determinou nos Landins (72,60), que foi o índice mais baixo que êle encontrou nas raças de Moçambique.

O índice mais alto que êle achou (77,61), correspondente aos indígenas do litoral Norte da Província, está de acôrdo com o mapa publicado por Struck (13), que dava o índice máximo de Moçambique (77-79) aos indígenas da foz do Rovuma.

O índice vérticò-transverso acusa como média a cifra 102,3. Não se pode inferir daí que se trata de uma série pouco ou nada hipsistènocéfala, porque, como justamente observa Verneau (1), *les moyennes globales n'ont certainement pas une grande valeur quand on a affaire à une population dans laquelle se sont amalgamés différents éléments ethniques; elles ont souvent pour résul-*

(1) R. Verneau, *Contribution à l'étude des Bara-Imamono de Madagascar (L'Anthropologie, 1923, pg. 496).*

tat de créer un type factice, qui ne correspond en réalité à aucun des éléments qui se sont mélangés. Porém, analisando mais minuciosamente o índice vértico-transverso, veremos que, a-par-de crânios hipsicéfalos, há também crânios de índice acentuadamente mais baixo, dentre os quais destacamos o crânio n.º 332, que é platicéfalo, platirrínio, camecônquio e prognata. O crânio n.º 337 é hipsistênocéfalo, mèsoplatirrínio, camecônquio e prognata, e apresenta as mais nítidas características do tipo de Grimaldi, que ainda se encontra na actualidade, na opinião do Prof. Mendes Correia (1).

Os dados que precedem levam-nos a concluir que se trata de uma série homogénea, em que as oscilações observadas, em razão de não incidirem sôbre as características essenciais e basilares para a diferenciação das raças, não passam de meras flutuações acidentais. Esta homogeneidade, pelo facto de se apresentar pouco nítida, revela apenas a mestiçagem entre tribos ou grupos mais ou menos afins, pertencentes indubitavelmente ao grupo Banto, cuja divisão em tribos pode ver-se nos trabalhos citados de Stow (11) e de Américo Pires de Lima (12).

(1) A. A. Mendes Correia, *Sôbre uma forma craniana arcaica* (Anais S. da Faculdade de Medicina do Pôrto, vol. IV, n.º 3).

BIBLIOGRAFIA
SÔBRE A ANTROPOLOGIA
DE MOÇAMBIQUE (1)

- 1 DUMOUTIER — Voyage au Pole Sud et dans L'Océanie sur les corvettes l'Astrolabe et la Zélée, 1837-1840, Paris, 1854.
- 2 DUSSEAU — Musée Vrolick — Catalogue de la collection d'Anatomie humaine, comparée et pathologique, Amsterdam, 1865.
- * 3 ZUCKERKANDL — Reise der österreichischen Fregatte Novara um die Erde, 1857-1859, Wien, 1875.
- 4 ECKER — Freiburg i. B. Katalog der anthropologischen Sammlungen der Universität, Braunschweig, 1879.
- * 5 QUATREFAGES & HAMY — Crania ethnica, Paris, 1882.
- 6 PASSAVANT — Craniologische Untersuchung der Neger und der Negervölker, Basel, 1884.

(1) Só pudemos consultar as obras precedidas de *. As memórias de Américo Pires de Lima e de Struck, actual professor de Antropologia na Universidade de Iena, incluem extensas bibliografias especiais.

- * 7 WEICKER — Die Capacität und die drei Hauptdurchmesser der Schädelkapsel bei den verschiedenen Nationen (*Arch. f. Anthr.* Bd. 18), 1886.
- 8 RUDINGER — Die Rassen-Schädel und — Skellette der Kgl. anatomischen Anstalt in München, Braunschweig, 1892.
- 9 SHRUBSALL — A study of a bantu skulls and crania (*J. Anthr. Inst.*, 28), 1899.
- 10 FULLEBORN — Beiträge zur physischen Anthropologie der Nord Nyassaländer, Berlin, 1902.
- *11 STOW — The native races of South Africa, London, 1910.
- *12 AMÉRICO PIRES DE LIMA — Contribuição para o estudo antropológico dos indígenas de Moçambique (*Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Pôrto*, IV, 3, 1918).
- *13 STRUCK — Versuch einer Karte des Kopfindex im mittlerem Africa (*Zeitschrift für Ethnologie*, Jahrgang 1922).

Guiné

III

GUINÉ (1)

Em 1446, data referida por Azurara, cinco anos antes, portanto, da data referida pelo genovês Cadamosto, o português Nuno Tristão, continuando as suas viagens de descobrimentos, encontrou a parte da costa africana, a 11°,40' de latitude Norte, que constitui actualmente a Guiné Portuguesa.

-
- (1) Neste capítulo condensarei os trabalhos seguintes:
- J. A. Pires de Lima, Constâncio Mascarenhas e J. Santana Barreto — *Contribuição para o estudo antropológico da Guiné Portuguesa*. Miscelânea, dedicada ao Dr. J. Leite de Vasconcelos — 1927-1932.
 - J. A. Pires de Lima — *Agénésie des os nasaux*, «*Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*» — 19-1-28.
 - J. A. Pires de Lima e Constâncio Mascarenhas — *Populações indígenas da Guiné Portuguesa*, «*Arquivo de Anatomia e Antropologia*» — XIII, 1930-31.
 - J. A. Pires de Lima e Constâncio Mascarenhas — *Contribuição para o estudo antropológico da Guiné Portuguesa*, «*XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie préhistorique*» — Portugal, 1930-1931.

Com uma extensão de 36.125 quilómetros quadrados e uma população de cêrca de 350.000 habitantes, vária no seu tipo fisionômico e diversa e extravagante nos seus usos e costumes, o território português da Guiné, como o delimitou Ernesto de Vasconcelos, «está circundado pelas colónias francesas da costa ocidental da África e fica compreendido entre as bacias hidrográficas do Casamansa e do Company, tendo por pontos extremos ao norte o Cabo Roxo e ao sul a ponta Cajet, junto das ilhas Tristão.

O fundo primitivo das populações africanas é constituído, na opinião de Deniker, de três elementos: os Negros, altos e escuros, na região do Norte; os Negrilhos, pigmeus, de pele acobreada, na zona do centro; e os Bosquimanos, baixos, amarelados e esteatopígicos, para o sul. Sôbre êsse fundo, seguindo o curso do sol, que é o curso das primitivas migrações da História, veio depositar-se, em uma época remota e indeterminada, o elemento Hamita, de origem asiática ou europeia, presumido continuador da raça de Cro-Magnon.

Pondo de parte os insulanos de Madagascar e os colonos ou asiáticos, podem classificar-se em sete grandes grupos os milhares de povos e tribos do Continente Negro: 1.º, Árabe-Berbere ou Semito-Camita;

2.º, Etiópico ou Cuchito-Camita; 3.º, Foulah-Sandé; 4.º, Negrilhos ou Pigmeus; 5.º, Negritos ou Negros Sudano-Guinêenses; 6.º, Bantos; 7.º, Hotentote-Bosquimane.

O grupo Negrito, que é o que interessa para o nosso estudo, pode subdividir-se ainda em: 1.º, Negrito do Sudão oriental (anglo-egípcio), ou Negros nilóticos; 2.º, Negrito do Sudão central (francês); 3.º, Negritos do Sudão ocidental (francês) e do Senegal; 4.º, Negritos litorais ou Negros da Guiné.

Os Negritos litorais ou Guinêenses ocupam tôda a costa da Guiné e oferecem uma notável semelhança no tipo físico; mas, a-pesar-desta quási uniformidade, encontram-se divididos em muitas tribos. As populações costeiras, que habitam entre a foz do Gâmbia e Monróvia, acham-se divididas em grande número de tribos. As principais dentre elas, indo do Norte ao Sul, são: os Diolas, bravos, trabalhadores e fetichistas, entre o Casamansa e Gâmbia. Dêstes provêm os Felupes, que impuseram o seu idioma a tôdas as outras tribos. A sudeste dos Diolas vivem os Balantas, belicosos, turbulentos e velhacos, e os Bagnons, Bagnounk ou Bannhuns. Ao sul dos Diolas, os Papeis, dos quais provém a tribo dos Manjacos. Os Bijagós, das ilhas do mesmo nome. Também habitam essa região os Biafadas e os Nalús,

empurrados pelos Fulbés e Mandingas para as regiões lodosas da costa. Os Dandumans da margem do rio Nunes e os Baga do delta do Compony, pescadores e fetichistas, com a côr da pele menos escura que a dos precedentes e submetidos à influência dos Sossos, desalojados de Fonta-Djalon pelos Fulbés e repelidos até à costa.

Confrontemos com esta distribuição de tribos feita por Deniker, a grande variedade de tribos que temos a considerar no território português da Guiné.

Frederico Pinheiro Chagas diz que «a Guiné é habitada por grande número de raças, algumas das quais de usos e costumes completamente opostos e estado de civilização muito diferente, sucedendo encontrar-se, a poucas horas de territórios em que habitam raças relativamente civilizadas, como é a Mandinga, outras em que os habitantes são verdadeiros selvagens, como os Felupes. As raças principais são: Felupes, Baiotes, Banhum, Cassangas, Manjacos, Papel, Brame ou Mancaha, Balanta, Biafada, Mandinga, Fula, Nalú e Bijagó».

Carlos Pereira, na memória apresentada ao 3.º Congresso Internacional de Agricultura tropical, reunido em Londres, diz que «na Guiné se encontram os seguintes grupos étnicos: Felupes, Baiotes, Banhutos, Cas-

sangas, Buramos (Brames ou Mancanhas), Balantas, Fulas-forros, Fulas-pretos, Futa-fulas, Mandingas, Biafadas, Nalús, Sôços, Papéis, Manjacos, Bijagóz e Oincas».

Loureiro da Fonseca diz que «a Guiné é habitada pelos seguintes povos: Fulas, Mandingas, Biafadas, Papéis, Manjacos, Mancanhas ou Buramos, Balantas, Felupes, Baiotos, Banhuns e Bijagós».

M. M. de Barros enumera uma longa lista de subdivisões de grupos, que êle classifica de raças. Assim: o grupo Biafada subdivide-se em Kubissegues, Quinaras ou Guinalas e Cassangas. O grupo Mandinga subdivide-se em Soninqués e Mouros, Batmandingas, Saraulés, Tiljinças e Sossos.

O grupo Fula subdivide-se em Futa-fulas; Pulos ou Fulas brancos ou livres, Fulas'jons ou Fulas pretos ou escravos, Seibés e Toroucás. O grupo Bijagós. O grupo Nalú, subdividido em Nalús mansos e Nalús bravos. O grupo Bambum, do qual provêm os Bramos. O grupo Papel, que se subdivide em Papéis de Bissau e Cacheu, Manjacos de Pissés, de Ilhetos e Costa de Baixo. O grupo Balanta, subdividido em Branos das margens e Branos do interior. O grupo Felupe, subdividido em Cajamutais, Baiotos, Zegoche e Ariatos. E por fim o grupo dos Mestiços, em que estão incluídos os Manjacos, os Grumetes e os Mulatos.

João Augusto Martins, firmado no relatório de Correia e Lança, diz que na Guiné se encontram os seguintes grupos: Fulas (pretos e forros), Mandingas, Balantas, Biafadas, Brames, Papéis, Manjacos, Bijagós, Felupes, Nalús, Cassangas, Grumetes, Baiotes e Bahunes.

Ernesto de Vasconcelos também classifica de raças as tribos e menciona as suas respectivas subdivisões. Na opinião desse autor, encontram-se na Guiné portuguesa os seguintes grupos: O grupo Fula, subdividido em Fula-forro, Futa-fula, Fula-ugui e Fula-preto. O grupo Mandinga, subdividido em Seninqués ou Seracolés, Sossos, Cassonkés, Jallonqués, Tilijinqués e Oincas. O grupo Jalofo de Senegal, entre os Fulas que têm por Nordeste e pelo Sul os Serezes. O grupo Felupe, que se subdivide em Baiotes, Ariatos, Cajamutais e Zegôchos. O grupo Papel, subdividido em Papéis da Ilha de Bissau e da região de Chôre e os Grumetes, que são os Papéis convertidos ao catolicismo. O grupo Manjace. O grupo Banhum, que dá origem aos Brames, conhecidos pelos comerciantes portugueses pelo nome de Mancanhas. O grupo Balanta, subdividido em Balantas de fora e Balantas de dentro. O grupo Biafada, subdividido em Guinalas e Cubisseques. O grupo Cassanga. O grupo Nalú, subdividido em

Nalús mansos e Nalús bravos. O grupo Bijagós.

Os autores portugueses, além das populações pertencentes ao grupo Negrito de DENIKER, mencionam também as seguintes tribos: Cassangas, Mandingas, Fulas e Jalofos.

Os Mandingas pertencem ao grupo Negrito do Sudão ocidental e do Senegal. Os Fulas, que os franceses denominam Teuls ou Touls, também conhecidos por Foulbés, Foulahs ou Fellatahs, estão disseminados por toda a Senegâmbia e pertencem ao grupo Foulah-Sandê de Deniker. Os Jalofos, que os autores franceses chamam Onolofs ou Quelloffs, Jolofs, Djolof ou Volofs, estão muito espalhados no Senegal e na Guiné.

A acrescentar às tribos acima referidas, temos ainda os Mouros, que seguem a religião de Maomé, da mesma forma que os Fulas, em cuja constituição étnica intervem o elemento árabe-berbere.

Tôdas essas populações da Guiné portuguesa levam uma existência obscura e quase primitiva de tribos que não lograram transpor os primeiros estádios da civilização. Arrastam quase tôdas uma vida selvagem. Têm o instinto belicoso, agressivo, brutal. São fetichistas e supersticiosos. Todos os grupos, à excepção do Bigagós, praticam a circuncisão. São polígamos. Para darmos uma ideia, em-

bora muito vaga, do estado da sua civilização (a que damos o significado de Littré) transcrevemos um trecho de Azurara, interessante pela observação e pelas considerações que sugere:

“Sua vyanda — escreve o cronista do Descobrimento da Guiné — pela mayor parte, he leite, e algumas vezes poucas carnes, e sementes dervas bravas, que colhem por aquelles montes.

“ . . . As molheres vestem alquices, que som assy como mantos, com os quaaes soomente cobrem os rostros, e per ally entendem que acabam de cobryr toda sua vergonha, ca os corpos trazem todos nuus, por certo que esta he hua das cousas per que homem pode conhecer sua grande bestyalidade, ca se algua pequena de razom entre elles ouvesse, seguyryam a natureza, cobrindo aquellas partes soomente que ella mostrou que devyam seer cubertas, ca veemos naturalmente que em cada huu daquelles lugares vergonhosos pos cerco de cabellos, mostrando que os querya sconder; e ainda teem alguus naturaes que se leixarem assy aquelles cabellos, que tanto creceram, atee que scondam todollos lugares de vossa vergonha. E as molheres daquelles honrados trazem vincos e argollas de douro, e assy outras joyas.”

De Azurara para cá supomos não se ter modificado grandemente o pudor na Guiné. Ainda hoje, nos nossos dias, não é raro encontrar, em certas tribos, quem ande exibindo "sua grande bestyalidade".

A secção de antropologia colonial do museu dêste Instituto possui 29 crânios da nossa Guiné, pertencentes a diversas tribos.

Todos êles foram colhidos e identificados pelo Dr. João Santana Barreto, capitão-médico do Ultramar, que os ofereceu a êste Instituto.

As enumerações e classificações de povos e tribos, que habitam a Guiné, feitas por autores portugueses, são múltiplas e variadas, pois cada autor estabelece uma classificação própria, não sòmente para as subdivisões, como também na separação dos grupos.

Como os crânios da nossa série são, na sua maior parte, identificados, não nos preocuparemos em estabelecer uma classificação, mas limitar-nos-emos apenas, em face das mensurações, a definir o tipo ántropo-físico a que pertencem.

Para o estudo dêstes crânios seguimos a mesma técnica que temos adoptado para os nossos trabalhos anteriores, de harmonia com as instruções de Broca, Frassetto, Martin e Rivet.

Subordinado êste estudo ao mesmo plano de orientação que temos imprimido aos nossos anteriores trabalhos de antropologia colonial, fazemos preceder o Boletim antropométrico e os índices determinados de uma descrição dos caracteres anatómicos e antropológicos de cada crânio.

*

*

*

A) Estudo de 16 crânios da Guiné

Crânio n.º 363 — De Ausmane Gassi, do sexo masculino, *Biafada* ou *Biafare*, filho de Cuta, de 18 anos de idade, pescador, falecido a 8-III-23, entrado no Museu a 17-IV-26.

Prognatismo alveolar muito acentuado, bossas parietais salientes, apófises falcatas, vestígios de sutura incisiva.

É' mèsocéfalo, òrtocéfalo, (índice vértico-longo), òrtocéfalo (índice vértico-transverso), fènozígico, mèsoprósopo, platirrínio, hipsicônquio, mègasémio, mètriocéfalo e prognata.

Crânio n.º 364 — De João Bico, sexo masculino, tribo *Manjaca*, de 30 anos aproximadamente, exumado do cemitério de Bolama e registado no Museu em 8-VII-26. Tem

destruídos parte dos ossos da face. As faces anteriores dos maxilares superiores são profundamente escavadas. Os malares são muito salientes e possuem desenvolvidas apófises marginais. Sulcos frontais laterais profundos. Cristas temporais do frontal acentuadas. Apófises lemurínicas. Apófises mastoideias largas na base e com ranhuras digástricas muito profundas. Buraco occipital ovalar. Apófises falcatas. Sutura lambdática muito irregular. Ossos vórmios astéricos. Bossas parietais muito salientes. Sutura sagital em parte sinostosada.

E' mèsocéfalo, òrtocéfalo, (índice vértico-longo), òrtocéfalo (índ. vértico-transverso), fènozígico, mèsocônquio, microsémio e mègalocéfalo.

Crânio n.º 362 — De Inês Marques de Barros, sexo feminino, de 90 a 95 anos de idade, natural da Guiné, falecida em Bolama em 3-XI-919, mestiça, descendente de um português europeu e de uma indígena da Guiné. Entrado no Museu em 17-VI-926. Parte dos ossos da face destruídos. Buraccs supraorbitários. Todos os alvéolos inferiores reabsorvidos, menos um à esquerda. Zígomias muito salientes. Ângulos da mandíbula muito obtusos. Apófises coronoideias aguçadas, com o aspecto de bico de ave de

rapina. Apófises marginais dos mlares. Sinostose das suturas coronal e sagital. Bossas parietais salientes. Apófises mastoideias curtas. Ranhuras das artérias occipitais profundas. Ossos vórmios ptéricos.

Crânio mèsocéfalo, camecéfalo (índice vértico-longo), òrtocéfalo (índice vértico-transverso), fènozígico, camecônquio, mèsomémio e mègalocéfalo.

Crânio n.º 361 — De A. Mané, sexo masculino, *Biafada*. Registado no Museu em VI-26. Falta-lhe a calote. Prognatismo alvèolar muito acentuado, sobretudo na maxila superior.

Faces anteriores dos maxilares superiores muito escavadas, com uma profunda goteira paralela ao rebordo orbitário.

Mandíbula muito volumosa, com chanfraduras sigmoideias pouco acentuadas. Arcadas zigomáticas fortemente convexas. Osso vórmio ptérico esquerdo. Apófises mastoideias atarracadas. Apófises falcatas. Fossas pterigoideias profundas. Apófises clinoideias anteriores muito desenvolvidas.

Crânio lèptoprósopo, mèsorrínio, camecônquio, microsémio e prognata.

Crânio n.º 358 — De António C., *Manjaco*, remador da Capitania, de 25 anos de idade,

falecido em Novembro de 1922; retirado do cemitério de Bolama em Abril de 1926 e registado no Museu em 15-VI-26. Ossos nasais de reduzidas dimensões. Bossa frontal média e zigomas muito salientes. Bossas parietais assimétricas. Osso vórmio epactal dirigido transversalmente. Apófise mastoideia esquerda curta (destruída em parte a direita). Apófises falcatas. Vestígios de sutura incisiva.

Crânio dôlicocéfalo, ortocéfalo, (índice vértico-longo), hipsicéfalo (índice vértico-transverso), fènozígico, mèsoprósopo, platirínio, mèsocônquio, mègasémio, òligocéfalo e mèsognata.

Crânio n.º 359 — De Soré Conte, sexo masculino, *Mandinga*, de 70 anos, falecido em Fevereiro de 1923, exumado do cemitério de Bolama em Abril de 1926 e registado no Museu em Julho do mesmo ano. Crânio muito pesado e com acentuado prognatismo.

Zigomas salientes. Apófises marginais dos malares extraordinariamente desenvolvidas, sobretudo à esquerda. Apófises de Sandifort e de Calori desenvolvidas. Apófises geni substituídas por uma grande espinha. Côndilos da mandíbula muito volumosos.

Crânio dôlicocéfalo, ortocéfalo (índice vértico-longo), hipsicéfalo (índice vértico-trans-

verso), fênözígico, lèptoprósopo, platirrínio, mèsocônquio, microsémio, òligocéfalo e prognata.

Crânio n.º 360 — De J. Sedi, sexo masculino, de 26 anos, *Fula-Fula*, enterrado no cemitério de Bolama em 15-10-22, registado no Museu em Junho de 26.

Nasais atrofiados, e desenvolvimento compensador das apófises montantes dos maxilares superiores. Vasta glabela e bossas frontais proeminentes. Acentuado prognatismo alveolar superior e mento saliente. Apófises marginais dos malares. Côndilos da mandíbula longos e fortemente oblíquos, assim como os ramos. Apófises zigomáticas longas e delgadas. Apófises mastoideias muito pouco desenvolvidas. Apófises marginais dos malares. Goteira ao longo da sutura sagital. Buraco occipital ovalar. Apófises falcatas desenvolvidas.

Crânio dólílocéfalo, ortocéfalo (índice vértico-longo), hipsicéfalo (índice vértico-transverso), fênözígico, cameprósopo, platirrínio, hipsicônquio, microsémio, òligocéfalo e prognata.

Crânio n.º 365 — De José de O., sexo masculino, da tribo *Manjaca*, cristianizado, filho de pais gentios, natural de Pexixe (Can-

chengo), de 25 anos, falecido em 20-11-19, exumado do cemitério de Bolama em 1925, catalogado em Abril de 1926. A face encontra-se em parte destruída. Zigomas muito salientes. Apófises coronoideias curtas e chanfraduras sigmoideias pouco acentuadas. Occipital muito assimétrico. Apófises falcatas desenvolvidas. Sutura incisiva muito nítida. Fissuras petro-escamosas acentuadas. A' esquerda, no andar médio da base do crânio, ao nível da fissura petro-escamosa, existe um buraco irregular, de 5^{mm} de comprimento, continuado com um canal que se dirige por baixo do tegmen tympani.

Crânio mègasémio.

Crânio n.º 354 — De um indígena desconhecido, falecido em 1921 e exumado do cemitério de Bolama. Registado no Museu em Abril de 1926. Sexo masculino. Prognatismo alvèolar. Mandíbula volumosa, com apófises coronoideias desenvolvidas e mento saliente.

Ossos nasais assimétricos. Raízes de alguns dentes superiores parcialmente descobertas. Ausência de chanfraduras supra-orbitárias. Apófises marginais dos malaras. Occipital assimétrico. Longa apófise estiloidéa à esquerda e grandes apófises falcatas.

Crânio dolicocéfalo, ortocéfalo (índice vértico-longo), hipsicéfalo (índice vértico-

-transverso), fênozígico, leptoprósopo, mèsorínio, hipsicônquio, mègasémio, mètriocéfalo e prognata.

Crânio n.º 355 — De um indígena da tribo *Papel*, sexo masculino, oriundo da ilha de Bissau e falecido em Bolama em 1919. Êste crânio tem a mandíbula fracturada e falta-lhe uma extensa zona no frontal.

Crista temporal do frontal muito saliente. Apófises mastoideias estreitas, longas e achatadas. Bossas parietais salientes. Apófises falcatas. Ossos vórmios junto dos astérions.

Crânio dolicocéfalo, hipsicéfalo (índice vértico-longo), hipsicéfalo (índice vértico-transverso), fênozígico, mèsoprósopo, platirínio, hipsicônquio, mègasémio, mètriocéfalo e ortognata.

Crânio n.º 352 — De Sobá Sedi, sexo masculino, *Mandinga*, de 35 anos, falecido em 8-11-919 em Bolama. Registado no Museu em Abril de 1926. Falta-lhe grande parte da face e da base do crânio à direita. Linhas oblíquas externas da mandíbula muito acentuadas. Face anterior do maxilar superior esquerdo muito escavada. Raízes de alguns dentes da maxila superior esquerda a descoberto. Apófises marginais dos malares acentuadas. Bossas parietais muito acentua-

das. Ossos vórmios na sutura lambdática, no bregma, no astérion e nas suturas têmporo-parietais. Occipital muito assimétrico e linha curva occipital inferior direita muito saliente. Apófises geni desenvolvidas.

Crânio dólílocéfalo, hipsicéfalo (índ. vér.-longo), hipsicéfalo (índice vértico-transverso), fênozígico, hipsicônquio, microsémio e mètriocefalo.

Crânio n.º 353 — De Luísa G., sexo feminino, 48 anos, preta *Manjaca*, falecida em 18-X-19 em Bolama, registado no Museu em Abril de 1926.

Assimetria facial muito acentuada. Ossos nasais e abertura anterior das fossas nasais desviados fortemente para a direita. Osso nasal direito mais extenso que o esquerdo. Espécie de torção do esqueleto do nariz. Dentes da maxila superior dirigidos obliquamente para baixo e para a direita. Prognatismo. Face anterior dos maxilares escavada. Chanfradura supra-orbitária direita apagada e esquerda transformada em buraco. Bossas frontais acentuadas. Ossos vórmios na sutura lambdática. Apófises mastoideias pouco desenvolvidas. Ângulos das mandíbulas muito obtusos. Apófises coronoideias aguçadas. Abóbada palatina muito assimétrica, estreita, desviada para diante e para a direita.

Crânio dólílocéfalo, ortocéfalo (índice vértico-longo), hipsicéfalo (índice vértico-transverso), fènozígico, lèptoprósopo, platirínio, hipsicônquio, mèsosémio, òligocéfalo e prognata.

Crânio n.º 376 — De um indígena *Nalú*, do sexo masculino, condenado no Tribunal de Bolama pelo crime de antròpofagia. Registrado no Museu em Novembro de 1926, assim como o encéfalo do mesmo. Este crânio é muito pesado e tem os dentes serrados ou limados. Apófises marginais dos malares. Pequenas apófises mastoideias.

Crânio dólílocéfalo, hipsicéfalo (índice vértico-longo), hipsicéfalo (índice vértico-transverso), fènozígico, lèptoprósopo, mèsorínio, hipsicônquio, mègasémio, mègalocéfalo e mèsognata.

Os ossos próprios do nariz são extremamente variáveis. Em 400 crânios do museu do Instituto de Anatomia, dos quais 92 são exóticos, encontram-se diversos casos de atrofia dêstes ossos e um em que êles faltam completamente.

E' o *crânio n.º 375*, provàvelmente do sexo feminino, sem mandíbula, recebido no Museu em 12-X-26, *Fula*, do grupo *Futa-Fula*, de Bolama. Bossas frontais muito

desenvolvidas. Buraco supra-orbitário esquerdo. Agenesia dos ossos nasais. Como se vê na figura que ilustra o verso da capa dêste livro, o frontal dêste crânio termina, na linha média, por um bico insinuado entre as apófises montantes, muito desenvolvidas, dos maxilares superiores, os quais se unem, por uma sutura harmônica, na linha média. Septo das fossas nasais fortemente desviado para a esquerda.

Apófises orbitárias externas dos frontais muito estreitas e salientes. Sinostose das suturas fronto-esfenoidais e outras. Bossas parietais muito salientes. Apófises falcatas desenvolvidas. Crânio doliocéfalo, hipsicéfalo (índice vértico-longo), hipsicéfalo (índice vértico-transverso), fenezigico, cameprósopo, platirrínio, hipsicônquio, mégasémio, oligocéfalo e ortognata.

A sutura harmônica entre as apófises montantes dos maxilares mede seis milímetros de extensão e do citado bico do frontal até ao meio duma tangente aos bordos orbitários superiores há a distância de 16 milímetros.

As apófises montantes dos maxilares têm a largura de um centímetro, desde a sutura anômala inter-maxilar até o bôrdo anterior da goteira lacrimal; dêste ponto até o bôrdo anterior do unguis há a distância de oito milímetros e a distância inter-orbitária é apenas de 20 milímetros.

Como se vê, não se formaram os ossos nasais neste crânio, sendo substituídos, no esqueleto do nariz, pelas apófises montantes dos maxilares, que se juntavam na linha média, e pela parte média do bôrdo anterior do frontal, que se prolonga para baixo.

Esta rara anomalia já fôra assinalada por Sandifort no século XVIII. Manouvrier descreve dois casos de agenesia dos nasais, sendo um dêles um crânio patológico e o outro parecido com êste; Giuffrida Ruggeri menciona quatro casos análogos de Henle e um de Staderini, e Regnault descreve mais um caso do Museu de Dupuytren.

Ao todo, com o exemplar do nosso Museu, têm sido descritos 19 exemplares de agenesia dos nasais.

Na maior parte dos casos, os nasais são substituídos pelas apófises montantes dos maxilares, cuja ossificação se faz antes da dos nasais que, habitualmente, se realiza no meado do 3.º mês de gestação.

Pelo quadro seguinte, de Le Double, ao qual juntei a minha observação, pode ver-se a freqüência da agenesia dos ossos nasais:

2 casos em	760 crânios (Legge)
3 casos em	1.189 crânios (Zuckerlandl)
1 caso em	425 crânios (Le Double)
1 caso em	400 crânios (Pires de Lima)
$\frac{7}{7}$ casos em	$\frac{2.773}{2.773}$ crânios (0,23 0/0)

Crânio n.º 366 — De Joaquim, sexo masculino, tribo *Balanta*, retirado do cemitério de Bolama, e entrado no Museu em 8-7-26. Bossas supraciliares salientes, assim como os zigomas. Dois ossos vórmios no ptérion direito, um no esquerdo, vários nos astérios e nas suturas parieto-occipitais. Bossas parietais salientes. Apófises falcatas desenvolvidas e cristas têmporo-zigomáticas cortantes.

Crânio mèsocéfalo, òrtocéfalo (índice vértico-longo), òrtocéfalo (índice vértico-transverso), fènozígico, lèptoprósopo, platirrínio, hipsicônquio, microsémio, mègalocéfalo e prognata.

Crânio n.º 365 — De Sanha, tribo *Fula*, retirado do cemitério de Bolama, e catalogado em 8-7-26.

Arcadas zigomáticas de forma insólita: maxilares superiores com um prolongamento em forma de gancho dirigido para fora e para baixo. Apófises marginais dos malaras. Bossas parietais muito salientes. Apófises mastoideias estreitas e longas. Protuberância occipital externa saliente. Osso vórmio no lambda. Sinostose de diversas suturas.

Crânio mèsocéfalo, òrtocéfalo (índice vértico-longo), òrtocéfalo (índice vértico-transverso), fènozígico, mèsorrínio, mèsocônquio, mèsosémio e mètriocéfalo.

CONCLUSÃO

Os índices cefálico, nasal e o ângulo naso-alvéolo-basilar dão-nos a impressão de que se trata de uma série homogénea. Na verdade, passando uma vista de olhos pelo mapa geral das mensurações (1), dir-se-ia tratar-se de um povo com variações imperceptíveis. No entanto, uma análise mais minuciosa mostra-nos que elementos diversos se amalgamam para a constituição da facies antropológica desse povo.

No livro muito elucidativo *A Guiné Portuguesa*, de Ernesto de Vasconcelos, encontra-se a classificação das tribos que constituem a população da Guiné. Segundo este autor, na nossa Guiné habitam as seguintes tribos: Fulas, Mandingas, Jalofos, Felupes, Papéis ou Pepéis, Manjacos, Banhuns, Balantas, Biafadas, Cassangas, Nalús e Bijagoz. Os crânios que pudemos estudar pertencem a algumas dessas tribos.

(1) As memórias originais inserem numerosos mapas com as mensurações obtidas por Constâncio Mascarenhas.

O ilustre autor de *A Guiné Portuguesa* diz que os Fulas são hamitos cruzados, que os Mandingas são do tipo negróide, que os Felupes são Diolas e que os Manjacos são considerados como uma divisão dos Pepéis. O Dr. Maclaud, nas *Notes anthropologiques sur les Diola de la Casamanse*, escreve: «la famille Diola n'est pas absolument homogène, elle est composée d'un certain nombre des tribus, qui sont à la vérité beaucoup plus caractérisées par les limites géographiques de leur habitat que par des différences ethniques bien distinctes»; e dá-nos os seguintes índices cranianos dos Diola: cefálico (76,63); cefálico-verticial (73,91); vértico-transverso (96,45); metópico (77,68); facial (56,78); maxilo-alveolar (123,48); nasal (46,43); orbitário (93,51); frontal (65,95).

Quatrefages e Hamy dizem que «os geógrafos chamam *Mandingas* a todos os Negros que, com o nome de Bambarras, povoam o Sego e o Caorta, o Bacunu, o Beledugu, o Uassulu, e, com o de Malinqués e Djalonqués, habitam o Bambuque, o Mandim, o Fota-Djalon, etc., e descem o curso da Gâmbia, do Casamansa, do Rio Nunes, até ao mar. Esses Negros são oriundos do alto vale do Niger».

O índice cefálico dos crânios da nossa série apresenta uma oscilação de 12 unidades. O tipo predominante é a dôlicocefalia, e rara-

mente a mèsocéfalia. O índice facial apresenta uma oscilação de 17 unidades, sendo a média 53,8, o que revela a lèptoprosopia. O índice nasal é francamente platirrínio, com poucos mesorrínios, sendo a oscilação de 18 unidades. O índice nasal médio da nossa série é 56,4 o que denota uma acentuada platirrinia. Os índices verticais também são notavelmente elevados. Ora, se por um lado a dòlicocefalia e a lèptoprosopia são talvez reveladores de influências superiores, por outro a platirrinia e a hipsistènocefalia representam as mais nítidas características das raças inferiores. Também Rivet, estudando o prognatismo dos guinèenses, chegou à seguinte conclusão: «L'influence des populations blanches nord-africaines se fait sentir très nettement chez les populations nègritiques de la Guinée, où elle a pour effet de relever l'angle naso-alvéolo-basilaire. D'ailleurs, il y a là aussi des différences assez sensibles de tribu à tribu».

A nossa série revela influências mixtas — a mestiçagem.

*

*

*

B) Estudo de uma nova série de 12 crânios da Guiné

Crânio n.º 379 — Indígena Bijagós. E' mèsocéfalo, ortocéfalo (índ. vért.-longo) ortocéfalo (índ. vért.-transv.) fènozígico, mèsoprósopo) mèsorríneo, mèsônquio, mèsosémio, mègalocéfalo, prognata. Apófises marginais dos malares muito salientes. Espinha nasal ántero-inferior muito distinta. Buracos supra-orbitários. Bossas parietais desenvolvidas.

Crânio n.º 380 — Indígena Delá, *Fula* de Gabú, de 25 anos, falecido em Bissau a 19-X-22. E' dólíocéfalo, ortocéfalo (índ. vért.-trans.), fènozígico, cameprósopo, platirríneo, cameônquio, microsémio, mègalocéfalo, prognata. Malares muito salientes. Ranhuras digástricas muito pronunciadas; ôsso vórmio no lambda.

Crânio n.º 381 — Indígena de tribo *papel* de Bissau, falecido em 1922. E' dólíocéfalo, (índ. vért.-long.), hipsicéfalo (índ. vért.-trans.), fènozígico, mèsoprósopo, platirríneo, mèsônquio, mèsosémio, elatocéfalo, mèsognata.

Rebordos orbitários e malares muito salientes. Ângulo da mandíbula muito obtuso.

Ranhuras digástricas profundas. Pequenas apófises mastoideias. Ossos vórmios nos astérions.

Crânio n.º 382 — Indígena *papel*, de Bissau (Patusco?). E' dóllocéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-long.), hipsicéfalo (índ. vért.-trans.), fènozígico, lèptoprósopo, platirrínio, hipsicônquio, microsémio, mètriocéfalo, prognata. Malares muito salientes. Apófises mastoideias pouco desenvolvidas. Buraco occipital muito alongado.

Crânio n.º 383 — Indígena natural do Senegal, de 44 anos (?) falecido em Bissau em 1923. E' dóllocéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-long.), hipsicéfalo (índ. vért.-trans.), fènozígico, mèsoprósopo, platirrínio, camecônquio, mègasémio, mègalocéfalo, ortognata. Crânio muito pesado. Ranhuras digástricas profundas. Inion muito pronunciado.

Crânio n.º 384 — Indígena de Bandé, falecido em Bissau em 1923. E' dóllocéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-trans.), fènozígico, lèptoprósopo, platirrínio, mèsocônquio, microsémio, mègalocéfalo, prognata. Crânio muito pesado, com pro-

gnatismo excessivamente desenvolvido, de aspecto bestial. Raízes dos dentes caninos enormes e a descoberto. Malares muito desenvolvidos, linhas curvas temporais muito pronunciadas.

Apófises ptorigoideias muito desenvolvidas.

Crânio n.º 385 — Desconhecido, exumado do cemitério de Bissau em 1923. Parece do sexo feminino. E' mèsocéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-trans.), platirrínio, hipsicônquio, microsémio, microcéfalo, prognata. Malares salientes. Gónions obtusos. Apófises mastoideias reduzidas. Grande buraco occipital. Occipital não soldado ao campo do esfenoide.

Crânio n.º 386 — Indígena *papel* de Bissau. E' dolicocéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-trans), fènozógico, mèsoprósopo, mèsorrínio, hipsicônquio, mègasémio, mètriocéfalo, prognata. Prognatismo muito acentuado. Malares salientes. Ossos vórmios nas suturas occipito-parietais.

Crânio n.º 387 — Do indígena Formoco, *manjaco* de 24 anos, falecido em Bissau em 11-1-22. E' braquicéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), fè-

nozígico, mèsoprósopo, mèsorrínio, hipsicônquio, mesosémio, elatocéfalo, prognata. Malares pronunciadíssimos. Frente fugidia. Buraco supra-orbitário à direita. Apófises marginaes dos malares. Profundas ranhuras digástricas.

Crânio n.º 388 — Da indígena *papel* Inês da Gama, natural de Bissau, falecida em Janeiro de 1922. E' dólílocéfalo, ortocéfalo (índ. vért.-longo) hipsicéfalo (índ. vért.-trans.), mèsorrínio, hipsicônquio, microsémio, elatocéfalo, prognata. Gónions obtusos. Apófises mastoideias pequenas. Occipital assimétrico.

Crânio n.º 389 — E' dólílocéfalo, ortocéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-trans.), fènozígico, mèsoprósopo, mèsorrínio, mèsocônquio, mègasémio, oligocéfalo, prognata. Malares muito salientes. Prognatismo acentuado. Grande mandíbula.

Crânio n.º 390 — Indígena *balanta* de Bissau. E' dólílocéfalo, ortocéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-trans.) fènozígico, mèsoprósopo, platirrínio, mesocônquio, mègasémio, mègalocéfalo, prognata. Bossas parietais e occipital salientes. Prognatismo acentuado. Agenesia dos ossos nasais, su-

tura entre as apófises montantes dos dois maxilares superiores.

*

*

*

O índice cefálico apresenta uma oscilação considerável de 16 unidades aproximadamente. Revela os três tipos de crânios: dóllico, meso e braquimorfo, o que, só de per si, parece uma indicação suficiente de influências mais hétérogéneas.

A dóllicocefalia é uma das principais características das populações negras. E' muito freqüente nas populações africanas. E' a característica fundamental do grupo negroide. Mas a dóllicomorfia, ainda que seja muito freqüente nas populações negras da A'frica, não é raro encontrar, ao mesmo tempo, em certos núcleos populacionais, tendências braquimorfas. Assim, por exemplo, a mèsocéfalia, reveladora da tendência para a variação braquicefálica, tem, do dizer de Haddon, «uma origem obscura e representa provavelmente uma revivescência ancestral da emigração remota, partida da Arábia meridional».

Na série anteriormente estudada, constituída de 16 crânios, encontramos 5 crânios mèsocéfalos. Na presente série de 12 crânios, encontramos apenas 2 mèsocéfalos, 1 braqui-

céfalo e 9 dôlicocéfalos. Que representará a braquicefalia constatada no crânio n.º 387 da série actual? Representará uma possível influência Negrilha, verificada pelas mensurações de Poutrin?

On dit parfois — escreve Haddon — *que cette tendance à la brachycéphalie est due à une influence négriille; mais les Négrilles sont mésocéphales; et parmi les brachycéphales, il existe souvent une taille élevée et parfois un rétrécissement de l'indice nasal, qui fait penser à une métissage d'un tout autre ordre.*

Verificamos neste crânio o índice nasal mésorrínio, índice baixo, de largura reduzida, a contrastar com a outra característica principal das populações do grupo negroide: — a platirrinia.

Pela nota da identificação, que nos foi enviada da Guiné, vemos que êste crânio pertence ao grupo ou à tribo *Manjaco*. M. M. de Barros considera o *Manjaco* incluído no grupo genérico dos Mestiços, e Ernesto de Vasconcelos diz que os *Manjacos* «são considerados como uma divisão dos *papéis*, com que se assemelham fisicamente e até pelos costumes». Deniker diz que os *Manjacos* constituem uma tribo proveniente dos *Papéis*, e fá-los incluir no grande grupo dos Negritos litorais ou Guinêenses. Loureiro da Fonseca diz haver fortes presunções de os *Papéis* dos

quais provêm os *Manjacos* constituírem os elementos aborígenes da Guiné portuguesa.

Considerando os *Manjacos* como aborígenes e pertencentes ao grupo Negrito de Deniker, a braquicefalia acusada pelo crânio n.º 387 contrasta flagrantemente com a forma craniana do grupo Negrito ou Sudanês ocidental, que revela dólícocefalia, platirrinia e prognatismo freqüente. Por outro lado, o índice nasal baixo, mèsorrínico, poderá revelar talvez influência hamítica, embora não se encontre nesta província ultramarina o tipo puro dêsse grupo étnico. A mèsorrinia afasta-nos, portanto, da hipótese da influência negrilha.

O índice nasal também apresenta uma grande oscilação, que varia de 22 unidades, entre 49,0 e 71,4. O crânio de índice mais baixo é o n.º 389, cuja identificação, infelizmente, não nos foi possível obter. O crânio n.º 390, que acusa o índice 71,4, é de um *Balanta*, dólícocéfalo e prognata. A maior parte dos crânios desta série acusa platirrinia. Também na série anteriormente estudada notamos freqüência maior da platirrinia.

O ângulo de Rivet revela, nesta série, prognatismo freqüente. Encontramos apenas um mèsognata e um ortognata. Na série anterior, onde também verificamos prognatismo freqüente, encontramos dois mèsognatas e dois

ortognatas. O crânio ortognata desta série, não identificado, é, como os crânios ortognatas da série anterior, dôlicocéfalo e platirrínio. Os dois crânios ortognatas da série anterior pertencem às tribos *Papel* e *Futa-Fula*. Os *Fulas* são hamitas cruzados e revelam fortes influências do grupo Árabe-Berbere. O ortognatismo acusado pelo crânio de *Papel* representará provavelmente influência hamítica. É possível que a mesma influência hamítica se revele pelo ortognatismo do crânio n.º 383 da presente série. «O aumento do ângulo naso-alvéolo-basilar — diz Rivet — faz-se sentir nitidamente nas populações negríticas da Guiné que sofreram a influência das populações brancas norte-africanas».

*

*

*

Antes de entrarmos na análise etnògénica de cada crânio, confrontemos as médias dos principais índices desta série com as medidas obtidas por outros autores, nos seus estudos antropológicos das populações da Guiné.

Obtivemos os seguintes índices médios, sem tomar em consideração o grupo ou a tribo a que pertencem os crânios da série actual: Ind. cef. méd., 72,8; Ind. vért.-long.

méd., 74,7; Ind. vért.-trans. méd., 102,5; Ind. fac. sup. méd., 52,0; Ind. nas. méd., 57,2; Ind. orb. méd., 84,7. Quere dizer: a população da Guiné portuguesa deve ser considerada, na sua generalidade, dolicocéfala, ortocéfala, mesoprósopa, platirrínia e mosocônquia. Em face destes dados, e pelas circunstâncias diferenciais dos grupos negroides, temos de considerar a população da Guiné pertencente ao grupo Negrito. Mas, em um dos nossos trabalhos anteriores, claramente definimos o nosso ponto de vista acerca dos índices médios, aos quais só atribuímos um valor puramente artificial — um valor fictício.

Além dos principais índices médios acima referidos, obtivemos também os índices médios distribuídos pelas tribos a que pertencem os crânios da Guiné, existentes no Museu do Instituto de Anatomia do Porto, por nós estudados.

Quantidades	Tribos	Índ. cef. méd.	Índ. fac. sup.	Índ. nas. méd.
5	Papeis	71,5	52,6	56,1
5	Manjacos. . .	74,7	52,4	57,2
2	Mandingas. .	71,7	57,8	55,5
4	Fulas	73,4	46,8	60,2
2	Balantas . . .	75,0	56,5	64,4
2	Biafadas . . .	76,1	53,5	53,6
1	Nalú	71,5 (?)	55,2 (?)	48,0 (?)
1	Bijagoz	76,0 (?)	49,2 (?)	50,0 (?)

Confrontando as nossas medidas com as de outros autores, que estudaram os povos das colónias francesas, vizinhas da nossa Guiné, tentemos fazer a análise etnogénica dos crânios desta série.

Crânio n.º 379, de um *Bijagoz*: tem o índice cefálico 76,0, mèsocéfalo, e o índice nasal 50,0, mesorrínio. Os índices verticais são ortocéfalos, o que mostra que o crânio não é alto. O ângulo de Rivet revela prognatismo. A tendência braquioide dêste crânio poderia conduzir-nos à hipótese de uma influência negrilha, mas a mesorrinia parece revelar uma possível influência hamítica.

Crânio n.º 380, de um *Fula*, tem o índice cefálico, 71,1, dòlicocéfalo, e o índice nasal 64,4, fortemente platirrínio. Os índices verticais parecem revelar uma tendência hipsistènocéfala. Acusa prognatismo. A tribo *Fula*, que constitue o grupo Foulah-Sandé de Deniker, «é uma população misturada, de fundo etiópico, com predominância dos elementos árabes e berberes ou elementos negros, segundo as regiões». Collignon e Deniker, em 32 mensurações, acharam o índice cef. 74,3 e o índ. nas. 95,3. Segundo a classificação elaborada por Haddon, êste crânio apresentaria as características dos Sudaneses ocidentais.



Crânio n.º 381, de um *Papel*, é muito dólílocéfalo (índ. cef. 69,5) e platirrínio (índ. nas. 59,0). O ângulo de Rivet é mais elevado e revela mèsognatismo. Considerando por um lado a dólícocefalia acentuada e a platirrinia, êste crânio parece revelar fortes características do Negrito guinèense. Por outro lado, o ângulo de Rivet elevado revela provàvelmente alguma influência árabo-berbere.

Crânio n.º 382, de um *Papel*, é dólílocéfalo (índ. cef. 71,0) e platirrínio (índ. nas. 54,9). O ângulo de Rivet acusa prognatismo acentuado. A-pesar-de êste crânio pertencer ao mesmo grupo do crânio anterior, ao contrário dêste último, não parece revelar qualquer influência hamítica, apresentando as mais nítidas características do Negrito litoral.

Crânio n.º 383, não identificado, é fortemente dólílocéfalo (índ. cef. 67,5) e platirrínio (índ. nas. 59,1). É hipsistènocéfalo, com o índ. vért.-trans. muito elevado. É o único crânio ortognata desta série. Tem o ângulo de Rivet (76°) bastante elevado. É o ângulo mais elevado de diferentes grupos Negritos da Guiné, estudados por Rivet. O ortognatismo parece revelar uma acentuada influência árabo-berbere no fundo negrítico.

Crânio n.º 384, também não identificado, é dôlicocéfalo (índ. cef. 70,8) e platirrínio (índ. nas. 74,5). O ângulo naso-alvéolo-basilar acusa forte prognatismo (60°). É o mais baixo de todos os ângulos observados por Rivet na população negrítica da Guiné. Pelas características que apresenta (dôlicocefalia, hipsistenocefalia, platirrinia e prognatismo acentuado) pertencerá provavelmente ao grupo Negrítico litoral ou guinêsense, de Deniker.

Crânio n.º 385, não identificado, é mèsocéfalo (índ. cef. 77,9) e platirrínio (índ. nas. 65,2). Os índices verticais são altos e revelam hipsistenocefalia. O ângulo de Rivet acusa prognatismo. A capacidade craniana é muito pequena e revela microcefalia. Em vista destes caracteres, parece tratar-se de um crânio em que a influência negrilha será provavelmente mais acentuada.

Crânio n.º 386, de um *Papel*, tem o índice cefálico 71,6, é dôlicocéfalo, e o índice nasal 50,9, mèsorrínio. O ângulo de Rivet acusa prognatismo. A mèsorrinia e a mèsoprosopia revelarão provavelmente influências árabo-berberes. A dôlicocefalia, a hipsistenocefalia, o prognatismo, e a mètriocefalia, revelarão possivelmente influências negríticas.

Crânio n.º 387, de um *Manjaco*, é braquicéfalo (índ. cef. 82,9) e mèsorrínio (índ. nas. 51,8). O ângulo de Rivet acusa prognatismo. A braquicefalia, a mèsorrinia e a mèsoprosopia revelam provàvelmente a influência berbere. A hipsistènocefalia, a mèsocéfalia, o prognatismo e a elatocefalia, denotam talvez caracteres negríticos.

Crânio n.º 388, de um *Papel*, é dòlicocéfalo (índ. cef. 72,1) e mèsorrínio (índ. nas. 52). O ângulo de Rivet acusa prognatismo. A dòlicocefalia e o prognatismo revelam provàvelmente influências negríticas, em que a mèsorrinia vem talvez denotar a influência berbere.

Crânio n.º 389, não identificado, é dòlicocéfalo (índ. cef. 71,5) e mèsorrínio (índ. nas. 49,0). O ângulo de Rivet, pouco elevado, (64°), acusa forte prognatismo. Parece tratar-se de um crânio em que a dòlicocefalia e o prognatismo revelam provàvelmente a influência do Negrito litoral, a que vem juntar-se a mèsorrinia e a mèsoprosopia, que talvez possam denotar influências hamíticas.

Crânio n.º 390, de um *Balanta*, é dòlicocéfalo (índ. cef. 72,0) e fortemente platirrínio

(índ. nas. 71,4). E' o índice nasal mais elevado de tôda a série. O ângulo de Rivet acusa prognatismo. Pelas suas características principais (dòlicocefalia, platirrinia, mègalsemia e prognatismo) parece revelar a influência do tipo Negro litoral de Deniker.

CONCLUSÃO

De tôdas as tribos da Guiné, aquela cujos crânios pudemos estudar em número relativamente maior, é o dos *Papéis*. Em 4 crânios de *Papéis* estudados nesta série encontramos, na maior parte dêles, influências cruzadas do tipo Negrito e Árabe-Berbere. Em um *Manjaco* encontramos igualmente a influência negritica e árabe-berbere. Êste facto habilita-nos a podermos formular a hipótese da afinidade étnica entre os dois grupos. Claro é que, em vista do insignificante número de observações, nos guardamos de lançar ousadamente qualquer afirmação, embora com a possibilidade de ser apoiada numa hipótese de base científica.

O crânio de um *Fula* revela as características dos Negritos do Sudão ocidental e do Senegal.

A-pesar-de Deniker atribuir aos Fulas uma acentuada influência árabe-berbere, não encontramos nenhuma característica dêsse grupo étnico no crânio que estudamos. Como se trata apenas de um exemplar, vêmo-nos

impossibilitados de formular qualquer conclusão. Nem mesmo podemos aventar a hipótese de os *Fulas* da Guiné portuguesa constituírem um grupo diferente dos Foulah-Sandé de Deniker.

O crânio de um Bijagós revela influência hamítica, o que nos leva a supor que se trata de um indivíduo com influência estranha à do fundo étnico dessa ilha.

O crânio de um *Balanta* revela as características principais do grupo Negrito litoral ou guinéense de Deniker.

Os restantes crânios não eram identificados.

Bem modesta é a nossa contribuição para o estudo antropológico da Guiné. A tão reduzido número tivemos que limitar as nossas observações que nenhuma conclusão definitiva podemos honestamente formular. Mas, de um modo geral, apreende-se a influência de, pelo menos, dois grupos étnicos, tão heterogéneos na sua facies antropológica, como diversos e quiçá antagónicos na sua formação intelectual e moral, nos seus usos e costumes, na sua tradição, na sua religiosidade, na sua civilização e cultura; — os grupos Árabe-Berbere e Negrito.

Como será possível subordinar estes dois grupos à mesma legislação? Com que direito se há-de exigir destes dois grupos a mesma

compreensão, a mesma observância, e mesmo respeito pelas leis e a mesma consciência cívica? E' natural que a sua moralidade seja diferente também. E em vista da diferença fundamental das suas crenças e da sua religião, é provável que sejam diferentes os usos e costumes e a sua moral privada e social. Não é portanto lógico reduzi-los a um tipo único e subordiná-los à mesma letra da lei, — à Lei que será compreendida de maneiras diferentes.

«Quanto à Guiné, — escreve Cunha Gonçalves — é estranho que o legislador só se refira aos usos dos *grumetes*, que são os habitantes da região de Cacheu, sendo certo que outras tribos indígenas muito mais numerosas e importantes povoam a colónia, tais como os *Fulas*, os *Mandingas*, os *Papéis*, os *Balantas* e os *Bijagós*, cujos usos não são menos de respeitar. E, como não é lisongeiro atribuir ao ministro que redigiu o decreto uma tal ignorância, forçoso é supor que, sob a designação de *grumetes*, abrangem, de-facto todos os indígenas da Guiné portuguesa.»

E' por essa razão que não nos cansamos de repetir o que temos afirmado nos nossos anteriores trabalhos congêneres. Reputamos uma necessidade o Estado promover o reconhecimento antropológico das populações indígenas, como uma tarefa preliminar para

uma legislação justa, equilibrada, racional, prudente e, principalmente, eficiente na sua aplicação e resultados. Assim o têm entendido as potências coloniais, como a Inglaterra, França, Holanda e Japão, e aquelas que recentemente adquiriram foros de nações coloniais, como a Bélgica, a Itália e a América do Norte que, nos territórios sujeitos à sua soberania, onde tremulam as suas bandeiras, procedem ao reconhecimento antropológico das suas populações indígenas. E Portugal, a terceira potência colonial do mundo, com cinco séculos de soberania estendida a todos os continentes, não tem uma única missão oficial de investigação antropológica. Tudo o que existe não passa do fruto da iniciativa particular de alguns estudiosos que vão dando honestamente a sua contribuição para defender os direitos da Nação, realizando alguns trabalhos, embora escassos, neste ramo da Ciência.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÑZADI (Telesforo) — Antropometria.
- ASTRIÉ (Maxin) — Voyage dans l'Archipel des Bisagos.
- AZURARA (Gomes Eanes) — Crónica do descobrimento e conquista da Guiné, ed. 1841.
- BARROS (M. M.) — Guiné portuguesa, in *Bol. Soc. Geogr. Lisboa*, 3.^a série, 1882.
- BARTHÉLEMY (A.) — Guide du voyageur dans la Sénégambie française.
- BÉRANGER-FÉRAUD — Étude sur les populations de la Casamance, in *Rev. d'Anthrop.*, 1874.
- BÉRANGER-FÉRAUD — Étude sur les Peuls de la Sénégambie, in *Rev. d'Anthrop.*, 1875.
- BÉRANGER-FÉRAUD — Étude sur les Ouolofs, in *Rev. d'Anthrop.*, 1875.
- ID. — Étude sur les Soninkés, in *Rev. d'Anthrop.*, 1878.
- BROCA (Paul) — Instructions craniométriques.
- COLLIGNON (R.) et DENIKER (J.) — Les Maures du Sénégal. *L'Anthrop.*, 1896.
- COSTA OLIVEIRA (E. J.) — Viagem à Guiné portuguesa, *Bol. Soc. Geogr. Lisboa*, 8.^a série, 1888.
- CUNHA GONÇALVES (Luís) — Tratado de Direito Civil, vol. I, tomo II, 1929.
- DENIKER (J.) — Les races et les peuples de la Terre, ed. 1926.

- DENIKER et LALOY — Les races exotiques à l'Exposition universelle, in *L'Anthrop.*, 1890.
- FRASSETTO (Fabio) — Lezioni di Antropologia.
- FREY (Colonel) — Côte occidentale d'Afrique, 1890.
- FRIZZI (Ernesto) — Antropologia.
- GIRARD (Henry) — Notes anthropologiques sur quelques Soudanais occidentaux, in *L'Anthrop.* 1902.
- HADDON (A. C.) — Les races humaines et leur répartition géographique.
- HOVELAQUE (A.) — Précis d'Anthropologie.
- LARTIGUE — Notices sur les Maures du Sénégal et du Soudan.
- LOUREIRO DA FONSECA (A.) — Guiné, in *Bol. Soc. Geogr. Lisboa*, 23.^a série, 1905.
- MACLAUD — Étude sur la distribution géographique des races sur la côte occidentale d'Afrique, de la Gambie à la Mellacorie, in *Bull. Géogr. Hist. Descrip.*, 1906.
- MACLAUD — Notes Anthropologiques sur les Diolas de la Casamanci, in *L'Anthrop.*, 1907.
- MARTIN (R.) — Lehrbuch der Anthropologie.
- MARTINS (João Augusto) — Madeira, Cabo Verde e Guiné, 1891.
- MENDES CORREIA (A. A.) — Antropologia.
- MENDONÇA (João de) — Colónias e possessões portuguesas.
- MENEZES (Victor Hugo de) — Os Brames.
- MORAIS E CASTRO (Armando Augusto Gonçalves) — Anuário da Província da Guiné, 1925.

- PAROISSE (S.) — Peuples autochtones de la Guinée française, in *L'Anthrop.*, 1896.
- PEREIRA (Carlos) — La Guinée portugaise (Mémoire au III Congrès International d'Agriculture Tropicale, Londres, 1914).
- PINHEIRO CHAGAS (Frederico) — Na Guinée, 1910.
- POUTRIN — Les négrières du Centre Africain, in *L'Anthrop.*, 1911 e 1912.
- QUATREFAGES et HAMY — Crania Ethnica.
- RIVET (P.) — Recherches sur le prognatisme, in *L'Anthrop.*, 1910.
- SCHWEINFURTH (George) — Au coeur de l'Afrique.
- SENA BARCELOS (Cristiano José) — Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné. (Memória apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa, 1899).
- SERGI (Giuseppe) — L'Uomo.
- TARDIEU (Amédée) — Sénégal et Guinée.
- TOPINARD (Paul) — Éléments d'Anthropologie générale.
- VASCONCELOS (Ernesto J. de C.) — Guinée Portuguesa, 1917.
- ID — As colónias portuguesas, 1921.
- VERNEAU (R.) — Ouolofs, Leybons et Sérères, in *L'Anthrop.*, 1895.
- ID — Migrations des Éthiopiens, in *Anthrop.*, 1899.
- ID — Résultats anthropologiques de la mission de M. Gironcourt en Afrique Occidentale, in *Anthrop.*, 1917.
- VILLAULT — Relations des côtes de l'Afrique, appelées Guinée.

Timor

IV

TIMOR (1)

O estudo antropológico e etnográfico dos indígenas da nossa longínqua possessão da Oceania tem sido várias vezes tentado por diversos investigadores, quer nacionais, quer estrangeiros. Mas, a-pesar-de se terem publicado sôbre o assunto tantas memórias, o problema das raças que habitam a ilha de Timor está muito longe de ser resolvido.

Achamos conveniente, por isso, acrescentar mais êste pequeno subsídio para o estudo duma questão ainda tão confusa.

O Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto possui quatro crânios de Timorenses, que lhe foram gentilmente ofere-

(1) *J. A. Pires de Lima e Constâncio Mascarenhas* — Contribuição para o estudo antropológico de Timor. «Arquivo de Anatomia e Antropologia», IX, 1925.

J. A. Pires de Lima — Ankylose de l'articulation temporo-maxillaire «Société Anatomique de Paris», 2-II-28.

cidos pelo Dr. J. Paiva Gomes, antigo Governador daquela colónia. E' a observação de êsses exemplares que vamos apresentar, cabendo ao primeiro de nós (P. L.) o estudo anatómico das peças, bem como as investigações bibliográficas, e ao segundo (C. M.) a crâniometria e respectivas conclusões.

Antes de expor os resultados dos nossos trabalhos, vamos citar muito sumariamente o que pudemos haver à mão da literatura relativa ao assunto.

Hamy (1) declarou, em 1875, reconhecer, em Timor, Negros de duas raças distintas: Negritos no centro e sul da parte portuguesa da ilha e Papuas na região ocidental. O elemento papua ligaria Timor às terras melanésicas situadas a leste e o elemento negroito estabeleceria ligações entre Timor e Malaca, isto é, com o continente asiático.

Lesson (2) discute largamente a questão da existência das duas raças, baseando-se principalmente em considerações filológicas.

Quatrefages & Hamy (3), na sua obra monumental "Crania Ethnica", por diversas vezes se referem ao problema das raças de Timor, utilizando observações pessoais e diversos trabalhos que citam. Segundo estes autores, seria Péron quem, no ano de 1807, pela primeira vez assinalou a existência de Negros no interior daquela ilha. A páginas

193 e 271, principalmente, discutem a questão, citando a opinião de Crawford e outros, para quem certos Timorenses constituiriam uma raça intermédia entre os Malaio e os Papuas.

Ten Kate (4) publicou em 1893 uma notável memória, na qual apresenta o resultado de numerosas observações feitas *in loco*. Chegou à conclusão que não viu Negritos nem Papuas de raça pura, mas sim populações profundamente mestiçadas de sangue melanésio e indonésio, nas quais o elemento negroide predomina no Oeste e o amarelo no centro.

Barros e Cunha (5) pôde estudar vinte e quatro crânios provenientes daquela ilha. Estes crânios foram medidos em 1885 por Aarão de Lacerda, Duarte Leite e Barros e Cunha. Faltava-lhes grande parte da base do crânio, por provirem de decapitados. Eram 28 masculinos, 1 feminino e 6 de sexo incerto. Nos 28 masculinos, os índices cefálicos variavam desde 64,88 até 81,31 (média 73,10). A média dos índices nasais era de 49,92.

Barros e Cunha chega à conclusão que se trata duma raça mestiça, mistura de muitas raças, mas que o elemento papua predomina enormemente sobre os outros.

Leite de Magalhães (9) diz que não haverá certeza de serem de Timorenses todos os crânios estudados por Barros e Cunha, pois

que pertenciam a indivíduos que entraram num combate, em que tomaram parte Timorenses, Índios, Negros e Portugueses.

Num trabalho recente, Barros e Cunha defende-se brilhantemente de tais acusações.

Ten Kate (6) voltou ao assunto em 1915, declarando não manter inteiramente o seu modo de ver expresso em antes.

O Prof. Mendes Correia (7), baseado em numerosos dados colhidos directamente em Timor por Fonseca Cardoso, estudou especialmente o indígena de Okussi e Ambeno. O seu trabalho aproveita 50 observações colhidas em indivíduos vivos da beira-mar e 57 relativas a Timorenses das regiões montanhosas. Mendes Correia compara as suas medidas com as de Ten Kate e Barros e Cunha; enquanto que, para o primeiro, os índices cefálicos médios, tomados no vivo, seriam respectivamente 74,1 (Belos), 78,8 (Atoni-Timor) e 78,4 (Atuli-Helong), os crânios do Museu de Coimbra teriam 73,0. As séries de Okussi e Ambeno teriam o índice médio, no vivo, de 82,4 (beira-mar) e 83,1 (montanha). Fica pois, mais uma vez evidenciada a heterogeneidade antropológica da população timorense.

Mendes Correia (8) voltou ainda ao assunto, concluindo que, em todos os pontos da ilha, já estudados, se entrecruzaram em proporções várias dois ou mais elementos in-

donésios e malaios com um ou mais elementos negróides, e sobre estes vieram ainda de longe influir outros muito diversos.

Leite de Magalhães (9) estudou os Timorenses sob o ponto de vista etnológico, lingüístico e histórico e, numa recente monografia de J. A. Fernandes (10), encontram-se também alguns dados sobre os costumes dos indígenas da nossa tão afastada colônia.

Finalmente Kleiweg de Zwaan (11) publicou há pouco uma resenha dos trabalhos, principalmente holandeses, que têm sido dados a lume sobre a antropologia física das Índias orientais neerlandesas, nas quais se compreende a metade da ilha de Timor pertencente aos Países Baixos.

Para tôdas estas memórias chamamos a atenção de quem deseje tomar um conhecimento mais completo da questão, e passamos a descrever os nossos crânios, que têm os números 319, 320, 321 e 322 da coleção do Instituto de Anatomia do Pôrto, onde deram entrada em 31 de Maio de 1923.

Crânio n.º 319—Proveniente do Comando Militar de Hatolia, lado Oeste da ilha (1). Cã-

(1) As informações relativas à proveniência dos crânios, idade, etc., foram-nos fornecidas pelos srs. Dr. J. Paiva Gomes e J. Cavaleiro.

veira do indígena Mau Pêlo do Luco de Hato Bato Letem, onde nasceu e morreu. Idade provável 22 anos em Setembro de 1920. E' mèsocéfalo (índice vértico-longo), òrtocéfalo (índ. vért.-tr.), fènozígico, lèptoprósopo, mèsoplatirrínio, camecônquio, microsema, elato-céfalo e mèsognata.

Chanfradura supra-orbitária esquerda transformada em buraco. Sutura inter-nasal dirigida obliquamente para baixo e para a esquerda. Espinha nasal ántero-inferior muito saliente. Prognatismo alveolar muito pronunciado (1). Relevos caninos e paredes ántero-externas dos outros alvéolos muito salientes. Dois buracos malares à esquerda. Osso ptérico esquerdo. Chanfraduras sigmoideias pouco acentuadas. Bossas parietais desenvolvidas. Apófise mastoideia esquerda aguçada e com profunda e extensa ranhura digástrica. Osso vórmio astérico direito e numerosos ossos vórmios na sutura lambdática, sobretudo à direita. Buraco parietal esquerdo mais anterior que o direito. Buraco mastoideu de grande calibre à esquerda, ausente à direita. Duas apófises geni superiores e uma crista saliente, vertical, a substituir as inferiores.

(1) Ten Kate (6) diz, que o prognatismo maxilo-bucal é de regra nestas populações, excepto nos tipos finos de traços indús.

Crânio n.º 320 — Pertencente ao indígena do Comando Militar de Hatolia, Dau Bere, do Luco de Samaro. Não trazia mandíbula, e a informação que dava ao indivíduo a idade provável de 16 anos não pode ser aceita. É dólílocéfalo, òrtocéfalo (índ. vért.-long), hipsicéfalo (índ. vért.-tr.), fènozígico, lèptoprósopo, platirrínio, mèsocônquio, mèsomena, mètrio-céfalo e òrtognata.

A arcada alvéolar superior contém 16 dentes bem desenvolvidos. Apófises orbitárias externas muito salientes. Chanfradura supra-orbitária esquerda transformada em buraco. Sutura inter-nasal desviada para baixo e para a esquerda. Prognatismo alvéolar muito pronunciado. Várias raízes de dentes a descoberto, por deiscência da parede ántero-externa dos alvéolos. Canal infraòrbitário interno suplementar bilateral. Faces anteriores dos maxilares superiores muito escavadas. Buraco malar duplo à esquerda e triplo à direita. Ossos vórmios junto dos ptérons. Bossas parietais pronunciadas. Buraco parietal esquerdo situado mais adiante que o direito. Ossos vórmios na sutura lambdoideia. Sutura endo-mèsognática nítida.

Crânio n.º 321 — Indivíduo do sexo masculino, como todos os desta série. Idade provável 30 a 40 anos, segundo as informações

referidas. Natural de Vemass, região de Bercoli, comando de Baucau, ponta leste da ilha.

E' fênôzígico, lèptoprósopo, platirrínio e mesocônquio.

Este crânio apresenta a anquilose da articulação têmporo-maxilar esquerda. A raiz transversa da apófise zigomática do temporal, assim como o cõndilo do maxilar inferior, estão muito hipertrofiados e estas duas peças ósseas estão inteiramente fundidas. O cõndilo tem 27 milímetros de largura mínima e a articulação anquilosada tem 35 milímetros de largura máxima, desde o bõrdo anterior do cõndilo até à parede anterior do canal auditivo externo.

A apófise coronoideia, muito longa e muito estreita, ($27 \times 12^{\text{mm}}$) é uniforme. Não há vestígios de trabalho inflamatório no ouvido esquerdo e, à direita, a apófise zigomática do temporal é normal.

Os dentes das duas maxilas estão apoiados uns contra os outros pelos seus bordos ou superfícies livres.

Não é possível averiguar-se a causa desta anquilose têmporo-maxilar unilateral. Seria conseqüência de uma artrite reumatismal? E' muito rara esta afecção e, na nota que apresentei à Sociedade Anatômica de Paris, confrontei êste caso com outros de que tive conhecimento.

Prognatismo alveolar acentuado. Sinostose da sutura internasal. Nariz côncavo no sentido vertical (1). Buraco infraorbitário duplo à esquerda. As raízes dos dentes provocam notável relêvo nas paredes anteriores ou externas dos alvéolos, que às vezes faltam, deixando a descoberto as raízes. Malares muito salientes e fortemente abaúlados. Apófises marginais dos malares muito salientes. Apófise coronoideia esquerda muito longa. Cêndilo esquerdo da mandíbula inteiramente fusionado com o temporal, provocando uma anquilose da articulação (2). Dentes da maxila superior encostados pelo seu bôrdô cortante ao bôrdô livre dos dentes inferiores. Bossas parietais salientes e buracos parietais duplos.

Nesta cêveira falta o occipital e também não existe ramo direito da mandíbula. Êste osso tem, no bôrdô inferior, vestígio de ter sido violentamente cortado. Nas guerras de Timor, o inirnigo vencido, segundo informações do governador J. Paiva Gomes, é dego-

(1) Segundo Ten Kate (4), é ali vulgar o nariz côncavo. Em 39 Timorenses, encontrou 11 com essa forma de nariz.

(2) Na gravura da capa dêste livro vê-se a fotografia dêste crânio, com vestígios da degolação e com a anquilose da articulação têmporo-maxilar.

lado com uma espada, conhecida pela designação de catana. Assim aconteceu a este indivíduo, que foi decapitado pelos arraiais durante a guerra de 1912. As cabeças decapitadas são, pelos vencedores, colocadas sobre um pequeno forno improvisado e mumificadas a fogo brando. A pele da cabeça fica com um aspecto pergaminhado. Os guerreiros vencedores suspendem então as cabeças pelos seus cabelos, às vezes muito longos, e com êsses troféus praticam cenas canibalescas. Oferecem-lhes alimentos, agridem-nas a pontapé, insultam-nas, pretendendo discutir com elas, executam dansas guerreiras à sua volta e entoam cânticos de guerra, a que chamam lòrissái (lòrçá, lòrsái).

A memória citada de Leite de Magalhães (9) insere belas estampas onde tais cenas são muito bem representadas, e o opúsculo de J. A. Fernandes faz referências desenvolvidas à guerra de 1912, onde foi decapitado este indivíduo.

Crânio n.º 322 — Sexo masculino, como todos os anteriores. Idade provável, segundo as informações que obtivemos, 14 anos. Indígena de Bâguía, comando de Baucau, ponta leste da ilha.

E' braquicéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-longo), ortocéfalo (índ. vért.-tr.), fènozígico,

lèptoprósopo, mèsoplatirrínio, hipsicônquio, mègasema, oligocéfalo e mèsognata.

Chanfraduras supraorbitárias transformadas em buracos, de ambos os lados. Dois canais infraorbitários internos suplementares bilaterais. Prognatismo alvèolar. Ossos nasais quási planos no sentido vertical. Apófises mastoideias pouco salientes e rombas. Ossos vórmios junto de cada astérion e no lambda. Buraco parietal direito junto da sutura sagital e buraco parietal esquerdo minúsculo, afastado um centímetro daquela sutura. Bossas parietais assimétricas, sendo a direita mais saliente e situada mais adiante. Dentes do siso superiores inclusos no alvéolo e inferiores ausentes. Esbôço de fosseta faríngea. Chanfraduras sigmoideias pouco acentuadas. Mandíbula muito espêssa, sobretudo no seu bôrdo inferior. Deiscência das paredes anteriores dos alvéolos dos incisivos laterais inferiores.

A memória original insere uma série de quadros com as mensurações tiradas nestes crânios por Constâncio Mascarenhas.

CONCLUSÕES

Passando uma vista de olhos pelos índices dos crânios desta série, surpreende-se imediatamente a sua hêterogeneidade que, se não revela diferenças profundas, acusa contudo diferenças sensíveis, que dão ao nosso espírito a impressão da influência de elementos étnicos diversos. Com efeito, Ten Kate (4), no seu estudo antropológico de alguns povos da Oceania, e especialmente dos indígenas de Timor, chega à seguinte conclusão: «l'examen anthropologique prouve clairement que cette race (Indonésienne), au moins dans l'archipel Timorien, est en réalité fort hétérogène et que des éléments très divers ont contribué à sa formation.»

Na pequena série de crânios cuja observação constitui a nossa «contribuição para o estudo antropológico de Timor», logo no índice cefálico encontramos diferenças que, pela sua extensão, nos autorizam talvez a formular certas conclusões. O crânio n.º 320 é fortemente dôlicocéfalo, enquanto o crânio

n.º 322 é nitidamente braquicéfalo. Ora essa diversidade de índice cefálico, reforçada pela diversidade doutros índices principais, é suficientemente explícita para que deixe de representar uma simples variação accidental, — e o índice cefálico no crânio n.º 320 revela influência papua, enquanto no crânio n.º 322 acusa a influência indonésica.

Para melhor elucidação das nossas afirmações, publicamos a seguir os índices de Quatrefages & Hamy (3), relativos aos crânios mongóis e australianos para, do seu confronto com os nossos dados, mais facilmente se poderem apreender as influências das raças que entraram na génese da actual população de Timor:

	Crânios mongóis	Crânio australiano
Índice cefálico	de 85,7 a 88,0	67,21
» vért. longo	de 76,1 a 77,2	71,02
» vért. transv.	de 81,0 a 90,4	105,69
» front. pariet.	de 62,2 a 71,0	—
» orbitário	de 89,4 a 92,1	—
» nasal	de 46,6 a 50,9	60,00
» facial	de 62,9 a 67,6	—

Da comparação destes dois quadros, infer-se que os crânios mongóis são braquicéfalos, ortocéfalos, platicéfalos, hipsicônquios, leptomesorrínios e leptomesoprósopos; e o crânio australiano é nitidamente dolicocéfalo, hipsistènocéfalo e platirrínio.

Além destes pontos de confronto, temos ainda o ângulo de Rivet (1), que é de 70°,20 (mèsognatismo) nos Australianos, segundo o próprio Rivet, e conforme a tabela de Aranzadi (2), é de 68°,42 nos Australianos e de 64°,43 nos Papuas. Daqui se conclui que o prognatismo é acentuado nos Australianos e mais acentuado ainda nos Papuas. Ora o ângulo de Rivet, nos crânios da nossa série, é mais elevado do que os atrás mencionados, aproximando-se dos ângulos dos Ainos e Chineses, no mapa de Aranzadi.

O índice do buraco occipital é também, por sua vez, muito explícito sôbre a hétérogeneidade da actual população de Timor. E, na opinião de Topinard (3), a mégasemia é essencial e fortemente acentuada nas raças amarelas, sendo muito microsemas as raças melanésicas.

Ten Kate (4) achou o índice cèfalométrico médio de 78,8 em 30 Timorenses do sexo masculino, e de 80,9 em 13 Timorenses do sexo feminino. E o índice nasal dos vivos em 29 Timorenses do sexo masculino oscila

(1) Rivet, *Recherches sur le prognathisme* (*L'Anthropologie*, 1910).

(2) Aranzadi, *El triangulo facial de los craneos vascos*.

(3) Topinard, *Éléments d'anthropologie générale*.

entre 60 e 102, dando a média de 85,6; e em 12 Timorenses do sexo feminino a oscilação vai entre 72 e 100, dando a média de 85,1.

Como êste nosso estudo incide sôbre um número muito pequeno de crânios, fácil nos será analisar em cada crânio as influências étnicas prováveis:

O crânio n.º 319 é mèsocéfalo e, portanto, apresenta mais afinidades com os Negritos ou Negritos-Papuas do que com os Papuas pròpriamente ditos, os quais são francamente dôlicocéfalos. Em todo o caso, isso revela provàvelmente a influência melanésica, que parece ser confirmada pelas órbitas baixas, pela microsemia e pela elatocefalia.

O crânio n.º 320 é fortemente dôlicocéfalo, o que nos parece revelar a influência Papua, reforçada pela hipsistènocefalia, que é uma das características dos crânios australianos. A platirrinia muito acentuada e a mètriocefalia são provàvelmente reveladoras da influêneia negrítica. E o ângulo de Rivet, denunciando ortognatismo, indica talvez a influência indonésica. Ora isto parece-nos demonstrar que se trata dum crânio em que se manifesta, com alguma clareza, a associação de influências indonésica e melanésica.

O crânio n.º 321, pela impossibilidade da determinação de importantes índices para a classificação, em vista do seu mau estado de

conservação, indica-nos apenas a sua notável platirrinia, que é um dos caracteres mais dominantes dos indígenas de Timor.

O crânio n.º 322 atrai imediatamente a nossa atenção para o seu índice cefálico muito alto, que contrasta com a feição dolicocéfala dos crânios australianos, e que nos leva a supor a influência indonésica, a qual nos parece ser revelada também pelo ângulo de Rivet mais elevado, pela mégasemia muito pronunciada e pela sua hipsiconquia, — e em que apenas a oligocefalia representaria a influência australoide.

A análise etnogénica desta pequena série de crânios de Timor leva-nos a concluir que se trata de uma série heterogénea, em que diversos elementos étnicos intervieram para a constituição do indígena desta província. «Je n'ai rencontré nulle part — escreve Ten Kate — ni Négritos ni Papuas de race pure, mais des populations profondément métissées de sang mélanésien et indonésien, chez lesquelles l'élément négroïde prédomine dans l'ouest et l'élément jaune dans le centre.»

BIBLIOGRAFIA

SÔBRE A ANTROPOLOGIA E ETNOGRAFIA DE TIMOR

- 1 HAMY — Sur l'anthropologie de l'île de Timor (*Bulletin de la Société d'Anthropologie*, 1875).
- 2 LESSON — Quelques mots sur les races noires de Timor (*Revue d'Anthropologie*, 1877).
- 3 QUATREFAGES & HAMY — *Crania ethnica*, Paris, 1882.
- 4 TEN KATE — Contribution à l'anthropologie de quelques peuples d'Océanie (*L'Anthropologie*, 1893).
- 5 BARROS E CUNHA — Notícia sôbre uma série de crânios da ilha de Timor existentes no Museu da Universidade, Coimbra, 1898.
- 6 TEN KATE — Mélanges anthropologiques, III, Indigènes de l'Archipel Timorien (*L'Anthropologie*, 1915).
- 7 MENDES CORREIA — Timorenses de Okussi e Ambeno, Notas antropológicas sôbre observações de Fonseca Cardoso (*Anais Scient. da Academia Politécnica do Pôrto*, 1916).

- 8 ID. — Antropologia timorense (*Revista dos Liceus*, 1916).
- 9 LEITE DE MAGALHÃES — Subsídios para o estudo etnológico de Timor (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 1919).
- 10 J. A. FERNANDES — Timor, Impressões e aspectos, Pôrto, 1923.
- 11 KLEIWEG DE ZWAAN — Physical anthropology in the Indian Archipelago and adjacent regions (*Koninklijke Akademie van Wetenschappen*, Amsterdam, 1923).

**O que temos feito
e o que precisamos de fazer**

V

O QUE TEMOS FEITO E O QUE PRECISAMOS DE FAZER (1)

Aristóteles chamava antropólogos àqueles que dissertavam sobre o Homem; mas, nos tempos antigos, a antropologia estudava o ser humano apenas sob o ponto de vista moral.

Só desde há um século é que a antropologia é considerada como sinónimo de história natural do Homem (Serres 1838) e, apenas no meado do século XIX, é que a antropologia se organizou como ciência autónoma.

Em 1859 fundou-se em Paris, sob os auspícios de Paul Broca, a *Société d'Anthropologie* e, pouco depois, em todos os países civilizados se criaram sociedades análogas, cátedras, museus e revistas especiais dedicadas à História Natural do Homem. Começaram

(1) Conferência inaugural da 1.^a Secção do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial — Pôrto, 1934.

então a realizar-se estudos sistemáticos dos diferentes povos e raças.

Como é sabido, coube a Portugal a grande missão de desvendar à Europa uma grande parte do mundo, Portugal

*"..... cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E quando desce o deixa derradeiro."*

O génio dos Portugueses de antanho, à medida que descobria e conquistava novas terras, ia

*"Vendo os costumes bárbaros, alheios,
Que a nossa África ruda tem criado".*

Quem se der ao prazer de folhear as obras da nossa opulentíssima literatura dos séculos XV, XVI e XVII, encontrará elementos para um verdadeiro tratado de etnografia.

Mas os estudos sistemáticos de antropologia começaram a realizar-se em Portugal um pouco tarde.

Só em 1880, graças ao impulso dado pela reunião do Congresso Internacional de Antropologia de Lisboa, onde tão apreciados e discutidos foram os trabalhos de Carlos Ribeiro e Nery Delgado, é que se iniciaram no nosso

país investigações sôbre aquela ciência. Êsses estudos, começando pela metrópole, logo se estenderam às colónias. A necessidade de os desenvolver foi há pouco bem salientada pelo Prof. Leite de Vasconcelos na sua monumental *Etnografia Portuguesa*, onde se lêem as seguintes palavras:

“Tomando em consideração a Etnografia dos povos incultos, e no nosso caso a da maior parte das colónias portuguesas... pois não só o viver das tribus selvagens aclara, por comparação, bom número de obscuridades da história antiga, e resolve problemas de sociologia, mas nenhuma administração colonial será digna, quando na posse do respectivo governador não esteja de antemão o conhecimento pormenorizado da província que administra.

Ao falar, embora não de selvagens, mas de gentios da nossa Índia antiga, lembra Diogo do Couto que os milagres de administração que lá fêz certo governador resultaram *da experiência que tinha da terra, do conhecimento dos homens dela*.

No Congresso Internacional de Etnologia e Etnografia celebrado em Neuchâtel em 1914, o Prof. Bezemer leu uma comunicação acêrca da importância da Etnografia na política colonial, sustentando que convinha que os administradores coloniais soubessem Etnografia e

que muitas vezes era por causa de não se conhecerem os usos e crenças dos indígenas que rebentavam guerras sangrentas».

Mas não precisamos de ir ao estrangeiro buscar exemplos, pois temo-los brilhantes nos diversos períodos da nossa história. A propósito do «dia de Timor», na Exposição Colonial, diz uma brochura comemorativa:

«O Governador Celestino da Silva soube primeiro ver, soube depois governar... Comandava no mais alto significado do termo — depois de ter decifrado a alma do nativo».

No trabalho que vou apresentar, desejo fazer um sumário da contribuição portuguesa para o estudo antropológico dos povos que habitam as nossas Províncias Ultramarinas.

É, pois, êste estudo como que um prefácio aos labôres do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, que tanto fará avançar os nossos conhecimentos.

II

Ao chegar à Índia, o grande Vasco da Gama notou:

*«Mas agora de nomes e de usança
Novos e vários são os habitantes.»*

e, da bôca do Mouro Monçaíde, ouviu, impressionado :

*«Mais estranhezas inda das que digo
Nestas terras vereis de usança vária.»*

Todos êsses usos e costumes exóticos foram registados pelos nossos grandes escritores da época; não me ocuparei dêles, pois o meu intento limita-se a expôr, em resumo, os trabalhos modernos sôbre Antropologia e ciências afins.

E' curioso referir que o primeiro trabalho português sôbre antropologia colonial diz respeito à India. Devemo-lo ao brilhante militar e notável antropologista Fonseca Cardoso (1).

Encontrando-se em Satary em campanha contra uma rebelião de Ranes, esteve, durante um mês, em Sanquelim, onde estudou e mediu 40 Satarienses masculinos, de 20 a 50 anos.

Baseando-se nos seus caracteres descritivos e métricos, concluiu, de acôrdo com Rislely, Topinard, etc., que se tratava de uma mistura de raças.

Na sua valiosa memória, que foi publicada em 1896, Fonseca Cardoso estuda a situação geográfica e a meteorologia da província de Satary, cuja população, de 20.000 habitantes, Maratas caçadores e guerreiros, é

guiada pelos Ranes, e pouco influenciada pela civilização europeia.

A família do sábio Fonseca Cardoso ofereceu ao Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto seis crânios, cinco dos quais provenientes do cemitério de Sanquelim (Satary) e o outro pertencente a um indivíduo morto em combate em Cudnem. Estes crânios foram estudados pelo Director daquele Instituto, Prof. Mendes Correia (9), que verificou tratar-se duma série pouco uniforme, na qual se notavam influências caucasóide ou ariana e indo-africana.

O Prof. Germano Correia (14) bradava, em 1918, que nada se sabia sôbre a composição racial da população da Índia portuguesa, que nada se sabia sôbre as origens étnicas dos habitantes de Goa, Damão e Diu; que nada se sabia sôbre a evolução antropológica e constituição etnológica dos Luso-descendentes da Índia; que não se tinha estudado o aclimamento lusitano na Índia; até à data, só o indígena de Satary tinha sido estudado antropológicamente (Fonseca Cardoso 1895).

O Autor foi ouvido nos seus clamores e o Director da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Gôa, Prof. Volfango da Silva, criou ali um pequeno gabinete antropológico e laboratório antropométrico, obra que produziu belos frutos, como veremos.

Em 4 de Maio de 1923, Constâncio Mascarenhas (25) pronunciou, na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, uma conferência (A pátria do Buda), em que versou largamente o problema das castas e a história e etnografia indianas; e, no ano seguinte, desenvolvendo muito estas noções e publicando as observações de vinte crânios indianos do Museu do Instituto de Anatomia do Pôrto, Constâncio Mascarenhas preparou e defendeu uma notável tese de doutoramento (31).

Em 1926, o Prof. Bethencourt Ferreira (37) estudou sete crânios de Satary pertencentes ao Museu Bocage, verificando que a série não é uniforme, notando-se a mestiçagem do indígena de Satary, hipótese já aventada por Fonseca Cardoso e Risley.

As conclusões de Bethencourt Ferreira concordam com as de Mendes Correia e Constâncio Mascarenhas.

Foi de excelentes efeitos a campanha do Prof. Germano Correia, o qual, graças à instalação do Laboratório de Antropologia, pôde publicar, já em 1928, uma extensa e valiosa memória sôbre os Luso-descendentes (46).

Assim se designam, na Índia, os descendentes dos Portugueses metropolitanos, nascidos em Gôa, Damão e Diu. A maior parte

dêles ainda não se cruzaram com as indianas, havendo contudo alguns mestiços Luso-indianos.

A primeira tentativa de fixação dos Portugueses na Índia data de Afonso de Albuquerque: o grande conquistador determinou, logo no começo de Século XVI, que os Portugueses que demandassem a Índia se casassem com *mouras alvas e de bom parecer* (1).

Mas a expectativa de Albuquerque não teve pleno êxito, pois que, segundo Gaspar Correia, os mestiços «sairam errados da bondade dos seus pais e mãis»

No século XVII, nova tentativa de colonização europeia. O Governo mandou para a Índia raparigas de bons costumes (*Orfãs de El-Rei*), com a intenção de as matrimoniar com os Portugueses expedicionários. Os actuais Luso-descendentes proveem dos casamentos das *Orfãs de El-Rei* com os militares que iam em serviço para a Índia, muito dos quais pertenciam à melhor aristocracia. Luso-descendentes eram Elvino de Brito, Silva Teles, Cristóvam Aires e tantos outros, que se distinguiram no professorado, nas letras e na política.

(1) Afonso de Albuquerque presidia aos casamentos, dotava os noivos e parece que até dirigia as cerimónias nupciais (Prestage «Descobridores Portugueses» Porto 1934).

O número actual de Luso-descendentes é de cêrca de dois milhares, entre os quais se contam 12 médicos, 6 generais de reserva, numerosos estudantes, funcionários civis e militares, etc.

O Autor estuda, sob o ponto de vista morfológico, algumas dezenas de Luso-descendentes, praticando nêles grande número de medidas. Comparando os Luso-descendentes da India com Portugueses da Metrópole estudados por diversos antropologistas, chega à conclusão seguinte: "Os Luso-descendentes da India Portuguesa apresentam um tipo morfológico inteiramente semelhante ou mesmo quási igual ao dos Portugueses europeus".

Francisco Correia, numa série de trabalhos que tem publicado (47, 50, 64, 68, 69), iniciou o estudo da teratologia humana na India, observando algumas anomalias musculares, vícios de conformação dos membros e dos órgãos genitais, anomalias arteriais e nervosas, etc.

Antes dêle, publicara eu (20) a observação de uma cabra monstruosa ciclocefaliana, nascida em Nova Gôa, e que me fôra oferecida pelo Prof. Froilano de Melo.

Como os Ranes de Satary constituem uma casta em via de desaparecimento, o Prof. Germano Correia (51) estudou ainda 25 dêsses indivíduos, que pertencem à casta

Xátria, a segunda da jerarquia bramânica. São guerreiros, de estatura elevada, fortes, de cabelo louro, pele moreno-clara.

Num relatório do tenente-coronel Leite de Magalhães (A Província de Satary, Nova Gôa 1920), do qual há pouco tive conhecimento, também aquele infatigável investigador se ocupa do indígena de Satary sob o ponto de vista etnográfico.

Em um novo e desenvolvido estudo, o Prof. Germano Correia (66) expõe o resultado das mensurações que praticou em 300 crianças e adolescentes (dos 10 aos 21 anos), de origem europeia, nascidos em Goa. E' largamente estudada a morfologia e caracteres descritivos, tipos somáticos, antròpometria, crescimento, etc., confrontando-se aqueles indivíduos com as crianças e adolescentes da Metròpole.

No mesmo ano (1931), Constâncio Mascarenhas (63) publicou uma nova contribuição sôbre a antropologia de Goa, estudo descritivo e métrico de vinte crânios de indianos.

Salientou a variedade de tipos encontrados e, confrontando o seu trabalho com os de outros Autores, concordou com êles a respeito do índice cefálico dos indianos.

Costa Pegado (65) investigou algumas disposições miológicas em 175 indianos vi-

vos, segundo as normas do *Comité International des Recherches des Parties Molles* (C I R P), estudando as percentagens das variações musculares em diversas castas.

Por último, muito recentemente, Bragança Pereira (77) publicou um extenso e valioso trabalho sobre a história e os usos e costumes das diversas castas do Estado da Índia. Essa memória é, por assim dizer, o resumo da obra monumental do mesmo Autor, inserida no Volume I da importantíssima colecção de estudos intitulada "A Índia Portuguesa" — Nova Goa — Imprensa Nacional, 1923.

E, ao abrir deste Congresso, tomei conhecimento da publicação duma notável memória sobre os Maratas da nossa Índia, trabalho que foi apresentado ao Congresso Internacional de Ciências Antropológicas em Londres pelo Prof. Germano Correia.

III

*"Vendo vários costumes, várias manhas,
Que cada região produz e cria"*

não deixaram os Portugueses de ir observar Timor, a sua mais longínqua possessão, que foi uma das primeiras a começar a ser estudada sob o ponto de vista antropológico.

Foi em 1898 que o Prof. Barros e Cunha (2) deu à luz a sua memória à cerca de uma série de crânios daquela Ilha, existentes no Museu de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Essa colecção fôra medida, já em 1885, pelo Autor, de colaboração com Aarão de Lacerda e Duarte Leite, então alunos.

Foram feitas trinta mensurações naqueles crânios, dos quais 28 são masculinos, 1 feminino e 6 incertos. Provinham das decapitações de inimigos vencidos numa guerra.

Refere-se Barros e Cunha aos trabalhos de Quatrefages, Wallace, Forbes, Hamy, Lesson e outros autores estrangeiros que se ocuparam da geografia e das raças de Timor, e, confrontando as suas peças com diversos ramos das raças Papua, Malaia e Polinésia, termina: «Podemos, pois, concluir com segurança, que, conquanto haja em Timor a mistura de muitas raças, o elemento Papua predomina enormemente sobre todos os outros, pelo menos na parte portuguesa da Ilha».

João dos Santos Pereira Jardim (3), official do exército, o qual estacionou muito tempo em Timor, redigiu muitas e curiosas notas sobre os usos e costumes do povo daquela Ilha.

Aproveitando essas notas, Santos Rocha apresentou uma comunicação sobre a etno-

grafia de Timor, em 24-X-98, à Sociedade Arqueológica da Figueira.

Em 1916 saíram duas memórias do Prof. Mendes Correia (7,8), sôbre antropologia timorense. Na primeira delas, cita as conclusões dos trabalhos de Ten Kate e, baseando-se em apontamentos manuscritos deixados por Fonseca Cardoso, exprime a opinião de que os timorenses são o produto da fusão de elementos malaios com elementos negroides.

A segunda memória de Mendes Correia é o estudo feito sôbre 107 observações de timorenses, realizadas *in loco* por Fonseca Cardoso. Baseado nos caracteres descritivos e métricos, conclui igualmente pela heterogeneidade antropológica da população timorense.

Em 1919 deu à luz Leite de Magalhães (16) a sua memória àcêrca da etnografia de Timor. Refere-se aos trabalhos de Barros e Cunha, Ten Kate e Mendes Correia. Estuda os diversos *reinos* timorenses, com os seus dialectos próprios, e, descreve, com vivas côres, o canto de guerra *lòrçá*, em volta das cabeças dos inimigos decapitados.

De índole diversa é o opúsculo de J. A. Fernandes (19). Trata-se de umas notas de viagem colhidas em 1919, mas só publicadas quatro anos depois, em que o Autor faz diversas considerações políticas e literárias, que

interessam principalmente a história contemporânea da nossa longínqua possessão. Ali se podem apreciar alguns costumes dos indígenas timorenses, bem como narrativas da guerra de 1912.

Citarei agora o mais recente dos trabalhos portugueses sôbre antropologia de Timor. Foi elaborado em 1925 por Constâncio Mascarenhas, de colaboração comigo (35) e baseia-se no estudo anatómico e antropológico de quatro crânios de timorenses oferecidos ao Instituto de Anatomia do Pôrto pelo falecido Dr. J. Paiva Gomes (1). Nessa memória fazemos referência aos trabalhos estrangeiros sôbre o assunto, o primeiro dos quais se deve a Hamy (1875), ao qual se seguiram Lesson, Quatrefages e Hamy, Ten Kate e Kleiweg de Zwaan. Também citamos as obras nacionais, já mencionadas, de Barros e Cunha, Mendes Correia, Leite de Magalhães e J. A. Fernandes.

A análise etnográfica dêste pequeno grupo de crânios levou-nos a concluir que se trata de uma série heterogênea e a concordar com Ten Kate, que não encontrara em parte nenhuma Timorenses que fôsem Negritos nem Papuas de raça pura, mas sim populações

(1) V. Cap. IV dêste livro.

profundamente mestiçadas de sangue melanésio e indonésio.

Um daqueles crânios pertenceu a um indivíduo decapitado na guerra cruel de 1912. Falta-lhe, por isso, o occipital e, na superfície endocraniana, notam-se ainda vestígios da acção do fogo, com que os guerreiros timorenses costumavam mumificar as cabeças das vítimas (1).

No mesmo crânio estudei eu (44) uma curiosa anquilose da articulação têmporo-maxilar.

Sobre etnografia desta possessão, leia-se a memória do P. Sebastião Maria Aparício da Silva «Missão de Timor», que vem inserta no volume «Portugal Missionário», Sernache do Bomjardim, 1928.

Numa pequena monografia, que só há pouco vi, e que foi publicada em Macau em 1916, o Tenente-coronel Leite de Magalhães estuda os caracteres etnográficos dos indígenas da Ilha de Ataúro (Província de Timor).

E, pouco antes da impressão desta conferência, publicou o Tenente A. Pinto Correia uma notável contribuição para o estudo da etnografia da mesma Província («Gentio de Timor», Lisboa 1935).

(1) V. gravura da capa deste livro.

O distinto colonialista passou cêrca de seis anos naquela distante possessão, onde, com muita inteligência, desempenhou o cargo de administrador da circunscrição de Baucau.

A obra de Pinto Correia é, sem dúvida, o mais importante subsídio para o estudo da complicada e obscura etnologia timorense.

IV

Como é sabido, as Ilhas de S. Tomé e Príncipe foram povoadas, principalmente, por indivíduos levados das costas de África, sobretudo de Angola. Por êsse motivo, o estudo antropológico da população daquele Arquipélago não oferece tanto interêsse como o das outras possessões africanas. Sôbre tal assuntó não conheço, aliás, qualquer trabalho especial.

Apenas direi que, em 1913, foi dissecado, no Instituto de Anatomia que dirijo, o cadáver duma Negra natural da Ilha de S. Tomé, no qual descrevi (4) uma variação do bicípite braquial, que consistia na bifurcação inferior dêsse músculo.

Informou-me o Rev. missionário P. Miranda Magalhães que um seu colega tinha publicado um largo trabalho sôbre etnografia de S. Tomé e Príncipe. Infelizmente, não me foi possível ver essa memória.

V

Muito mais importante é a Província de Angola, que tem sido objecto de um certo número de estudos antropológicos.

As primeiras observações sôbre a antropologia angolense devem-se a Falkenstein (1877), ao qual se seguiram Weisbach, Flower, Zintgraff, Abraham, Deniker e Laloy, Rüdinger, Hartmann, Jacques e Shruballs.

Só em 1915 é que apareceu o primeiro trabalho efectuado por um Português: foi o Prof. Mendes Correia (5), que estudou três crânios de Negros Mossumbes, os quais tinham sido oferecidos ao Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto pelo Rev. Missionário P. Claudino Brites, que obteve aquelas peças em Quissala, perto de Novo Redondo.

O Prof. Mendes Correia estudou minuciosamente os caracteres métricos e descritivos daqueles crânios.

Do mesmo ilustre antropologista mencionarei agora duas importantes memórias (6,13), elaboradas sôbre numerosas observações colhidas *in loco* pelo malgrado Fonseca Cardoso.

Na primeira são estudados os Quiocos, Luimbes, Luenas e Lutchazes, povos que habitam o interior do distrito de Benguela.

Fonseca Cardoso foi chefe de uma expedição militar àquela região, em 1903-04; estudou cuidadosamente a sua população, deixando no seu espólio numerosos apontamentos, os quais foram aproveitados pelo Prof. Mendes Correia, que se ocupou da situação geográfica e etnografia da região, bem como dos caracteres descritivos e métricos de 341 indivíduos, todos adultos (112 Quiocos, 82 Luímbes, 101 Luenas e 46 Lutchazes).

Mendes Correia chegou à conclusão de que se trata da mescla de dois tipos, pelo menos: o *Homo afer* e o tipo *Fula*.

Na segunda memória, o Prof. Mendes Correia utiliza 39 observações feitas pelo sábio Fonseca Cardoso em indígenas do distrito de Benguela, 4 de Bi-n'bundo, Capoco do Bié, 28 de Andulos e 7 de Ambuelas-mambundas do sobado de Cangamba.

Estuda a situação geográfica e a classificação daqueles povos, segundo Serpa Pinto, Capelo & Ivens, Paiva Couceiro, João de Almeida, etc., e menciona depois os caracteres descritivos e métricos daqueles exemplares. Apesar de pertencerem todos à raça Banto, não há inteira unidade entre estes grupos, pois os Angolenses, sob o ponto de vista antropológico, estão longe de constituir uma raça homogênea.

Pela mesma época, o malgrado antropo-

logista Prof. A. A. da Costa Ferreira (10) fez o estudo sumário de uma série de crânios colhidos em Luanda e Benguela pelo Prof. Silva Teles. Essa importante colecção foi assim classificada por Costa Ferreira, de colaboração com o hoje Prof. Vítor Fontes: australoides 4, negros 42, negroides 33 e caucoides 36.

Também no mesmo ano, David Magno (18) estudou a etnografia dos Dembos (caracteres etnográficos, organização social, características de família e religião).

Ainda em 1919 foi publicada uma memória póstuma em que o infatigável Fonseca Cardoso (15) investiga a antropometria de 74 homens da tribo Luímbe, chegando à conclusão que ela não se destaca do tipo geral Ganguela, ao qual pertence. Estuda ainda alguns Luenas, Quiocos e Lutchazes, mencionando os caracteres étnicos de cada um desses grupos.

Faz uma narrativa animada da invasão dos Quiocos na região de Moxico, e menciona a lenda lutchaze sôbre a sua migração, bem como a lenda do Lago Dilolo. Descreve diversos instrumentos musicais dos Ganguelas e termina a sua valiosa memória com um vocabulário luena, quioco e bailundo, com a sua correspondência em português.

Ainda no mesmo ano, o Prof. Hernâni Monteiro (17), então meu Assistente, estudou

as avulsões dentárias étnicas de nove crânios de Negros do Humbe (Mutano), os quais tinham sido oferecidos ao Instituto de Anatomia do Pôrto pelo Dr. Manuel Bragança.

Em tôdas aquelas peças se nota a extração dos quatro incisivos inferiores. Nos outros crânios de indígenas angolenses, existentes no nosso Museu, não encontrou quaisquer mutilações dentárias.

Em 1914 dissecou o Prof. Henrique de Vilhena (21), no Instituto de Anatomia de Lisboa, uma Negra de 30 anos, natural de Luanda, descrevendo minuciosamente o seu sistema muscular.

O Rev. Missionário P. Miranda Magalhães enviou ao Prof. Mendes Correia quatro crânios de Luangos da região do Dembos, peças que serviram de base, assim como numerosas notas colhidas pelo mesmo missionário, para um novo trabalho daquele investigador (22).

A série não era homogénea e, a-pesar-de juntar a essas observações mais oito colhidas no vivo pelo P. Miranda Magalhães, não se julgou habilitado o antropologista portuense a tirar conclusões definitivas.

Ao *Primeiro Congresso Internacional de Medicina Tropical na África Ocidental* (Luanda 1923) foram apresentadas quatro comunicações sôbre antropologia angolense.

O Prof. Germano Correia (28) dissertou

sôbre os Ovamos de Angola (generalidades, clima da Ovâmpia portuguesa, Cuamatos, Cuanhamas e Evales, seus usos e costumes, religiosidade, alimentação, caracteres descritivos e métricos de 21 indivíduos.

Luís Guerreiro (27) preconizou a criação de um Instituto de Antropologia em Angola, para o estudo sistemático do colono e do indígena.

O P. Miranda de Magalhães (26) falou da origem do povo de Angola e das diversas raças que aí habitam, bem como dos seus caracteres métricos. Tratou ainda da evolução e crescimento dos indivíduos de Luanda, desde o 2.º ao 22.º ano (119 observações).

Segundo aquele ilustre Missionário, há pouco falecido, as crianças indígenas são tão inteligentes como as europeias, mas, nos adultos negros, a inteligência diminue.

De colaboração com Hernâni Monteiro e Constâncio Mascarenhas, apresentei também àquele congresso (30) uma comunicação que versou o estudo de 18 crânios angolenses do nosso Museu, (9 do Humbe, oferecidos pelo Dr. Manuel Bragança, 6 do Libolo-Quanza Sul, oferecidos pelo Dr. Fernandes Tôres, etc.). Confronto das nossas mensurações com as obtidas por outros investigadores nacionais e estrangeiros (1).

(1) V. Cap. I deste livro.

Pela mesma época, o Dr. Fernandes Figueira (32), iniciando os estudos de teratologia nos indígenas angolenses, observou alguns casos de polidactilia, publicando as suas observações, acompanhadas de medidas praticadas nos mesmos indivíduos pelo Prof. Germano Correia e pelo P. Miranda de Magalhães.

Não é rara a hiperdactilia dos Negros de Angola, que consideram uma inferioridade tal anomalia; por êsse motivo, é freqüente os Negros amputarem a si próprios os dedos supranumerários.

Em 1931 publiquei também (67) a observação de um caso de polidactilia das mãos de um Negro visto em Luanda pelo Dr. Eurico de Almeida. E, num volume que editei em 1930 (58), inseri as observações de um caso de ginècomastia colhido no Moxico (Alto Zambeze) pelo Dr. Aristides Silva.

Citarei agora quatro memórias, duas do Prof. Germano Correia (61, 62) e outras duas do Prof. Barros e Cunha (54 e 75).

No primeiro dos seus trabalhos, o professor indo-português estudou detidamente, sob o ponto de vista antropométrico e etnográfico, 25 soldados Cuanhamas de 20 a 40 anos; e no segundo fez o estudo antropológico de 23 indivíduos nascidos em Angola, pertencentes à terceira geração de Portugueses idos da Metrópole.

Faz ali a história da colonização portuguesa de Angola, estuda a climatologia dessa Província Ultramarina e declara que os Luso-descendentes angolenses têm um alto nível moral e uma religiosidade e laboriosidade apreciáveis. Por êsses motivos, devem gozar as mesmas regalias que os Portugueses metropolitanos.

Durante a guerra, o Dr. Viana de Lemos, mobilizado para Angola, ali estudou uma série de 54 crânios de indígenas do Humbe e do Cuamato. Essa importante colecção perdeu-se, infelizmente, depois de um estudo sumário daquele Autor, cuja memória foi feita de colaboração com o Prof. Barros e Cunha (54).

A pequena capacidade daqueles crânios denotava, talvez, mestiçagem com elementos bochimanés. O índice cefálico (média 73,5) não se afastava de outras séries angolenses já estudadas anteriormente.

A última publicação do professor conimbricense (75) refere-se à minuciosa observação do crânio de um soba quioco, o qual fôra obtido em 1927 pela missão científica dirigida pelo malogrado Prof. Luís Carriço.

Para terminar, direi que tenho conhecimento de mais dois trabalhos, actualmente em via de publicação, sôbre antropologia da nossa vasta possessão da costa ocidental de

África: a observação do cadáver de uma Angolense, que foi dissecado no Instituto de Anatomia do Pôrto pelo Prof. Luís de Pina e pelo Dr. Armando Leão (*Trab. da Soc. Portuguesa de Antropologia e Etnologia*), e o estudo de uma série de crânios, da autoria do Dr. Constâncio Mascarenhas⁽¹⁾.

Não deverei esquecer também um pequeno trabalho sôbre patologia comparada. O Dr. Manuel J. dos Santos ofereceu ao nosso Instituto uma colecção incompleta dos ossos de um Gorila que fôra caçado no território da Intendência de Cabinda. Nesse esqueleto estudei (76) as fracturas consolidadas do cúbito e do rádio esquerdos.

Citarei ainda uma luxuosa obra aparecida durante a Exposição: a «Etnografia Angolense», em que Fernando Mouta, em belas e numerosas estampas, estuda diversos tipos étnicos do Norte de Angola (Malange e Lunda).

Também tomei conhecimento, há pouco, de uma importante monografia do Tenente-coronel Leite de Magalhães («Distrito de Quanza-Sul», Lisboa 1924), a qual insere um capítulo que se ocupa da etnografia daquele distrito angolense.

(1) V. bibliografia do fim dêste capítulo.

VI

A Antropologia de Moçambique tem despertado menos a nossa atenção que a de Angola.

Foi Dumontier quem primeiro se ocupou da antropologia dos povos da nossa costa africana oriental (1854). Depois dêle, trataram mais ou menos do assunto Dusseau, Zuckerkandl, Ecker, Quatrefages & Hamy, Passavant, Weicker, Rüdinger, Shruballs, Fülleborn e Stow, mas todos trabalharam com números muito escassos.

Os primeiros trabalhos de certo vulto sobre antropologia e etnografia moçambicanas devem-se a um Português, o Prof. Américo Pires de Lima, então Assistente da Universidade do Pôrto, que, nos anos de 1916-17, foi mobilizado como médico militar para o Norte de Moçambique, onde praticou largas investigações sobre a flora, fauna e antropologia daquela Província Ultramarina. No regresso, publicou duas memórias relativas ao assunto que nos interessa (11,12).

Na primeira estudou quatro manipanços macondes, com características étnicas (tatuagens, etc.), objectos de uso doméstico (vaso de madeira de colhêr água, denominado *cata*), uma espécie de peneira chamada *quitundo* ou *nibuco*, várias armas, como uma *iba*, arcos e

flechas, instrumentos músicos macuas e macondes (*ringa, goma*), estudos de trajés, amuletos, lendas e costumes, etc. Notou ali uma considerável influência muçulmana.

A segunda memória de Américo Pires de Lima é um longo estudo, baseado em numerosas observações colhidas durante a campanha do Niassa em 1916-17.

Faz a narrativa das complicadas migrações dos povos em Moçambique e estuda os caracteres das tribos da costa oriental da nossa África.

Observações minuciosas de 170 indígenas adultos do sexo masculino, em geral carregadores negros ao serviço da expedição: 18 Suãilis, 13 M'jauas, 25 Macuas da região do Medo, 22 Macuas da região de Moçambique, 57 Quelimanes (Manicas, Macuas, etc.), 16 indígenas de Tete, 5 de Inhambane e 14 Landins.

Com êste material tão rico, conseguiu elaborar uma importante memória, em que fixou os caracteres métricos e descritivos de tôdas aquelas tribos. Dêste modo, deixou de ter cabimento o reparo que fizeram Quatrefages & Hamy em 1882, ao dizerem que "as vastas regiões que se estendem ao Norte dos países cafres até aos Grandes Lagos eram quási inteiramente novas para a história natural do Homem".

Em 1924, graças às diligências dos Doutores Gouveia Pinto, António Barradas, Sousa Dias e Ramos de Magalhães, consegui obter para o Instituto de Anatomia do Pôrto 14 crânios de indígenas, certamente Landins, de Marracuene (perto de Lourenço Marques).

Essas peças foram estudadas por Constâncio Mascarenhas, de colaboração comigo (34). A série é perfeitamente uniforme, e as nossas conclusões aproximam-se das que tirou o Prof. Américo Pires de Lima (1).

O Dr. Eurico de Almeida (33) observou um caso de ginècomastia num Macua de Moçambique e, em 1928, publicou Gustavo de Bivar Pinto Lopes (45) as respostas a um vasto inquérito sôbre antropologia, etnografia, história, direito, usos e costumes, língua, literatura, etc., dos povos que habitam o território que está sob o domínio da Companhia de Moçambique. A página 123 desta longa obra insere-se uma extensa bibliografia sôbre a etnografia de Moçambique, referente a Manica, Sofala, Sena, Bàrué, etc.

Em 1928 foi dissecado minuciosamente, no Instituto de Anatomia do Pôrto, pelos Professores Álvaro Rodrigues, Luís de Pina e Sousa Pereira (49,53), um Negro de 25 anos, natural de Moçambique e o resultado

(1) V. Cap. II dèste livro.

dessa dissecação foi comunicado ao *Comité International pour les Recherches sur les Parties Molles*, de Varsóvia, que o publicou em primeiro lugar nas suas «Folia Morphologica».

Pouco depois, o Prof. Henrique de Vilhena (57) dissecou, no Instituto de Anatomia de Lisboa, de que é ilustre director, uma Negra de 27 anos, natural de Quelimane, e notou as suas disposições miológicas.

Em 1931, o Prof. Luís de Pina (73) publicou uma nova e importante contribuição para o estudo da antropologia moçambicana.

Refiro-me à observação, realizada por aquele investigador, dos crânios dos indígenas de Moçambique existentes no Museu Broca de Paris. Nêles, e na série do Instituto de Anatomia do Pôrto, mediu também os ângulos da base, segundo a técnica de Papillault. As séries até hoje estudadas, diz o Prof. Pina, são insuficientes para se tirarem conclusões definitivas.

Finalmente, em 1934, por ocasião da Exposição Colonial, saíram duas brochuras, que interessam à etnografia moçambicana.

Pereira Cabral (79) refere-se às diversas sub-raças e tribos que povoam os distritos de Moçambique e, a respeito de cada grupo, faz interessantes considerações antropológicas e etnológicas. E o capitão Santos Figueiredo (80), numa brochura publicada também

a-propósito da Exposição, insere valiosas considerações sobre a distribuição dos povos de Moçambique e suas características.

Do mesmo assunto se ocupa a bela monografia publicada em 1929 pela Imprensa Nacional de Lourenço Marques «A Colónia Portuguesa de Moçambique».

Também devo citar, sobre etnografia moçambicana, o trabalho do P. Manuel da Cruz Boavida «Região do Maputo e a sua Missão Católica», do volume «Portugal Missionário», Sernache do Bomjardim, 1928.

A-pesar-de se tratar de trabalhos realizados por estrangeiros, não posso deixar de mencionar as investigações antropológicas efectuadas nas suas viagens pelo Continente africano pelo Prof. Lidio Cipriani, que obteve, liberalmente, para o Museu Nacional de Antropologia e Etnologia da Régia Universidade de Florença, 21 esqueletos completos, exumados dos arredores da Beira, os quais estão sendo objecto de vários estudos, entre êles o de Claudia Massari — *Crani di Mozambico (Archivio per l'Antropologia e la Etnologia, LXII, 1933)*.

Nêles se registam os dados morfológicos e métricos obtidos em 18 crânios, fazendo-se a comparação entre êsses dados e os que foram colhidos por Shruballs, Pires de Lima e Luís de Pina.

A série é homogênea e apresenta nítidos caracteres negros, mas com vestígios de provável influência etiópica.

Contou-me o Dr. A. Barradas que um missionário protestante suíço publicou extensa e valiosa obra em dois volumes, em língua inglesa, à cerca da etnografia moçambicana. Não me foi possível ver aquela obra.

VII

O estudo da população de Cabo Verde tem sido muito descuidado.

A êste respeito só tenho conhecimento da missão científica levada a efeito em 1913 pelo Prof. Henrique de Vilhena (21), que se fêz acompanhar pelo então aluno Silva Martins.

Dissecaram ali, no Hospital da Praia, um Negro de cêrca de 60 anos, natural daquela cidade, e o Prof. Vilhena descreve a musculatura daquele indivíduo na V série das suas "Observações Anatômicas".

Em 1924 tive ocasião de publicar (29) no "Journal of Anatomy", a observação de um caso curiosíssimo de otocefalia rudimentar.

O monstro nasceu na Ilha do Fogo e a sua cabeça fôra-me enviada pelo Dr. Fausto Lage.

VIII

O estudo científico das tribos tão complexas e variadas da Guiné começou a fazer-se muito tarde.

Depois que, há longos anos, Quatrefages e Hamy observaram um número, aliás muito escasso, de crânios provenientes da Guiné Portuguesa, só muito recentemente é que, no nosso País, começou a estudar-se a antropologia daquela nossa possessão.

Em 1926 o Dr. João Sant'Ana Barreto colheu e identificou 29 crânios de indígenas da nossa Guiné, oferecendo-os ao Instituto de Anatomia do Pôrto.

De colaboração com aquele distinto médico colonial e com o meu antigo assistente Dr. Constâncio Mascarenhas, redigi três memórias (52, 56 e 74), em que são estudados, aqueles crânios, que pertencem às tribos seguintes: Papeis, Manjacos, Biafadas, Mandingas, Fulas, Balantas, etc.

A série é pequena, mas homogénea. Pelos índices cefálicos e nasal, bem como pelo ângulo naso-alvéolo-basilar, nota-se que participaram na constituição antropológica do povo da Guiné raças variadas, como os Negritos e os Árabo-berberes (1).

(1) V. Cap. III d'este livro. Como se vê nesse capítulo, são dois os crânios da Guiné com agenesia dos nasais.

Num dos crânios, da tribo Futa-fula, observei (43) um caso raro de agenesia dos ossos nasais.

O Prof. Mendes Correia e o seu Assistente Dr. Alfredo Ataíde (55) estudaram cinco crânios e três esqueletos de indígenas da tribo dos Papeis, os quais foram oferecidos pelo Dr. J. Vitorino Pinto ao Instituto de Antropologia do Pôrto. Os Autores notaram as relações entre os nossos guinêenses e as tribos que se estendem do Senegal à Serra Leoa.

O Prof. Luís de Pina (71) observou um caso de músculo presternal bilateral num monstro humano exencefaliano nascido na Guiné e oferecido ao Instituto de Anatomia do Pôrto pelo Dr. Monteiro Filipe.

E, muito recentemente, o Capitão de Fragata Teixeira Marinho (78) traçou um esboço histórico da Guiné, desde a passagem do Cabo Bojador em 1434. Diz que a nossa Guiné é povoada por um grande número de gentes, com línguas, costumes e tipos bastantes diferenciados, e estuda sumariamente os principais grupos étnicos (Felupes, Papeis, Manjacos, Balantas, Fulas, Nalus, Bijagoz etc.).

Sôbre o mesmo assunto, deve lêr-se também a memória do P. João Esteves Ribeiro «Por terras da Guiné — Notas de um antigo

missionário», publicadas no citado volume «Portugal Missionário, Sernache do Bom Jardim. 1928».

IX

Largo campo oferece para as investigações dos etnólogos e dos antropologistas o curioso grupo dos Luso-descendentes de Macau e das comunidades portuguesas de Hong-Kong, Xangai, Cobe, Cantão, Singapura, Malaca e outras partes do Extremo-Oriente.

Nesses grupos encontram-se perfeitamente conservadas as virtudes dos Portugueses dos Séculos de quinhentos e seiscentos, como pode verificar-no no moderno episódio da tomada do forte de Passaleão, narrativa que vou resumir da obra do capitão-tenente Jaime do Inso «Macau a mais antiga colónia europeia do Extremo-Oriente, Macau 1930».

Em 22 de Agosto de 1849, o Governador Ferreira do Amaral foi traiçoeiramente assassinado. Em seguida o forte chinês de Passaleão começou a bombardear furiosamente Macau. Lavrava já o desânimo em grande parte da população, quando o Macaense Vicente Nicolau de Mesquita, tenente de artilharia, se ofereceu para atacar aquela posição, bradando aos soldados:

“Siga-me quem quiser morrer!” E, num arranco desesperado, à frente de 36 bravos, e com uma pequena peça que encravou ao primeiro tiro, assaltou o forte de Passaleão, conseguindo desalojar e pôr em debandada todos os nossos inimigos, a-pesar-de ser o forte muito artilhado e guarnecido por quinhentos soldados chineses, que tinham de refôrço, nos montes próximos, perto de 1.500 homens!

X

Vou agora citar, muito resumidamente, os trabalhos de que tenho conhecimento, referentes a várias colónias em conjunto.

O Prof. Hernâni Monteiro (23), estudando as anomalias dentárias nos Portugueses, aproveitou a série de crânios coloniais do Instituto de Anatomia do Pôrto, entre êles o de um Indiano que apresenta um dente implantado nas fossas nasais.

Estudando a apófise paramastoideia no Homem, o mesmo professor (24) percorreu também aquela colecção, encontrando tal anomalia numa Indiana de 70 anos e num soba da região do Libolo (Angola).

O Prof. Amândio Tavares, em grande número de trabalhos seus, estudou igualmente os crânios coloniais dos Institutos de Antro-

pologia e de Anatomia do Pôrto, onde encontrou algumas variações dos canais condilianos anterior e intermediário (38,39), das eminências basilares do occipital (36,40), e do canal condiliano posterior (48).

Também estudou o Prof. Tavares, naquelas colecções, o metopismo (41,42), e as formações inter-parietais (59).

Seguindo idêntico método, o Dr. Fernando C. Pires de Lima (60) estudou o índice do buraco occipital e o Prof. Luís de Pina, de colaboração comigo (70), a distância bicaruncular e a sua importância antropológica e teratológica.

O Prof. Pina (73) ocupou-se igualmente dos ângulos da base do crânio nos indígenas das nossas possessões de África.

XI

Eis no que se cifra a contribuição portuguesa para o conhecimento da Antropologia das nossas Províncias Ultramarinas. Para a bibliografia que organizei àcerca da antropologia colonial e ciências afins, reüni 80 números, além de alguns outros de que só tomei conhecimento depois de elaborar aquela relação de memórias.

Representa esta bibliografia um labor considerável, se atendermos à escassez de meios

com que lutamos; mas é forçoso confessar que tudo é muito pouco relativamente à grandeza do nosso Império.

Como vimos, grande parte dos trabalhos devem-se à actividade dos Institutos portuenses de Antropologia e de Anatomia.

Êsse esforço nasceu, quási por completo, da iniciativa individual dos directores daqueles centros de investigação científica, os quais não têm encontrado da parte dos Poderes do Estado o necessário auxílio e estímulo.

Vou contar alguns episódios, para comprovar o que afirmo.

Logo que fui encarregado da direcção do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, pensei em organizar no seu Museu uma secção de antropologia e etnologia coloniais. Com êsse intuito, dirigi-me oficialmente aos governadores de tôdas as colónias, solicitando peças para tal secção do Museu; pois não obtive qualquer resposta de nenhum dêsses altos funcionários.

Em 1933, a Escola Médico-Cirúrgica de Nova Gôa ofereceu-me, para o Instituto que dirijo, um monstro humano. Depois de longas e complicadas peripécias, o monstro chegou a Lisboa e foi depositado na Alfândega da capital. Requeri que o caixote fôsse retirado e enviado ao seu destino como simples encomenda, sem mais formalidades nem des-

pesas, visto tratar-se de material de estudo para um estabelecimento do Estado. O Sr. Director Geral das Alfândegas comunicou-me, em resposta, que S. Ex.^a o Sub-Secretário de Estado das Finanças dispensara a abertura do volume.

Não, foi, pois, necessária a visita do delegado de saúde e evitou-se o transporte para o Pôrto em vagão fúnebre especial.

Mas tive de pagar, de direitos de importação, um tostão em ouro por quilo de monstro e respectivas embalagens, o que me ficou por perto de duzentos escudos.

Depois disto, o meu amigo Dr. Cláudio Ferreira mandou-me de Ibo uma valiosa colecção de peças de arte maconde, crânios de Mamíferos do Norte de Moçambique, etc.

Em virtude duma recente disposição legal, não tive de pagar direitos de importação.

Mas, como o verificador da alfândega notasse que os caixotes tinham pêso superior ao que vinha indicado nos documentos, fui processado.

O douto magistrado que me julgou, atendendo benèvolamente à minha categoria official, e reconhecendo ainda, nas suas alegações, que os objectos que me enviaram não eram destinados a comércio, concluiu que não se tratava de fraude, e houve por bem lavrar uma sentença absolutória.

Esqueçamos os tristes episódios e vamos concluir.

Para a grandiosa Exposição Colonial, que tanto enobreceu o Pôrto, vieram centenas de indígenas de tôdas as nossas Possessões.

Talvez nunca se tenha reunido na Europa tão grande número de indivíduos das mais variadas raças exóticas.

Fiéis às suas tradições, os Institutos portuenses de Antropologia e de Anatomia, sob a direcção dos Doutores Alfredo Ataíde e Luís de Pina, estudaram detidamente aqueles exemplares e estão elaborando uma série de memórias, que muito virão enriquecer a literatura portuguesa sôbre Antropologia colonial.

Êste Congresso vai apreciar já o início dessa obra considerável.

O que está feito, meus Senhores, é um ligeiro esbôço da tarefa imensa que temos de empreender.

Alongaria demasiadamente êste discurso se apresentasse um minucioso plano de futuros trabalhos.

Para comêço de realização dêsse plano, limitar-me-ei a exprimir apenas um voto.

E' preciso que os derradeiros sinais da Exposição se não desvançam com a aproximação do Inverno.

Palácio das Colónias se designou o vêlho e bisonho *Palácio de Cristal Portuense*. E' necessário que se mantenha definitivamente a nova função do Palácio, que deve transfor-

mar-se num Instituto Colonial, anexo à Universidade do Pôrto.

Deviam criar-se, no seu belo parque, um jardim botânico e um jardim zoológico, onde estariam representadas, o melhor possível, as espécies das nossas Províncias Ultramarinas.

Nas amplas salas do Palácio organizar-se-iam museus de mineralogia, agronomia, antropologia, etnologia, farmacologia e higiene coloniais, bem como uma biblioteca especializada, e ali fariam um estágio os missionários, os militares, os médicos, os enfermeiros, os funcionários, os agricultores, os industriais e os comerciantes que pretendessem exercer a sua actividade no nosso Império de Além-mar.

Submeto êste alvitre à douta Assembleia que me escuta, e chamo para êle a atenção do activíssimo Director da I Exposição Colonial Portuguesa, do Professor Alfredo de Magalhães, insigne Presidente da Câmara Municipal do Pôrto, ao qual se deve o resurgimento do Palácio, e de Suas Excelências os Ministros das Colónias e da Instrução.

P. S. — Foi com mágoa que vi dispersar todos os vestígios da I Exposição Colonial Portuguesa.

Como professor e como portuense, julgo ter cumprido o meu dever, e aqui deixo o eco duma voz que bradou no deserto.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA
SÔBRE ANTROPOLOGIA COLONIAL
E CIÊNCIAS AFINS

- 1) Setembro, 1896, FONSECA CARDOSO — O indígena de Satary. Estudo antropológico (*Revista de Ciências Naturais e Sociais*, n.º 17, Vol. V, Pôrto, 1896).
- 2) 1898, BARROS E CUNHA — Notícia sôbre uma série de crânios da ilha de Timor, existentes no Museu da Universidade — Coimbra, 1898.
- 3) 1898, JOÃO DOS SANTOS PEREIRA JARLIM — Notas etnográficas sôbre os povos de Timor. Com. apresentada à *Sociedade Arqueológica da Figueira* por Santos Rocha em 14-X-98, (*Portugália* — I,2).
- 4) 1914, J. A. PIRES DE LIMA — Nova série de observações de anomalias musculares (*Arquivo de Anatomia e Antropologia* — I,3).
- 5) 1915, MENDES CORREIA — Sôbre três crânios de Negros Mossumbes — Pôrto, 1915.
- 6) 1916, MENDES CORREIA — Antropologia angolense: Quiocos, Luimbés, Lueras e Lutchazes. Notas antropológicas sôbre observações de Fonseca Cardoso (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, II,4 — Agosto de 1916).

- 7) 1916, MENDES CORREIA — Antropologia timorense (*Revista dos Liceus*, Pôrto, 1916).
- 8) 1916, MENDES CORREIA — Timorenses de Okussi e Ambeno (*Anais Científicos da Academia Politécnica do Pôrto*, XI-1916).
- 9) 1916-17, MENDES CORREIA — Sobre alguns crânios da Índia Portuguesa (*Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Pôrto*, III, 1916-17).
- 10) 1917, A. AURÉLIO DA COSTA FERREIRA — Pequena contribuição para uma craniografia de Angola (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, III,3, 1917).
- 11) 1917-18, AMÉRICO PIRES DE LIMA — Notas etnográficas do Norte de Moçambique (*Anais Cientif. da Faculdade de Medicina do Pôrto*, IV, 1917-18).
- 12) 1917-18, AMÉRICO PIRES DE LIMA — Contribuição para o estudo antropológico do indígena de Moçambique (*Anais Científicos da Faculdade de Medic. do Pôrto*, IV, 1917-18).
- 13) 1918, MENDES CORREIA — Antropologia angolense, II: Bi-N'bundo, Andulos e Ambuelas-Mambundas. Notas antropológicas sobre observações de Fonseca Cardoso (*Arquivo de Anat. e Antropologia*, IV, Dezembro, 1918).
- 14) 1918, GERMANO CORREIA — Índia Portuguesa — Estudos antropológicos e aclimológicos. Nova Goa, 1918).
- 15) 1919, FONSECA CARDOSO — Em terras de

- Moxico — Apontamentos de Etnografia Angolense (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, I, Pôrto, 1919).
- 16) 1919, LEITE DE MAGALHÃES — Subsídios para o estudo etnológico de Timor (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, I, Pôrto, 1919).
 - 17) 1919, HERNÁNI MONTEIRO — Mutilações dentárias da região do Humbe (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, I, 1919).
 - 18) 1919, DAVID MAGNO — Etnografia dos Dembos (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Vol. I, Pôrto, 1919).
 - 19) 1919, J. A. FERNANDES — Timor — Impressões e aspectos, Pôrto (Julho de 1919) 1923.
 - 20) 1920, J. A. PIRES DE LIMA — Anatomy of a cyclopean Goat (*The Anatomical Record*, Volume 19, 1920).
 - 21) 1922, HENRIQUE DE VILHENA — Observações anatómicas, V (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, VII-1922).
 - 22) 1922, MENDES CORREIA — Notas antropológicas sôbre os Luangos da Região dos Dembos (Angola), «O Instituto», Volume 69 — Coimbra, 1922).
 - 23) 1922, HERNÁNI MONTEIRO — Sôbre anomalias dentárias em indivíduos portugueses (*Anais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, VI, 1922).

- 24) 1922, HERNÁNI MONTEIRO — Sobre a apófise paramastoideia no Homem (*Portugal Médico*, 1922).
- 25) 1923, CONSTÂNCIO MASCARENHAS — A pátria do Buda (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Pôrto, 4-V-1923).
- 26) 1923, P. ANTÓNIO DE MIRANDA MAGALHÃES — Contrib. para o estudo do crescimento do povo de Luanda (*Primeiro Congresso de Medicina Tropical da África Ocidental*, Luanda, Agosto de 1923, V vol.).
- 27) 1923, LUÍS GUERREIRO — Utilidade do estudo somático e social do indivíduo de Angola (*Primeiro Congresso de Medicina Tropical da África Ocidental*, Luanda, Agosto de 1923, V vol. e *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, VIII-1923).
- 28) 1923, GERMANO CORREIA — Contribution à l'étude anthropologique des Ovampos d'Angola (*Primeiro Congresso de Medicina Tropical da África Ocidental*, Luanda, Agosto de 1923, V vol.).
- 29) 1924, J. A. PIRES DE LIMA — Rudimentary otocephaly (*Journal of Anatomy*, vol. LVIII, January, 1924).
- 30) 1924, J. A. PIRES DE LIMA, HERNÁNI MONTEIRO & CONSTÂNCIO MASCARENHAS — Contrib. para o estudo antropológico do Angolense 1.^{er} Congrês de Médecine Tropicale de l'Afrique Occidentale, Luanda, 1924).

- 31) 1924, CONSTÂNCIO MASCARENHAS — As castas da Índia-Esbôço de estudo ántropo-social (*Tese de doutoramento na Faculdade de Medicina do Pôrto*, 1924).
- 32) 1925, FERNANDES FIGUEIRA — Angolenses anómalos (*Portugal Médico*, 1925).
- 33) 1925, EURICO DE ALMEIDA — Gynécomastes et androgynes (*La Presse Médicale*, 24-VI-25).
- 34) 1924-25, J. A. PIRES DE LIMA & CONSTÂNCIO MASCARENHAS — Contribuição para o estudo antropológico de Moçambique (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, IX-1924-25).
- 35) 1925, J. A. PIRES DE LIMA & CONSTÂNCIO MASCARENHAS — Contribuição para o estudo antropológico de Timor (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, IX-1925).
- 36) 1926, AMÂNDIO TAVARES — Sur les éminences basilaires de l'occipital (*Comptes Rendus de l'Association des Anatomistes*, Liège, 1926).
- 37) 1926, BETHENCOURT FERREIRA — Notas craniológicas sôbre alguns crânios indianos (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, X-1926).
- 38) 1926-27, AMÂNDIO TAVARES — Canaux condyliens antérieur et intermédiaire (*Archives d'Anatomie, d'Histologie et d'Embryologie*, VI).
- 39) 1927, AMÂNDIO TAVARES — Canaux condyliens antérieur et intermédiaire (*Comptes Rendus des Séances de la Société de Biologie*, 25-1-27).

- 40) 1927, AMÂNDIO TAVARES — Sur les éminences basilaires de l'occipital (*Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles* X, 10 Janvier, 1927).
- 41) 1927, AMÂNDIO TAVARES — Sur le métopisme (*Comptes Rendus des Séances de la Société de Biologie* Séance du 3 Janvier, 1927).
- 42) 1927, AMÂNDIO TAVARES — Sobre metopismo (*Arq. de Anatomia e Antropologia*, XI-1927).
- 43) 1928, J. A. PIRES DE LIMA — Agénésie des os nasaux (*Bulletins & Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, 27-1-28).
- 44) 1928, J. A. PIRES DE LIMA — Ankylose de l'articulation temporo-maxillaire (*Société Anatomique de Paris*, 1-II-28).
- 45) 1928, GUSTAVO DE BIVAR PINTO LOPES — Respostas ao Questionário Etnográfico apresentado pela Secretaria dos Negócios Indígenas de Lourenço Marques acerca da população indígena da Província de Moçambique — Parte referente ao território da Companhia de Moçambique, Beira, 1928.
- 46) 1928, GERMANO CORREIA — Les luso-descendants de l'Inde Portugaise (Etude anthropologique) *Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A., Fasc. 2 — 1928).
- 47) 1928, FRANCISCO CORREIA — Les premières anomalies anatomiques enregistrées sur les cadavres des Indo-Portugais (*Arq. de Escola*

- Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A, fasc. 3, 1928).
- 48) 1928, AMÁNDIO TAVARES — Le canal condylien postérieur chez l'Homme (*Comptes Rendus des séances de la Société de Biologie*, 27-XII-28).
- 49) 1929, A. RODRIGUES, L. DE PINA & SOUSA PEREIRA — Dissection d'un Nègre de Mozambique (*Folia Morphologica*, V. 1, N.º 2-3, Warszawa, 1929).
- 50) 1929, FRANCISCO CORREIA — Les malformations congénitales enregistrées chez les Indo-Portugais (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A., fasc. 5.º, 1929).
- 51) 1929, GERMANO CORREIA — Les Ranes de Satary — Etude anthropométrique (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A, fasc. 5.º, 1929).
- 52) 1929-1930, J. A. PIRES DE LIMA & CONSTÂNCIO MASCARENHAS — Populações indígenas da Guiné Portuguesa (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, XIII, 1929-30).
- 53) 1930, ÁLVARO RODRIGUES, LUÍS DE PINA & SOUSA PEREIRA — Dissecção de um Negro de Moçambique (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, IV-3-1930).
- 54) 1930, BARROS E CUNHA & VIANA DE LEMOS Contribution à la craniologie d'Angola (*XV Congrès International d'Anthropologie et d'Ar-*

- chêologie Préhistorique*, Portugal, 21-30, Septembre, 1930).
- 55) 1930, MENDES CORREIA & ALFREDO ATAÍDE — Contribution à l'anthropologie de la Guinée Portugaise (*XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique*, Portugal, 21-30 Septembre, 1930).
- 56) 1930, J. A. PIRES DE LIMA & CONSTÂNCIO MASCARENHAS — Contrib. para o estudo antropológico da Guiné Portuguesa (*XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique*, Portugal, 21-30 Septembre, 1930).
- 57) 1930, HENRIQUE DE VILHENA — Observações anatómicas, VII (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, XIII-1930).
- 58) 1930, J. A. PIRES DE LIMA — Vícios de conformação do sistema uro-genital, Pôrto, 1930.
- 59) 1930, AMÂNDIO TAVARES — Sur les formations interpariétales du crâne humain (*Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis*, V. 10).
- 60) 1931, FERNANDO C. PIRES DE LIMA — O índice do buraco occipital nos Portugueses (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, V. 1931).
- 61) 1931, GERMANO CORREIA — Os luso-descendentes de Angola — Contribuição para o seu estudo antropológico (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A, fasc. 6, 1931).

- 62) 1931, GERMANO CORREIA — Os Cunhamas (Contribuição para o seu estudo antropométrico e etnográfico (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A, fasc. 6, 1931).
- 63) 1931, CONSTÂNCIO MASCARENHAS — Contribuição para o estudo antropológico de Goa (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A, n.º 7, 1931).
- 64) 1931, FRANCISCO CORREIA — Recueil de quelques faits anatomiques et tératologiques concernant les habitants de l'Inde Portugaise (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A, fasc. 7, 1931).
- 65) 1931, COSTA PEGADO — Anthropological Researches of not Bony Parts on the living, of 175 natives of Portuguese India (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A, n.º 7, 1931).
- 66) 1931, GERMANO CORREIA — Les enfants et les adolescents luso-descendants de l'Inde Portugaise-Croissance, anthropométrie et morphologie médicale (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A, fasc. 7, 1931).
- 67) 1931, J. A. PIRES DE LIMA — Novas observações de anomalias dos membros (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, XIV, 1931).
- 68) 1931, FRANCISCO CORREIA — Les malformations congénitales enregistrées chez les Indo-Portugais. Trois cas d'ectrodactylie (*Arq.*

- da *Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A, fasc. 6, 1931).
- 69) 1931, FRANCISCO CORREIA — Les malformations congénitales enregistrées chez les Indo-Portugais (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A, fasc. 6, 1931).
- 70) 1931, J. A. PIRES DE LIMA & LUÍS DE PINA — A distância bi-caruncular e a sua importância antropológica e teratológica (*Arq. da Repartição de Antropologia Criminal, Psicol. experim. e Identificação do Pôito*, I, 1931).
- 71) 1931, LUÍS DE PINA — A propos d'un nouveau cas de Musculus sternalis chez un monstre exencéphalien (*Société Anatomique de Paris*, 5-II-31).
- 72) 1931, LUÍS DE PINA — Les angles de la base du crâne chez les indigènes des colonies portugaises africaines (*XV Congrès International d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistorique* (Suite), Paris, 20-27 Septembre, 1931).
- 73) 1931, LUÍS DE PINA — Materiais para a antropologia de Moçambique (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, XIV, 1931).
- 74) 1932, J. A. PIRES DE LIMA, CONSTÂNCIO MASCARENHAS & J. SANTANA BARRETO — Contribuição para o estudo antropológico da Guiné Portuguesa (*Miscelânea científica e literária dedicada ao Dr. J. Leite de Vasconcelos*, Coimbra, 1932).

- 75) 1933, BARROS E CUNHA — Crânio de um soba Quioco da região de Sanzimo, Lunda (*Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra* III, 2, 1933).
- 76) 1933, J. A. PIRES DE LIMA — Fracture de l'avant-bras chez un «Gorilla Gina» (*Folia Anatomica Universitatis Comimbrigensis*, VIII, 19).
- 77) 1934, BRAGANÇA PEREIRA — Etnografia da Índia Portuguesa (*Boletim Geral das Colónias*, n.º 107, Maio de 1934).
- 78) 1934, TEIXEIRA MARINHO — A Província da Guiné — Raças que a povoam (*A Terra*, Número Colonial — 14).
- 79) 1935, PEREIRA CABRAL — Primeira Exposição Colonial Portuguesa — Indígenas da Colónia de Moçambique.
- 80) 1934, SANTOS FIGUEIREDO — Primeira Exposição Colonial Portuguesa — Colónia de Moçambique — A Vida Social.

TRABALHOS
DE QUE TIVE CONHECIMENTO
DEPOIS DA PUBLICAÇÃO DA CONFERÊNCIA

- 81) 1871, FERREIRA RIBEIRO — Relatório à cerca da Saúde Pública na Província de S. Tomé e Príncipe no ano de 1861.
- 82) 1880, FERREIRA RIBEIRO — As conferências e o itinerário do viajante Serpa Pinto.
- 83) 1889, FERREIRA RIBEIRO — Principais investigações sobre as raças, climas e aclimação dos povos contemporâneos que habitam as colónias portuguesas.
- 84) 1892, FERREIRA RIBEIRO — Boletim Antropológico, Antropométrico e Climatológico.
- 85) 1901, FERREIRA RIBEIRO — A mais completa profilaxia nas terras do paludismo maligno.
- 86) 1920, BRAGANÇA PEREIRA — O sistema das castas (ensaio histórico-sociológico), «O Oriente Português».
- 87) 1932, BRAGANÇA PEREIRA — As capitais da Índia Portuguesa, «O Oriente Português».
- 88) 1932, MAXIMINO CORREIA — Alguns aspectos psicológicos da nossa colonização em Angola (*Confer. real. na Sala dos Capelos*).

- 89) 1934, CONSTÂNCIO MASCARENHAS — Os povos de Angola — Bastorá, 1 volume de 140 páginas.
- 90) 1934, H. DE VILHENA — Anomalias musculares dum Negro de Moçambique, (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*).
- 91) 1935, ARMANDO LEÃO — Dissecção de um Negro de Moçambique (*Trabalhos da Sociedade Port. de Antropologia e Etnologia*).
- 92) 1935, LIMA VIDAL (Arcebispo de Ossirinco) — Autóctones e imigrantes na África do Sul (*I Congresso Nacional de Antropologia Colonial — I*).
- 93) 1935, EUSÉBIO TAMAGNINI — Os problemas da mestiçagem (*Idem*).
- 94) 1935, AARÃO DE LACERDA — Arte Negra (*Idem*).
- 95) 1935, GERMANO CORREIA — As raças e os monumentos do Indústão (*Idem*).
- 96) 1935, ALFREDO ATAÍDE — Fonseca Cardoso e a antropologia colonial (*Idem*).
- 97) 1935, GERMANO CORREIA — Estudo antropológico das populações coloniais (*Idem*).
- 98) 1935, FERNANDES FIGUEIRA — Antropometria no Ultramar (*Idem*).
- 99) 1935, VÍTOR FONTES — Instruções antropológicas nas colónias (*Idem*).
- 100) 1935, BARROS E CUNHA — Crânios de Angola e de S. Tomé (*Idem*).
- 101) 1935, CONSTÂNCIO MASCARENHAS — Estudo

- antropológico de uma série de crânios de Angola (*Idem*).
- 102) 1935, HERNÁNI MONTEIRO, ÁLVARO RODRIGUES E SOUSA PEREIRA — O valor antropológico dos nervos periféricos (*Idem*).
- 103) 1935, LUÍS DE PINA — Os músculos gêmeos da perna nos Negros (*Idem*).
- 104) 1935, A. MAIA MENDES — Correlação entre a estatura e o índice cefálico nos Negros (*Idem*).
- 105) 1935, A. MAIA MENDES — Correlação entre a estatura e o índice torácico nos Negros (*Idem*).
- 106) 1935, A. MAIA MENDES — Correlação entre o índice cefálico e o índice torácico nos Negros (*Idem*).
- 107) 1935, ARNALDO ROSEIRA — Índice bário nos indígenas das colónias (*Idem*).
- 108) 1935, ANTÓNIO BARRADAS — Crescimento da criança europeia em Lourenço Marques (*Idem*).
- 109) 1935, GERMANO CORREIA — Os maratas na Índia portuguesa (*Idem*).
- 110) 1935, LUÍS DE PINA & ALFREDO ATAÍDE — O ângulo da inserção da orelha e o ângulo facial de Francfort (*Idem*).
- 111) 1935, BETHENCOURT FERREIRA — Sistemática etnológica de algumas populações indús (*Idem*).
- 112) 1935, MARIA LEITE DA COSTA — Coefi-

- ciente de Pignet nos indígenas das colónias (*Idem*).
- 113) 1935, JORGE DE ALTE — Índice esquelético nos indígenas das colónias (*Idem*).
- 114) 1935, GERMANO CORREIA — Os eurafri-
canos de Angola (*Idem*).
- 115) 1935, MENDES CORREIA — Os mestiços nas
colónias portuguesas (*Idem*).
- 116) 1935, LUÍS DE PINA — Figuras papilares
dos dedos nos indígenas das colónias por-
tuguesas (*Idem*).
- 117) 1935, LUÍS DE PINA — Tipos constitucionais
nos Negros africanos (*Idem*).
- 118) 1935, MAGALHÃES MATEUS — Cânones an-
tropométricos dos indígenas masculinos nas
colónias (*Idem*).
- 119) 1935, LEOPOLDINA PAULO & EMÍLIA OLI-
VEIRA — Cânones antropométricos nas mu-
lheres indígenas das colónias (*Idem*).
- 120) 1935, SANTOS JÚNIOR — Grupos sangüíneos
nos indígenas das colónias portuguesas (*Idem*).
- 121) 1935, JOÃO DE ALMEIDA — A população de
Cabo Verde (I Congresso Nacional de An-
tropologia Colonial, II).
- 122) 1935, ANTÓNIO LEBRE — Costumes gentí-
licos dos povos do Alto Cunene (*Idem*).
- 123) 1935, JOÃO DE ALMEIDA — Populações in-
dígenas do Sul de Angola (*Idem*).
- 124) 1935, FERNANDO MOUTA — Etnografia de
Malange e Lunda (*Idem*).

- 125) 1935, BETHENCOURT FERREIRA — Tatuagem em relêvo (*Idem*).
- 126) 1935, HERNÁNI MONTEIRO & MELO ADRIÃO — Mutilações dentárias (*Idem*).
- 127) 1935, F. C. PIRES DE LIMA — Arte indígena de Moçambique (*Idem*).
- 128) 1935, MIRANDA MAGALHÃES — Os am-bundos de Angola (*Idem*).
- 129) 1935, VITOR FONTES — Dois congressos de Antropologia (*Sociedade de Geografia de Lisboa*).
- 130) 1935, J. A. PIRES DE LIMA — Sôbre o ensino colonial (*Idem*).
- 131) 1936, ANTÓNIO DE ALMEIDA — Estudo antropológico da população dos Dembos (Bro-téria II e IV e *África Médica* IV).
- 132) 1936, LAUDENET SIMÕES — Babel Negra — Etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné (vol. de 151 p., 47).
- 133) 1936, P. PISSURLENCAR — O elemento indú da casta Chardó «O Oriente Português».
- 134) 1936, J. A. PIRES DE LIMA — Poliodontia numa Negra de Angola «Brasil Odontoló-gico», Agosto.
- 135) 1936, PACHECO DE FIGUEIREDO — Contri-butim to the study of blood groups in the Indian (Chrestian and Hindus of Goa).
- 136) 1937, LIDIO CIPRIANI — Ricerche antropo-metriche nel Mozambico «Rivista di Biolo-gia», XXII,3.

- 137) 1937, BARROS E CUNHA — A autenticidade dos crânios de Timor no museu da Universidade de Coimbra «Rev. da Faculdade de Ciências».
- 138) 1937, MAXIMINO CORREIA — Angola, a costa da África (*Conf. real. na Câmara Municipal de Coimbra*).
- 139) 1937, GERMANO CORREIA — Les musulmanes de l'Inde Portugaise, 1 volume de 45 páginas. Bastorá.
- 140) 1937, PACHECO DE FIGUEIREDO — Um inquérito escolar (*Estudo antropo-fisiológico e médico*), 1 vol. de 114 páginas. Bastorá.
- 141) 1937, FILIPE FERREIRA e JORGE DE ALTE — Dissection d'un Nègre du Mozambique, «Folia Morphologica», Varsóvia.
- 142) 1937, FILIPE FERREIRA e J. A. MARTINS ALTE — Dissecção de um Negro de Moçambique (*Trabalhos da Soc. Port. de Antrop. e Etnologia*, VIII,3).
- 143) 1937, FILIPE FERREIRA — A abóbada palatina e a mandíbula nos Bantos de Angola e Moçambique (a apresentar na VI Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa).
- 144) 1937, ANTÓNIO DE ALMEIDA — Sobre mutilações étnicas dos aborígenes de Angola, Lisboa.
- 145) 1933, PROPÉRCIA CORREIA AFONSO DE FIGUEIREDO — A mulher na Índia Portuguesa, Nova Goa.

- 146) 1938, SANTOS JÚNIOR — Anomalias das extremidades nos Indígenas da Zambézia (*VI Reunião da Sociedade Anatômica Portuguesa, Pôrto, Abril de 1938*).
- 147) 1938, BETHENCOURT FERREIRA & SANTOS JÚNIOR — Sobre tatuagens em relêvo nos indígenas da Zambézia (*Idem*).
- 148) 1938, LUÍS DE PINA — Esquema da distribuição das cristas papilares nos Portugueses e nos Negros africanos (*Idem*).
- 149) 1938, JOSÉ BACELAR — A zigòdactilia nos Portugueses e Negros de África (*Idem*).
- 150) 1938, ANTÓNIO PAÚL — Morfologia dentária nos Bantos de Angola e Moçambique (*Idem*).
- 151) 1938, ANTÓNIO PAÚL e ANTÓNIO FRAGOSO — Anomalias e mutilações dentárias nos Bantos de Angola e Moçambique (*Idem*).
- 152) 1938, COTA MESQUITA — Os povos que viveram em Moçambique antes da Descoberta — Os Boximanes (*Moçambique, documentário trimestral, Março, MCMXXXVIII*).

NOTA — Menciono apenas os trabalhos que pude vêr.

SÓBRE O ENSINO COLONIAL (1)

Perante o êxito incontestável da I Exposição Colonial Portuguesa, realizada no ano de 1934, no Palácio de Cristal Portuense, lembrei-me de alvitrar (2) que uma parte dos objectos lá exibidos ficassem definitivamente na capital do Norte e constituíssem o fundo de um futuro Museu Colonial, que servisse de núcleo de um Instituto Colonial a criar junto da Universidade do Pôrto. Era oportuna a tentativa. Das nossas Províncias Ultramarinas vieram, com efeito, numerosíssimas peças, sobretudo relativas à Etnologia e à Zoologia coloniais. Grande número delas nem sequer chegaram a ser desenhaixotadas.

O meu alvitre foi, a princípio, recebido com simpatia, mas, depois, tudo desapareceu

(1) *Bol. da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Julho-Agosto de 1936.

(2) J. A. Pires de Lima — Estudos de Antropologia Colonial. O que temos feito e o que precisamos de fazer. Conferência inaugural da 1.^a secção do I Congresso de Antropologia Colonial. Pôrto, 1934.

bruscamente do recinto da Exposição. Supponho que o material que veio para a Exposição e que poderia, ao menos, em parte, como fôra prometido, ser distribuído pelos Museus, não teve qualquer destino útil.

Durante o Congresso de Antropologia Colonial não ouvi senão palavras de aplauso à minha sugestão; mas, depois, começaram a aparecer as críticas e, pouco a pouco, foi esquecendo a proposta, que não teve qualquer consequência.

O meu excelente colega Prof. Vítor Fontes, em conferência que fez a 14 de Janeiro de 1935, na Sociedade de Geografia de Lisboa (1), combateu terminantemente a minha proposta, pois é de opinião que, por agora, só em Lisboa se deve ministrar o ensino colonial, na Sociedade de Geografia (criada em 1875), na Escola de Medicina Tropical (1902), na Escola Superior Colonial (1906) e ainda no Museu Agrícola Colonial, no Jardim Colonial, no Arquivo Histórico Colonial, no Instituto de Agronomia, na Escola Militar, no Instituto Comercial e na Faculdade de Letras.

«A-pesar-da provada competência das pessoas que têm estado e estão à frente dessas

(1) Vítor Fontes — Notas à margem de dois congressos de Antropologia. *Sociedade de Geografia de Lisboa*. Boletim, Março-Abril 1935.

Instituições, a situação de secundaridade e a dificuldade da sua vida, diz o Prof. Fontes, não é de molde a permitir-lhes uma acção eficaz, como elas próprias tanto desejam».

«Será de aconselhar, pergunta, será uma boa norma ir criar no Pôrto mais um Instituto Colonial, sem que na capital do País se dotem os estabelecimentos já existentes das possibilidades necessárias para melhor desempenharem a sua acção? Não correremos o perigo de ir de momento duplicar serviços com prejuízo dos já existentes?

«Estabelecer já em qualquer dessas cidades (Pôrto e Coimbra) um Instituto de Estudos Coloniais, deixando os da capital no estado em que se encontram, seria dar a qualquer dessas cidades uma primazia que não se quadra nem com a lógica, nem com a tradição delas, relativamente à da cidade de Lisboa que, por todos os motivos, sobressaindo de entre êles o ser a capital do País, não deverá ficar numa situação de secundaridade».

Eis as razões que levam o Prof. Vítor Fontes a desejar que Lisboa mantenha o monopólio do ensino colonial.

Bem frouxas me parecem tais razões. O mais notável dos institutos coloniais que existe no mundo inteiro é, creio eu, o de Amsterdão, que não é capital da Holanda e que não pertence, aliás, à mais importante nação colonial.

Eu apenas propunha que se aproveitasse o material que tinha vindo ao Pôrto para ser exibido. A criação do ensino colonial na segunda cidade do País não tiraria, de modo nenhum, a primazia à capital, nem deixaria em situação secundária o ensino colonial em Lisboa.

Entendo que não deve haver rivalidade entre as terras de Portugal, e que tôdas devem trabalhar em benefício da Pátria comum. Mas é repugnante o monopólio que certos elementos da capital querem exercer, e acho nocivas as ideias centralizadoras em matéria de ensino.

Recordemos quanto lutou Coimbra, no século passado, para manter o exclusivo do ensino médico; depois de um esforço de muitas dezenas de anos, aquele ensino estendeu-se às cidades de Lisboa e Pôrto e daí datam os maiores progressos da medicina portuguesa.

Coimbra perdeu há muito o exclusivo do ensino superior e isso foi um bem para a ciência portuguesa. É preciso que não se caia agora no mesmo êrro, centralizando-o na capital.

Na Alemanha, que é ainda hoje a nação em que a ciência tem maior culto, existem mais de vinte universidades, e podem ver-se institutos de investigação científica tão notáveis em Heidelberg ou em Bonn como em Berlim.

Não pensei que ofendia a nossa capital, alvitando que a lição da Exposição Colonial do Pôrto se prolongasse, e que a segunda cidade do País colaborasse no desenvolvimento, tão necessário, da cultura colonial.

Quem percorrer a bibliografia que termina o meu citado opúsculo (1) ficará convencido, sem dúvida, que não seria contrária à tradição portuense a intensificação dos estudos de Antropologia e Etnologia coloniais na capital do Norte.



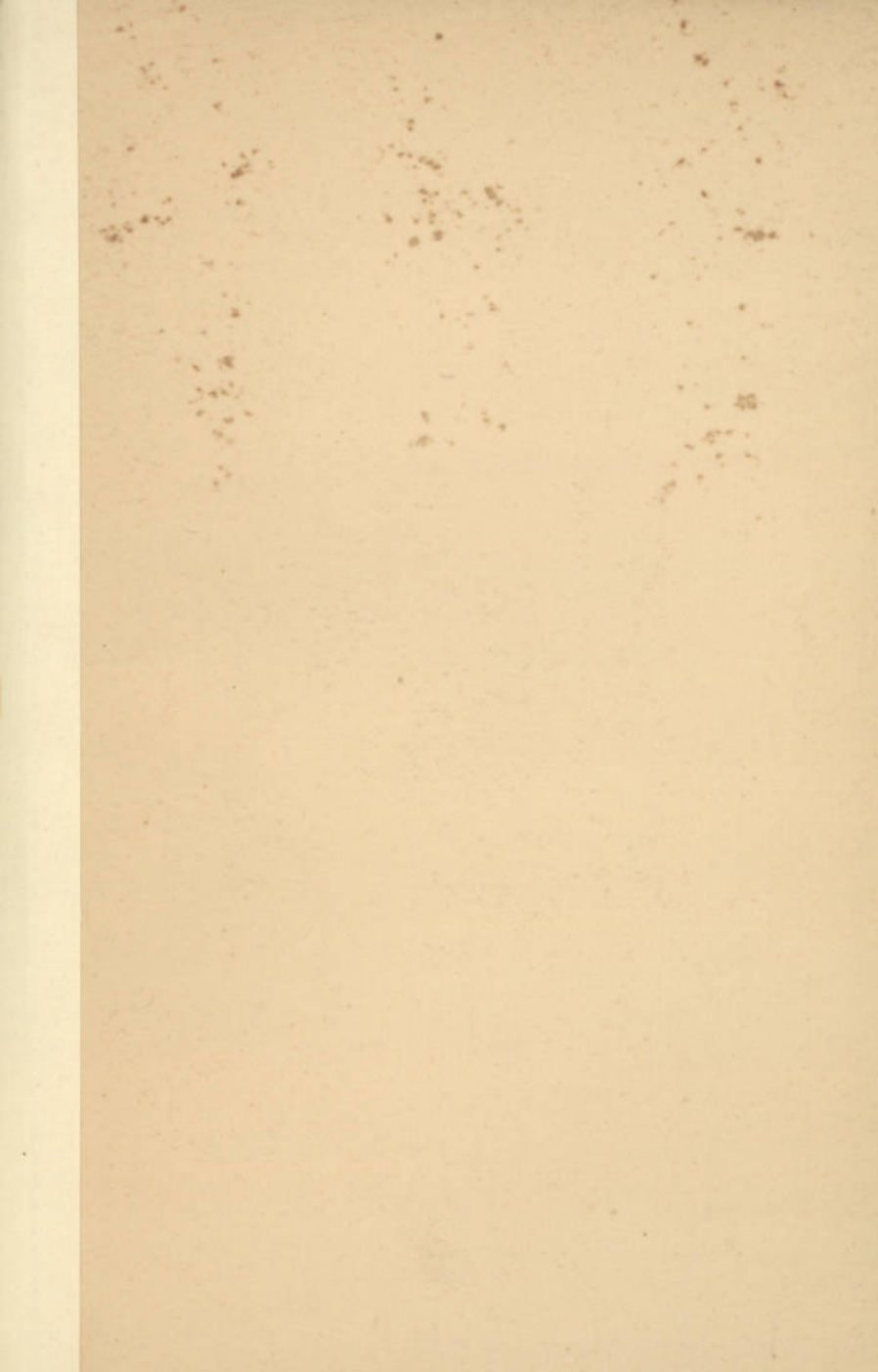
(1) Reeditada neste livro, pág. 175 e seg.

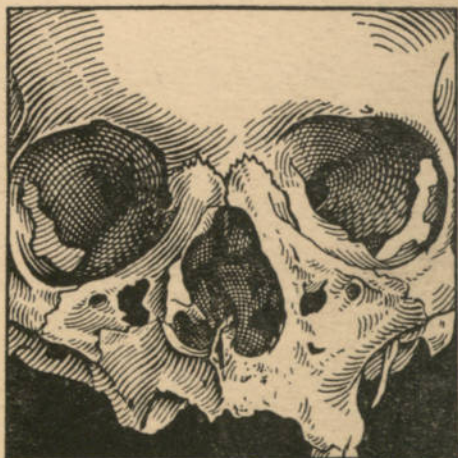
ÍNDICE

	Pág.
Prefácio	5
I — Angola	9
II — Moçambique	43
III — Guiné	65
IV — Timor	113
V — O que temos feito e o que precisamos de fazer	133

As gravuras da capa reproduzem desenhos do
Sr. Manuel Ferreira, desenhador-fotógrafo do
Instituto de Anatomia do Porto.

Acabou de imprimir-se este livro
no dia 2 de Junho de 1938.





M.A.F. 1938